

bc

BIBLIOTECA CARIOCA

BOM-CRIOULO

BOM-CRIOULO, romance de ADOLFO CAMINHA, surpreende pela ousadia e o trato de um tema de difícil solução na Literatura Brasileira. Na verdade, não existia — até bem pouco tempo — nenhum movimento de emancipação de minorias sexuais que tivesse valorizado produções literárias sobre o assunto. Em *Bom-Crioulo*, o autor explora a influência da escravidão no comportamento dos indivíduos, particularmente num momento em que o chicote do capataz é substituído pela chibata do mestre. Continua-se numa ordem que gera a força e combina-a, transmutando-a em passividade.

É este mundo quebrado, rachado lá no fundo, em conflito consigo mesmo, que Adolfo Caminha nos desvenda. O heroísmo e o garbo de uma Marinha sempre vista como “elite” são postos a nu, com a crueza do Naturalismo então em voga. De um lado estão os oficiais — limpos, corretos, belos e “tesos” — enquanto os “outros” são os marinheiros e os grumetes, sempre subservientes, estúpidos e lânguidos.

Tão grande se torna a simbiose homem-natureza na narrativa, na forma homem-mar, que as mesmas forças que movem o mar explicam os homens. Assim, o convés do navio — espaço livre, sem tempo e sujeito a outra ordem — surge como um palco especial para a natureza exercer suas leis — não há mistérios. Todos estão sujeitos às suas marés, às mudanças de luas, ao balanço e ao ritmo do vento e presos por correntes profundas, rápidas e poderosas, que os transportam muitas vezes para cenários que desconhecem e onde representam, conforme as regras, papéis que rejeitam. Enfim, a última noite a bordo. A primeira noite de Amaro, o Bom-Crioulo, e Aleixo.

BOM-CRIOULO

Adolfo Caminha



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural

Coleção *BIBLIOTECA CARIOCA*
Volume 15

Organizador
Afonso Carlos Marques dos Santos

Direitos desta edição reservados ao Departamento
Geral de Documentação e Informação Cultural.
Proibida a reprodução, total ou parcial, e por qualquer
meio, sem expressa autorização.
Impresso no Brasil — *Printed in Brazil*
ISBN 85-85096-17-9

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de
Documentação da DDB do CT/DGDI

- C183b Caminha, Adolfo, 1867-1897
Bom-Crioulo / Adolfo Caminha. — Rio de
Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Tu-
rismo e Esportes, Departamento Geral de Docu-
mentação e Informação Cultural, Divisão de
Editoração, 1991.
125 p. — (Biblioteca Carioca; v. 15)

I. Título.

CDD — B8693
CDU — 869.0(81)-3

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Marcello Alencar

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES
Carlos Eduardo Novaes

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL
Helena Corrêa Machado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO
Paulo Roberto de Araujo Santos

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Afonso Carlos Marques dos Santos

Membros

Helena Corrêa Machado

Paulo Roberto de Araujo Santos

Sandra Horta Marques da Costa

Samira Nahid Mesquita

Maurício de Almeida Abreu

Maria Augusta F. Machado da Silva

Evelyn Furquim Werneck Lima

Anna Maria de Andrade Rodrigues

Eliana Rezende Furtado de Mendonça

Edição e revisão de texto — Divisão de Editoração do CT/DGDI
Ana Lucia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa e
Rosemary de Siqueira Ramos

Capa e projeto gráfico da coleção
Ivone Barros

Diagramação e arte-final da capa
Vera Camisão
Da Assessoria de Comunicação Social/SMCT

1991

Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural
Rua Afonso Cavalcanti, 455 sl. 201
Cidade Nova — Rio de Janeiro CEP 20211 Tel.: 273-9390

SUMÁRIO

PREFÁCIO de Francisco Carlos Teixeira da Silva
Adolfo Caminha: um mundo dividido, 7

BOM-CRIOULO, 21

GLOSSÁRIO, 111

BIBLIOGRAFIA

Obras do Autor, 124

Sugestões de leitura sobre o Autor, 124

Adolfo Caminha: um mundo dividido

*Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos
Entre cantos e chibatadas
Inundando o coração
Do pessoal do porão
Que a exemplo do feiticeiro
Gritava então:
Glória aos piratas, às mulatas, às sereias*

(...)

*Mas salve
Salve o navegante negro
Que tem por monumento
As pedras pisadas do cais*

Mas faz muito tempo...

João Bosco/Aldir Blanc
"O mestre-sala dos mares", 1974

*Ser burro é um delícia nesta terra de gênios.
Adolfo Caminha*

INTRODUÇÃO

Entrei em contato, pela primeira vez, com o romance *Bom-Crioulo* (1895), em Berlim Ocidental, durante um seminário sobre o Realismo e o Naturalismo na literatura. Na ocasião, nos surpreendeu, a todos os participantes do seminário, a ousadia e o trato de um tema de difícil "solução" literária entre nós. Mesmo mestres, como Machado de Assis, tinham se detido ante suas implicações (embora, de forma insinuada e brilhante, o tenha sugerido em vários momentos). Assim, parecia, mas era só aparência, não existir em português nada próximo a *O imoralista*, de André Gide (1869-1951) ou a *Alf*, de Bruno Vogel. Na verdade, não existia — até bem pouco tempo — nenhum movimento de emancipação de minorias sexuais que tivesse valorizado ou incentivado a literatura sobre o tema. A luta contra o Parágrafo 175, na Alemanha, que estabelecia severas penas para o homossexualismo, motivou e uniu intelectuais, trabalhadores, juristas e aristocratas em grupos de forte militância contra a discriminação. Em particular, Magnus Hirschfeld, com seu *Wissenschaftlich-humanitären Komitee* representou um aprofundamento da luta contra a discriminação e, simultaneamente, contra a promiscuidade e a prostituição que alimentavam as escusas da repressão.

Entre nós, o tema mereceu muito mais atenção de médicos e pedagogos, como atestam as teses da Faculdade de Medicina e os regulamentos dos internatos, do que de intelectuais que, como Hirschfeld, estivessem interessados na "promoção humana" (ponto de vista progressista à sua época). Alegar a inexistência da questão não é uma saída, já que estão aí relatórios de polícia, chacotas de jomais da época e as teses dos médicos. Talvez, não fosse problema — como nos diz Amaro, ao refletir sobre sua sexualidade. Entretanto, as próprias dúvidas do personagem-título nos deixam entrever outros níveis de argumentação. Todavia é interessante notar como a questão, até hoje, é menos politizada do que na Alemanha, Suíça ou no Império Austro-Húngaro, onde também, os homossexuais são menos confundidos com um *ersatz* da mulher. Daí a forte diferenciação entre homossexuais e *tunten*, ou seja, o indivíduo que não está decididamente identificado com seu sexo, não se tratando pois de alguém que tivesse tido a "chance" de escolher.

Seria interessante estabelecer a inserção, entre nós, destas diferenças,

se existentes, no social e no mental. Um país patriarcal, como o nosso, deveria oferecer um panorama de compreensão diferenciado da Alemanha ou Suíça, não só no nível do "econômico" mas, também, nas respostas que a sociedade dá a todos aqueles que atravessam suas leis. Seria particularmente importante desdobrar a influência da escravidão (dissolução ou não da família, elogio à dominação, filialização do mais "fraco", a passividade imposta, a reificação do homem) no comportamento dos indivíduos. Particularmente, num momento em que o chicote do capataz é substituído pela chibata do mestre. Continua-se numa ordem que gera a força (o cultivo de "adolescentes vigorosos" por um certo comandante) e a combina, a transmuta em passividade. O máximo prazer dos oficiais (com a exceção de um, que desde os tempos de estudante na Academia já se manifestara contra a chibata) é quando a força é quebrada e se subvertem as situações.

É este mundo quebrado, rachado lá no fundo, em conflito consigo mesmo, que ADOLFO CAMINHA (1867-1897) nos desvenda. O heroísmo e o garbo de uma marinha sempre vista como "elite" são postos a nu, com a crueza do naturalismo então em voga. A reedição do romance-chave de Adolfo Caminha surge como uma tentativa, vitoriosa, de mostrar um lado sórdido, torturado, logo humano, de uma parcela da História. Talvez, por isso mesmo, o livro e o tema tenham sido sepultados no silêncio da censura social imposta por críticos e autores zelosos do nosso "patrimônio" literário (*A Antologia escolar brasileira* do MEC, de 1975, nem sequer registra Adolfo Caminha). A redescoberta de Caminha talvez lance um pouco de luz sobre outras obras "malditas", como *O barão de Lavos*, de Abel Botelho ou *O estupro*, de Pedro Muniz. Não se trata de um mero prazer *voyeur* sobre o passado. No caso do *Bom-Crioulo*, estruturas básicas da discriminação já estão dadas, compreendê-las é uma parte importante da sua própria superação, do reencontro do indivíduo com seu próprio desejo.

Caminha é acima de tudo um mal-adaptado ao cinismo e à hipocrisia, por isso consegue ser tão fiel aos conflitos humanos. Ao longo da vida, o autor não se cansou de ferir as normas: manifestos contra a chibata, a fuga com uma mulher casada, a recusa em aceitar ordens do ministro da Marinha (então o barão de Ladário), a exoneração, a vida literária conturbada, a crítica direta aos confrades da "Padaria Espiritual", em suma, um espírito não disposto à conciliação, à transação com tudo que considera falso.

Ao mesmo tempo trata com extrema franqueza, mesmo crueza, mas

também com simpatia humana, personagens como Amaro (que o único biógrafo de Caminha denomina de "monstro"), destacando o desvario das pessoas causado pelo amor (ele mesmo não "jogara fora" sua carreira de oficial por amor?).

Este é o compromisso básico de Caminha, tanto no *Bom-Crioulo*, como em *A normalista* (1893), *Cantas literárias* (1895) ou *Tentação* (1896), onde a humanidade "suburbana", a marginalidade carioca ou cearense, a classe média jacobina e florianista são vistas através de suas crises, audácias e mesquinhez. Não se trata de "gostar" ou não, mas de reconhecer aí uma sociedade tão rica como a nossa.

É, enfim, esta a sociedade que Caminha descreve, retratando algumas vezes a si mesmo.

A PAISAGEM IMÓVEL: O RIO E O MAR

Amaro parou, num frêmito, diante deste "rio imenso" e sentiu, pela primeira vez, e com intensidade, a sensação de ser livre. A sua frente estendia-se, calmo e lânguido, "um rio largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e um morro alto, em ponta varando as nuvens." Terminava frente a esta paisagem exuberante a longa marcha de Amaro em busca da liberdade: dos cafezais do Paraíba fluminense até o porto da capital do Império do Brasil (por ironia, um caminho inverso daqueles que chegavam livres e só descobriam a escravidão ao contemplar esta mesma paisagem).

Face à imensidão, à calma e à tranquilidade deste mar, Amaro reencontra, ele possivelmente cafre vindo da África, sua dignidade, sente-se mais homem, mais forte — deixa para trás a mais completa e brutal alienação. A sua volta destaca o vagar do tempo, o ritmo próprio das águas, o movimento dos barcos, e valoriza esta tranquilidade e esta calma.

A calma.

O que significa, exatamente, "a calma" que se repete sempre que Amaro pensa no mundo ou simplesmente olha a paisagem? Claro, uma oposição à falsa multidão da senzala, do canto cativo no eito,

da gritaria no terreiro e aos batuques — tudo, enfim, que se identifica com a escravidão. Mas resta ainda uma certa comunhão, identidade que flui nas águas, entre homem e natureza. A natureza é calma, não se altera fora de sua mecânica, não desperdiça suas forças e, assim, envolve o homem (todos os homens?) e lhe transmite suavidade e força: “mal se percebe o movimento”. Porém, ela se move. Lenta, quase imperceptível, em direção aos seus objetivos, cumprindo o seu destino e, por isso mesmo, tão poderosa. A lentidão não apaga o movimento: e mesmo a corveta, velha, descamada e suja, move-se como um imenso morcego apocalíptico. Nada simboliza melhor esta paisagem aparentemente imóvel do que o mar: “a larga superfície do oceano estendia-se muito polida e imóvel sob a irradiação meridional do sol”. Mesmo o homem era envolvido e obrigado a curvar-se frente às forças da natureza, cegas pois se repetiam incessantemente, mas, de forma alguma, estúpidas, já que cumpriam leis de uma mecânica ainda não revelada. É sempre o mesmo “sossego e continua a pasmaceira, o tédio, a calma sem fim...”. Tudo isso se comunicava aos homens sob a forma de indolência, bocejos e espreguiçamentos que o sol dos trópicos, brilhando sobre os cobres do convés, só vinha alimentar. Apenas o tenente, limpo e correto, se revoltava, olhava o cronômetro de ouro comprado em Toulon e ansiava por ventos que o levassem dali. Mas, escritor de tratados de navegação, sabia ser um vão combate.

A paisagem encerrava verdades difíceis de entender. Nada mais claro que a imobilidade do mar que se bate: ele nunca muda, é sempre o mesmo deserto, o mesmo silêncio mas, ao mesmo tempo, tem em si correntes profundas, rápidas e poderosas, que amarram, imobilizam e transportam. Ninguém voltava o mesmo de uma viagem. Nunca. Nem mesmo Amaro, o Bom-Crioulo.

Tão grande se tomava esta simbiose homem-natureza, na forma homem-mar, que as mesmas forças que moviam o mar explicavam os homens. Ou talvez, a natureza acabasse por se humanizar e, corruptível, repetisse os homens. Assim, o convés do navio — espaço livre, sem tempo e sujeito a outra ordem — surgia como um palco especial para a natureza exercer suas leis: não havia mistérios. Todos estavam sujeitos às suas marés, às mudanças de luas, ao balanço e ao ritmo do vento e presos por correntes profundas, rápidas e poderosas, que os amarravam, imobilizam e os transportavam muitas vezes para cenários que desconheciam e onde representavam, conforme as leis, as regras, papéis que rejeitavam. Muitas vezes, o outro — observador implacável dos papéis que não lhe cabem — adivinhará com facilidade o desfecho da cena, recitará

a fala final muito antes do personagem, pois a natureza, mesmo sórdida, é inteligível. Assim será Dona Carolina, que sabe do papel de Amaro muito antes dele mesmo. Também, todos aqueles homens, em especial Amaro, que repudiam suas "falas" e seus "papéis" mas que, tomados de furor, são arrastados por uma correnteza que sai deles mesmos para cumprir estes mesmos papéis. A calma engana, esconde: todos sabem do que o mar é capaz, todos sabem do que o Bom-Crioulo é capaz — são os ventos e as tempestades, que são antevistos só por leves movimentos, tão tênues que ninguém poderia lhes adivinhar toda a extensão, mas que, em dadas condições, não mais são contidos. Assim é o mar, que sustenta a corveta, que sustenta os homens todos tão unidos pelas mesmas forças que é difícil vê-los só por si: "É o pano, largo e frouxo, a bater, a bater como uma cousa desesperada". Uma imagem reúne os pólos: desesperado e frouxo. A natureza, unindo homens e o mar, os erotiza: "o pano começava a bater frouxo, mole, inchando... para recair depois... no mesmo abandono". A natureza tripudiava, exagerava nos seus frios e calores, nas suas luzes tão meridionais, nos seus rumores em tudo reavivando memórias, agulhando saudades, disparando mecanismos que só se esgotam ao seu final: "um calor forte e asfixiante penetra a carne, acelerando a circulação, congestionando, irritando o sistema nervoso atrocemente, implacavelmente. Toda a atmosfera parecia vibrar num incêndio universal". Era quase uma imposição contrariá-la, avançar, ir contra a natureza e assim, superando-a, conformar-se com ela.

Só o tenente olha o relógio de ouro e escreve tratados; na sua ânsia (*Sehnsucht*), procura compreender a dinâmica das correntes profundas. A salvação estava no fim da viagem, no espetáculo da baía revisitada, na cidade com seus freges, quiosques e suas casas com mulheres (e mesmo francesas e polacas) onde a natureza era aplacada e, no mais das vezes, enganada. Era assim que Amaro — forte, temível, poderoso — "dava péssima cópia de si mesmo". No Rio, o calor de alto mar era substituído por uma certa "umidade, um frio" que vinha das montanhas e entrava pelas escotilhas e que atacava os homens com um "enervamento irresistível", tomando-se dominador e definidor das últimas dúvidas, concentrando nos olhos de marinheiros e oficiais "um desejo louco de amor físico".

Cabia, ainda que face à cidade, mais um dia e uma noite a bordo: olhar o "Pão d'Açúcar, talhado a pique, sombrio, íngreme, batido pelas ondas, guardando a entrada (da barra) e mais longe, para o sul — tênue final de uma espécie de cordilheira primitiva e bronca, o cocuruto da Gávea, cinzento, dominando o mar". Em frente à ilha Rasa, com seu farol de pedra branca, a longa faixa de areia branca

da Marambaia, a pequena cidade de Niterói e lá no longe a sombra brumosa do Cabo Frio.

Enfim, a última noite a bordo. A primeira noite de Amaro e de Aleixo.

Só o tenente, limpo e correto, com seu relógio de ouro, permanecia a bordo.

A PAISAGEM MÓVEL: RIO DE JANEIRO, UMA HUMANIDADE BREJEIRA

O dia era saudado, nas suas primeiras luzes, com o "sino fanhoso" do mosteiro de São Bento, que batia as matinas desde as três horas. Por toda a baía os cometas prenunciavam o dia, lançando o convés dos navios de guerra em grande rebuliço. No cais Pharoux, para os lados da Alfândega, o silêncio era substituído pelo murmurinho dos homens dos escaleres e catraieiros, uma lancha com seu uivo de vapor cruzava a baía. Todas as gentes podiam ali ser vistas: marinheiros, soldados, mercadores, remadores, os botes de ganho, a barca de banhos, a polícia que passava rápida em direção a algum infortúnio, os imigrantes que chegavam num grande navio de ferro e seu comandante com grandes bigodes como o imperador da Alemanha.

Eis o Rio de Janeiro: a abundância, os prazeres, a festa. Esta cidade "tão falada, onde havia uma grande montanha chamada Pão d'Alçúcar e onde o imperador tinha um palácio, um casarão bonito com paredes de ouro" e onde também se podia alugar um quarto numa casa de cômodos por quinze mil-réis. Sim, um quarto com uma cama larga e se podia viver sossegado, pois no Rio não "se reparava essas cousas".

Era uma cidade que Amaro conhecia bem, embora sempre mutável. Seus limites ficavam entre o cais e a rua da Misericórdia — passando pelo chafariz e "o velho pardieiro dos Braganças, o sombrio casarão, em que durante quase um século, a monarquia fez reclamo de suas pratas". Para divertir-se, era fácil: estava sempre cheia a Guarda-Velha, a fábrica de cerveja, com música e seu público de

marinheiros e soldados, exibindo suas fardas de festas. Ou ainda o Passeio Público, mais discreto, com seus coretos e banquinhos no final da linha do bondinho da Lapa. Havia ainda ruas perigosas, como a dos Arcos ou Senhor dos Passos, onde crimes terríveis já se haviam dado — sempre homens ciumentos dispostos a não repartir suas paixões.

Nada temia, nada perturbava Amaro. Não se envolvia em brigas por mulheres, com quem os embates sempre foram perdidos, e quando estas existiam, eram sempre em função da bebida, que, misturada ao sangue negro, libertava os demônios nele contidos. Razões desconhecidas, talvez só por Amaro, o obrigavam a ser o mais forte, provar “ser o mais homem”, quebrar a cabeça de qualquer um, enfrentar a polícia, e brigar “pra matar galego no cais”. Às vezes andava só pela noite, enervava-se, sentia-se mal e então “armava-se de navalha e ia para o cais, todo transfigurado, os olhos dardejando fogo, o boné de um lado, a camisa aberta num desleixo de louco, e então era um risco, uma temeridade alguém aproximar-se dele”.

Amaro estava como perdido na cidade; a paisagem era móvel, não havia a ordem clara, visível do convés: oficiais, o negro Agostinho chicoteador e ele, Amaro, o mais forte, o mais homem. Em terra, a ordem refluiu, faltava, ele quer restabelecê-la com seus braços.

A ordem só voltava a existir quando se encontrava no seu quarto com Aleixo, tudo voltava a ser claro, inteligível. Assim, a cidade era um convite à briga, à bravata, ao heroísmo: salvar Dona Carolina dos assaltantes, socorrer um desconhecido apoplético e enfrentar a polícia no cais. Amaro deveria ser mais que os outros, estar diferenciado, libertado: ex-escravo que todos temiam e homem que, sozinho, assustava-se consigo mesmo. O navio, a velha corveta, solta sobre as águas como um morcego apocalíptico, tinha mais amarras que a cidade, escorregadia, movediça.

Assim, ao fim da viagem, Amaro entristecera. Entre tantos homens felizes de verem a terra, o Bom-Crioulo temia.

O tenente, olhando seu relógio de ouro, recolhia-se em seu camarote.

UMA HUMANIDADE DIVIDIDA: A CERIMÔNIA DA "AMOSTRA"

Ordem. Mas, a que ordem referencia-se Amaro? Claro, à ordem do convés, do comando, tão bem caracterizada nesta cerimônia cruel e prazerosa, onde todos assistem a um ser chicoteado por outros. As regras eram claras, já sabidas, decoradas, não havia dúvidas. Antes de ser chicoteado, o homem devia responder — sim, senhor — que sabia o motivo da punição. Tudo se resumia a dois pontos: não se submeter e/ou ir contra a natureza. Assim, malgrado o agulhão do sol e do mar, do enervamento, todos deviam evitar o proibido — ou melhor, deviam evitar que o outro reconhecesse o proibido na sua prática.

De um lado, estavam os oficiais: limpos, corretos, belos e "tesos", enquanto os "outros" eram os marinheiros (de primeira ou segunda classe) e os grumetes, sempre subservientes, estúpidos e lânguidos. Não há pontes entre o oficial louro, de bigodes, em sua vistosa farda e essa outra humanidade comprimida no convés: mesmo Agostinho, o que maneja a chibata ou os grumetes, rapazinhos bonitos, que cuidam dos camarotes dos oficiais, não fazem parte da humanidade que tem seu olimpo na "praça d'Armas". Há apenas um momento em que ambos ficam face a face: a cerimônia da "amostra". O oficial louro lê para os marinheiros o código: "Desobediência, embriaguez e pederastia são crimes de primeira ordem. Não se iludam!". (Depois, tomando suas limonadas na praça d'Armas, os oficiais comentavam baixinho estas amizades escandalosas e riam maliciosamente). Começava, então, a cerimônia: Agostinho batia furiosamente, prazerosamente, esperando pelo grito de misericórdia, "sentindo um prazer especial naquilo". Os outros olhavam somente, temerosos, concededores de suas próprias fraquezas: "era um respeito profundo, chegando às raízes da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for" e que encontra seu ponto de maior baixa na obrigatoriedade de reconhecer a justiça da punição, no querer apanhar para sentir-se novamente livre, limpo: "— Sim, senhor!".

Amaro também conhece a "amostra": também enfrenta Agostinho (um embate antinatural de duas forças feitas para dominar e por isso mesmo ansiado por todos) e quase que almeja o choque, pois era a prova que poderia dar a Aleixo. Resistir, nada dizer, manter-se ereto mesmo que ao sangrar tenha feito Agostinho vencer: "Por sua vez Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rjeza do seu pulso". Também o comandante vence: a ordem é mantida. Talvez algo mais, ao ver a força vencer a força, a

brutalidade quebrar a resistência, é tomado de "um acesso em súbita cólera, mal-humorado sob a luz ardentíssima do meio-dia tropical".

A "mostra" concretiza o processo de distribuição da economia política do prazer, para todos os membros da equipagem. Ninguém a bordo gostava do "Pinga", garoto fraco e enjoado, e é mesmo a "indiscreta curiosidade" dos companheiros que leva o masturbador à punição; os golpes de chibata são uma calada vingança de todos contra o Pinga. Com Amaro, todos assistem a um embate, como uma rinha, uma tourada: Agostinho prova sua força, os oficiais "realizam" a "amostra" (o prazer de olhar) e Amaro prova sua macheza. É um acordo entre vítimas e carrascos, que deixa marcas profundas a quem dele participa. Amaro, vítima, o repetira sob forma de algoz, mesclando o ódio e o desejo: "era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer... Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria (...) era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas...".

Todos terminavam partidos, quebrados ao fundo, procurando unir as partes: o comandante que não batia, só olhava; Agostinho, detido com o braço no ar no momento do seu maior gozo; Amaro, enfim, à beira da queda. Todos divididos, sem saber se seus impulsos eram seguir a natureza, ou ao contrário, ir contra ela.

Só o tenente, correto, fingia olhar o relógio de ouro para não ver o espetáculo.

INDIVÍDUOS DIVIDIDOS: A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL DE ALEIXO

Como todos que os cercavam, também Amaro, Aleixo e Dona Carolina estavam divididos. Partidos entre o seu ser, formal, e seu vir a ser, o seu desejo, real. Assim, seus atos são como um zigzaguear que os levará aos desejos, à natureza, que negam, ou ao menos que procuram adiar.

Amaro só conhece o amor aos trinta anos, ainda virgem, e assim mesmo por um homem: um crime contra a natureza, que procura minimizar: "se os brancos, além disso oficiais, fazem...". Mas, mesmo

assim delira frente à corrente que o arrasta. Mesmo quando reconhece o desejo, não reconhece a sua legitimidade: "era uma questão à parte, que diabo! Ninguém está livre de um vício". Era também uma "imoralidade". Também um "delito" e, ao mesmo tempo, "algo em que se não reparava". Para estar bem consigo mesmo bastavam duas coisas: provar ser macho, o mais forte, o melhor de briga e que "não lhe dissessem na cara, porque então o negócio era feio".

Mas, Amaro sabe: ele não vai, não "pode" ir, com mulheres. O seu desejo se realiza, exuberante, só, exclusivamente, com outro homem. Mas, ainda aqui, que homem? Sim, Aleixo. Aleixo que mais parecia uma menina. Que no início procura afastar Amaro "com jeitos brejeiros de namorada", Aleixo, o *boy*, "rapazinho bonito", "o petit", "marinheirito", o *petit-Jesus*. Em tudo uma menina: suas formas, sua pele, suas "roupinhas" e seu cabelo. Amaro que "não vai com mulheres", se apaixona por Aleixo porque ele é homem. Mais uma vez estamos face ao indivíduo que não reconhece o desejo, o transfere e, assim, o torna mais aceitável.

E Dona Carolina? Velha, gorda e luxuriosa, cobiça o amante de Amaro. Ela, mulher, quer não o Amaro, monumento de carne e osso, mas o "marinheirito", o *boy*. Quer tê-lo, possuí-lo, desvirginá-lo como um amante faz com sua amada. Mantém-se amante com o velho português, por conveniência, por dinheiro e pela carne do açougue que ele lhe envia, mas faz sexo desregradamente com Aleixo, de quem "Bom-Crioulo já lhe havia dito que tinha formas de mulher".

E Aleixo? Ele não escolhe, é escolhido. Primeiro Amaro, com artimanhas, recria a relação pai-filho, erotizada e contomada de ameaças, e se apropria do "bonitinho". Depois, Dona Carolina: uma oferta de prazer infindo, com uma troca mínima de papéis, sempre como objeto da posse alheia. A sua suave masculinização, ao final, não esconde uma verdade: é a idade que avança e não um comportamento que se assume. Resta saber se Aleixo consente no seu próprio prazer. Com Amaro ele se faz de rogado, difícil e por fim cede (depois vai recriminar o negro) e com Dona Carolina ele pede, se oferece. Entretanto, com ambos espera o assalto final, e isso Amaro faz melhor. Por curtos momentos pensa em Amaro no hospital e se sobressalta. Medo? Sim, mas não só. Algo restava que fazia o negro nem parecer tão feio assim. Seja com Dona Carolina ou com Amaro, Aleixo definira uma relação polarizada em interesses (a proteção do negro no navio; a proteção da mulher na cidade) e

numa forma muito especial de amar (na verdade, de ser possuído). Colocava-se sempre com o ponto frágil de uma relação pai(mãe)-filho, negava-se a crescer, ser homem, como pensava Amaro. É, e quer permanecer, o "nenenzinho de bordo", aquele que limpa o camarote do tenente, com seu relógio de ouro, e de quem recebe uns cobreziños.

Francisco Carlos Teixeira da Silva

Doutor em História

Professor do Departamento de História/UFF

BIBLIOGRAFIA

- RIBEIRO, João Felipe de Sabóia. *O romancista Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1967.
- HIRSCHFELD, Magnus. *Die homosexualitat des Mannes und des Weibes*. Berlin, 1914.
- VOGEL, Bruno. *Alf*, Rosaverlag, Berlin, 1973.
- LYNCH, Michael e SPIERS, H. The gays rights. In: *The body politic*, Toronto, 1977.
- BAUMGARTEN, Manfred et alii. *Berlin, Eldorado*. Berlinmuseum, 1984.
- LANSON, Gustave. *Histoire de la littérature française*. Paris, Hachette, 1912.
- SOARES, Luís Carlos. *Prostituição e homossexualismo no Rio de Janeiro no século XIX*. London, University College, 1985. mimeo.
- HERZER, Manfred. *Lieb und Vernunft der Urninge*. Berlin, Bruno Gmünder Verlag, 1981.

BOM-CRIOULO

A velha e gloriosa corveta — que pena! — já nem sequer lembrava o mesmo navio d'outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimpendo serena o corcovo das ondas!...

Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de "patescaria". Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas té à primitiva pintura do bojo.

No entanto ela aí vinha — esquiife agourento — singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar...

Havia pouco entrara na região das calmarias: o pano começava a bater frouxo, mole, inchando a cada solavanco, para recair depois, com uma pancada surda e igual, no mesmo abandono sonolento; a viagem tornava-se monótona; a larga superfície do oceano estendia-se muito polida e imóvel sob a irradiação meridional do sol, e a corveta deslizava apenas, tão de leve, tão de leve que mal se lhe percebia o movimento.

Nem sinal de vela na linha azul do horizonte, indício algum de criatura humana fora daquele estreito convés: água, somente água em derredor, como se o mundo houvesse desaparecido num dilúvio medonho..., e no alto, lá cima, o silêncio infinito das esferas obumbradas pela chuva de ouro do dia.

Triste e nostálgica a paisagem, onde as cores desmaiavam à força de luz e a voz humana perdia-se numa desolação imensa!

Marinheiros conversavam à proa, sentados uns no castelo, outros em pé, colhendo cabos ou estendendo roupa ao sol, tranqüilamente, esquecidos da faina. As chapas dos mastros, a culatra das peças, varais de escotilha, tudo quanto é aço e metal amarelado reluz fortemente, encandeando a vista.

De vez em quando há um grande rebuliço: a mastreação geme, como se fora desprender-se toda, o pano bate com força de encontro às vergas, chocam-se cabos com um ruídozinho seco, e ouve-se o cachoeirar da água no bojo da velha nau.

— Agüenta! diz uma voz.

E volta o sossego e continua a pasmaceira, o tédio, a calmaria sem fim...

Já os primeiros sintomas de indolência refletiam-se no semblante

da gente, convertendo-se em bocejos e espreguiçamentos de sesta, e ainda ficavam tão longe as montanhas da costa e os carinhos da família!...

Escasseavam os gêneros, e o regímen da carne-seca e das conservas em lata aproximava-se ameaçadoramente, causando apreensões à marinagem.

Tinham dado onze horas na sineta de proa.

O tenente que estava de quarto no passadiço conferiu o relógio d'algibeira, um belo cronômetro de ouro comprado em Toulon, torceu o bigode, passou uma vista d'olhos no aparelho, e, dirigindo-se para a espada que descansava junto ao mastro, numa voz clara um pouco metálica:

— Cometa!

Era um oficial distinto, moço, moreno, os olhos vivos e inteligentes, grande calculista, jogador da sueca e autor de um *Tratado elementar de navegação prática*.

Ninguém a bordo o excedia na procura dos logaritmos. Calculava d'olhos fechados, e senos e co-senos acudiam-lhe à ponta do lápis de um modo admirável. Era, invariavelmente, o primeiro que achava a hora meridiana. Tomara-se conhecido logo ao sair da escola pelo seu entranhado amor às matemáticas e à vida naval. Como guarda-marinha deixava-se ficar a bordo nos dias de folga, somente "para não perder o hábito". Inimigo de terra, preferia o *far-niente* de seu camarote, ali ao pé dos livros e das fotografias marítimas, ao movimento esterilizador e absorvente dos cafês e dos teatros.

— Cometa! repetiu, carregando o semblante numa sombria expressão de constrangimento.

Outras bocas foram transmitindo a ordem té que surgiu, correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, d'olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência.

— Pronto! disse levando a mão ao boné com um jeito marcial.

— Toca mostra, ordenou o tenente.

Às primeiras notas da cometa, límpidas e sem eco no silêncio do mar alto, houve logo um estranho bulício em todos os recantos da corveta. — Agora os marinheiros, que descansavam à proa, olhavam-se por cima dos ombros com ar desconfiado. Na tolda e pelas cobertas o movimento foi-se acelerando à proporção que o toque finalizava, sobressaindo no atropelo a voz dos guardiães: — Sobe, sobe — tudo pra cima! — de envolta com um barulho de ferros que vinha dos porões.

O "mestre d'armas", cabrocha pedante, muito cheio de si e de seus galões reluzentes, ia enfileirando a marinagem por alturas, num exagero metódico de instrutor de colégio, arredando uns para colocar outros, advertindo estes porque não traziam a camisa abotoada e aqueles porque não tinham "fita" no boné, ameaçando estoutro de levá-lo à presença de "seu" tenente porque recusava-se a perfilar...

Oficiais começavam a aparecer em segundo uniforme — boné e dragonas —, arrastando as espadas, mirando-se d'alto a baixo, apertados no talim de pano azul, por cima da farda.

Com pouco estava tudo pronto, marinheiros e oficiais — aqueles alinhados a dois de fundo, num e noutro bordo, estes a ré, perto do mastro grande, em atitude respeitosa de quem vai assistir um ato solene.

Tinha-se feito silêncio. Uma ou outra voz segredava baixinho, timidamente. E agora, no silêncio da *mostra*, é que se ouvia bem o cachoeirar da água no bojo da corveta caturrando...

— Agüenta!

Por fim apareceu o comandante abotoando a luva branca de camurça, teso na sua farda nova, o ar autoritário, solta a espada num abandono elegante, as dragonas tremulando sobre os ombros em cachos de ouro, todo ele comunicando respeito.

Era homem robusto de feições e presença nobre, olhar enérgico, muito moreno, desse moreno carregado, cor de bronze, que o sol imprime nos homens do mar, bigode largo e compacto, levemente grisalho, com uma ponta de arrogância convencional.

Silêncio absoluto nas fileiras da marinagem. Cada olhar tinha um brilho especial de indiscreta curiosidade. Um frêmito de instintiva covardia, como uma corrente elétrica, vinha à face de toda aquela gente abespinhada ali assim perante um só homem, cuja palavra trazia sempre o cunho áspero da disciplina: Era um respeito profundo chegando às raias da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for.

— Os presos..., fez o comandante, sem se alterar, dando um puxão na manga da farda.

Todos os olhares voltaram-se para o fiel d'artilheria, vivamente curiosos, enquanto este, obedecendo à ordem, precipitou-se pela escada que ia ter à coberta, mudo e taciturno.

O tenente continuava no passadiço, a passear, como se tudo corresse às mil maravilhas naquele pequeno mundo flutuante de que ele era, agora, uma espécie de rei provisório. Ouvia-se-lhe o passo vagaroso e igual como o de uma sentinela noturna.

A luz intensa do sol caía do alto, pondo brilhos de malacacheta no cristal imenso do mar calmo. Um calor forte e asfixiante penetrava a carne, acelerando a circulação, congestionando, irritando o sistema nervoso atrozmente, implacavelmente.

Toda a atmosfera parecia vibrar num incêndio universal.

E o pano, largo e frouxo, a bater, a bater como uma cousa desesperada...

— Calmaria estúpida! pensava o tenente consultando os horizontes. — Ele, o grande patesca, a olhar o tempo, sem fazer nada, por causa de um diabo de calma interminável! Raríssimas vezes lhe acontecia aquilo: era mesmo para danar uma pessoa...

Chegam os presos: um rapazinho magro, muito amarelo, rosto liso, completamente imberbe; outro regulando a mesma idade, mas um

pouco moreno, também grumete; é um primeira-classe, negro alto, espadado, cara lisa.

Vinham em ferros, um a um, arrastando os pés num passo curto e demorado, e encaminharam-se para o meio do convés, fazendo alto a um aceno do comandante. Este imediatamente segredou a outro oficial, que estava a seu lado com um livro na mão, e, dirigindo-se ao primeiro sentenciado, o da frente, o rapazinho amarelo, cor de terra:

— Sabe por que vai ser castigado?

O grumete, sem levantar a cabeça, murmurou afirmativamente: que sim, senhor...

Chamava-se Herculano e no seu rosto imberbe de adolescente havia uns longos de melancolia serena, assim como uma precoce morbidez sintomática..., um secreto arrependimento.

Na gola quadrangular de flanela azul destacava a divisa branca da sua classe.

As unhas metiam náusea, muito quilotadas de alcatrão, desleixadas mesmo. Triste figura essa, cujo aspecto deixava uma impressão desagradável e persistente.

O comandante, depois de um breve discurso em que as palavras "disciplina e ordem" repetiam-se, fez um sinalzinho com a cabeça e logo o oficial imediato, um louro, de bigode, começou a leitura do *Código* na parte relativa a castigos corporais.

A marinagem, analfabeta e rude, ouvia silenciosa, com um vago respeito no olhar, aquele repisado capítulo do livro disciplinar, em pé, à luz dura e mordente do meio-dia, enquanto o oficial do quarto, gozando a sombra reparadora de um largo toldo estendido sobre sua cabeça, ia e vinha, de um bordo a outro bordo, sem se preocupar com o resto da humanidade.

Junto aos presos equilibrava-se um homem de grande estatura, largo e reforçado, tipo de caboco nascido no Amazonas, trajando fardeta e boné e segurando com ambas as mãos, sobre o joelho em descanso, o instrumento de castigo: era o guardião Agostinho, o célebre guardião Agostinho, especialista consumado no ofício de aplicar a chibata, o mais robusto e valente de todos os guardiães, e cujo zelo em cousas de "patescaria" tomara-se proverbial. Nos momentos de manobra difícil, era ele quem auxiliava o mestre na faina, invariavelmente munido de um apito de prata, não se afastando nunca de suas obrigações.

— Caboco macho! diziam os companheiros.

Se acontecia desprender-se um moitão, um cabo qualquer, lá cima nos mastros, em lugar arriscado, ele, mais que depressa, galgava os enfrechates, com aquele corpo muito pesado, transpunha o cesto de gávea, sem olhar pra trás, e ei-lo agarradinho aos vaus, atando e desatando, ligeiro, alvo de todos os olhares, oscilando com o navio, em termos de precipitar-se no mar. Homem de poucas palavras, muito metido consigo, tolerante e enérgico ao mesmo tempo em matéria de serviço, não compreendia disciplina sem chibata, "único meio de se

fazer marinheiro”.

E tinha sempre esta frase na ponta da língua: — Navio de guerra sem chibata é pior que escuna mercante...

Por isso os marinheiros não o estimulavam muito; pelo contrário, evitavam a sua presença, procurando intrigá-lo com o mestre e com os outros inferiores. — O guardião Agostinho, sim, que era homem valente, capaz de comandar um quarto...

E iam às escondidas, praguejando contra “o burro do Agostinho, que nem ao menos tinha jeito para capitão de proa...”.

Ele ali se achava também, no seu posto, à espera de um sinal para descarregar a chibata, implacavelmente, sobre a vítima. Sentia um prazer especial naquilo, que diabo! cada qual tem a sua mania...

— Vinte e cinco..., ordenou o comandante.

— Tira a camisa? quis logo saber Agostinho radiante, cheio de satisfação, vergando o junco para experimentar-lhe a flexibilidade.

— Não, não: com a camisa...

E solto agora dos machos, triste e resignado, Herculano sentiu sobre o dorso a força brutal do primeiro golpe, enquanto uma voz cantava, sonolenta e arrastada:

— Uma!... e sucessivamente: duas!... três!... vinte e cinco!

Herculano já não suportava. Torcia-se todo no bico dos pés, erguendo os braços e encolhendo as pernas, cortados de dores agudíssimas que se espalhavam por todo o corpo, té pelo rosto, como se lhe rasgassem as carnes. A cada golpe escapava-lhe um gemido surdo e trêmulo que ninguém ouvia senão ele próprio no desespero de sua dor.

Toda a gente assistia aquilo sem pesar, com a fria indiferença de múmias.

— Corja! regougou o comandante brandindo a luva. Não se compenetraram de seus deveres, não respeitam a autoridade! Hei de ensiná-los: ou aprendem ou racho-os!

O caso era simples: Herculano tinha uns modos esquisitos de viver sempre retraído, pelos cantos, evitando a companhia dos outros, fazendo seu serviço calado, não se envolvendo em sambas, à noite, na proa. Tímido e esquivo, cada vez mais pálido, o olhar morto com uma pronunciada auréola de bistro, a voz cansada, caindo de fraqueza,— tinham-lhe dado o apelido ridículo de *Pinga*...

O grumete não podia se conformar com esse tratamento, por mais inofensivo que ele fosse, e vingava-se dos companheiros atirando-lhes palavrões de regateira aprendidos ali mesmo a bordo.

— Ó *Pinga*!...

Bastava isto para que ele desenrolasse o vocabulário do insulto numa cólera ameaçadora que às vezes chegava ao delírio.

Os outros, porém, caíam na gargalhada:

— Olha o *Pinga*! Segura ele!

— *Pinga* é..

E lá ia uma obscenidade, um calão grosseiro.

Palavra puxa palavra, quase sempre o gracejo acabava em questões de outra ordem e daí prisões, castigos...

Ora, aconteceu que, na véspera desse dia, Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados.

O outro, um mulatinho esperto, que tinha o hábito de andar espiando, à noite, o que faziam os companheiros, precipitou-se a chamar o Santana e, riscando um fósforo, aproximaram-se ambos "para examinar"... No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem.

Grande foi o seu desapontamento ao ver-se apanhado em flagrante naquela grotesca situação. Investiu para o Santana, furo de raiva, extremamente pálido, e com pouco estavam os dois agarrados numa luta corpo a corpo, aos trambolhões, acordando os que dormiam por ali o bom sono da madrugada... Terminou o alvoroço com a prisão de ambos.

— Ah! seu *Pinga*, seu *Pinga!*... repetia o guardião do quarto. Não pense que, por ser branco, há de fazer das suas...

Tal fora o delito de Herculano e do seu camarada Santana que também ia ser castigado.

O Santana, porém, não era lá rapaz que sofresse calado: tinha sempre o que dizer na ocasião do castigo, desculpando-se como podia perante a autoridade a fim de escapar manhosamente à ação criminal, o que nunca lhe sucedera, porque toda a gente o conhecia bastante.

Era um pobre-diabo de terceira-classe, moreno cor de jeripapo, cabelo rente, à escovinha, olhos negros, nariz açaçapado, cara magra, e cujo nome lá estava no livro de castigos um ror de vezes. Gago de nascença, fazia rir aos companheiros quando abria a boca para dizer qualquer cousa, principalmente se estava num de seus momentos de sobreexcitação colérica, porque, então, ninguém o compreendia.

Tinha a facilidade ingênita das lágrimas: a mais leve comoção fazia-o chorar, transformando-lhe os olhos em duas fontes de úmida ternura.

Pôs-se logo a gaguejar uma história de "implicações": que estava bem sossegadinho no seu canto e o Herculano fora provocá-lo, "implicar com ele"...

— Vamos guardião, vamos, que é tarde. Não estou para ouvir histórias. Vá!...

Agostinho vergou o junco e, resolutamente, sem inquirir cousa alguma, com um risinho de instintiva malvadez no canto da boca, desfechou o primeiro golpe:

— Uma! contou a mesma voz de há pouco.

O rapaz empinou-se na ponta dos pés, arregalando muito os olhos, esfregando as mãos.

— Ah! gemeu com um grito de dor. — Pe... pe... pelo amor de... de... de Deus, seu... seu... seu comandante!

— Vamos, vamos!...

Seguiram-se as outras chibatadas implacáveis, brutais como cáusticos de fogo, caindo uma a uma, dolorosamente, no corpo franzino do marinheiro.

Ele não teve jeito senão suportá-las todas, uma a uma, porque de nada lhe serviam os gritos, as súplicas e as lágrimas...

— Hei de corrigi-los, bradava o comandante, aceso em súbita cólera, mal-humorado sob a luz ardentíssima do meio-dia tropical.

— Hei de corrigi-los: corja!

Nenhum frêmito de comoção na marinhagem, testemunha habitual daquelas cenas que já não logravam produzir efeitos sentimentais, como se fora a reprodução banal de um quadro muito visto.

Começava a cair uma aragenzinha leve, tão leve que apenas atenuava a força cáustica do sol, inflando as velas quase imperceptivelmente.

O tenente, um pouco animado agora com a viração que precede os ventos largos, tomava notas num pequeno caderno, ansioso por chamar a gente aos "braços".

Meio-dia quase e ainda não estava acabado o castigo.

Seguia-se o terceiro peso, um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa, — o Bom-Crioulo na grina de bordo.

— Aproxime-se, disse o comandante imperiosamente, carregando na voz e no semblante.

Houve um sussurro longínquo, um leve, um tímido murmúrio nas fileiras da marinhagem, assim como o vago estremecimento que assalta os espectadores de um teatro nas mutações de cenário. Agora a cousa era outra, na verdade. O Herculano e o Santana, de resto, não passavam de uns pulhas, de uns miseráveis marinheiros que dificilmente agüentavam no lombo vinte e cinco chibatadas: uns criançolas!... Queria-se ver o Amaro, o célebre, o terrível Bom-Crioulo.

Fez-se nova leitura do *Código* em voz lenta e cadenciada de ofício religioso, e o comandante, formalizando-se dentro de sua farda muito justa e luzida:

— Sabe por que vai ser castigado?

— Sim senhor.

Estas palavras, Bom-Crioulo proferiu-as num tom resoluto, sem o mais ligeiro constrangimento, firmando o olhar, atrevidamente, nos galões de ouro daquele oficial. Em pé, junto ao mastro, unidos os calcanhares, os braços caindo ao longo do corpo, militarmente perfi-

lado, havia, contudo, na linha dos ombros, no jeito da cabeça, onde quer que fosse, um recolhido e traço de cunho de flexibilidade e destreza felinas.

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepunhando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisível e raro.

Esse dom precioso e natural desenvolvera-se-lhe à força de um exercício continuado que o tomara conhecido em terra, nos conflitos com soldados e catraieiros, e a bordo, quando entrava embriagado.

Porque Bom-Crioulo de longe em longe sorvia o seu gole de aguardente, chegando mesmo a se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda sorte de loucuras.

Armava-se de navalha, ia para os cais, todo transfigurado, os olhos dardejando fogo, o boné de um lado, a camisa aberta num desleixo de louco, e então era um risco, uma temeridade alguém aproximar-se dele. O negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém estava para sofrer uma agressão...

Quando havia conflito no cais Pharoux, já toda a gente sabia que era o Bom-Crioulo às voltas com a polícia. Reunia povo, toda a população do litoral corria enchendo a praça, como se tivesse acontecido uma desgraça enorme, formavam-se partidos a favor da polícia e da marinha... uma cousa indescritível!

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda-classe, porque este ousara, "sem o seu consentimento", maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se "cousas".

Metido em ferros no porão, Bom-Crioulo não deu palavra. Admiravelmente manso, quando se achava em seu estado normal, longe de qualquer influência alcoólica, submeteu-se à vontade superior, esperando resignado o castigo. — Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeíssimo!

A chibata não lhe fazia moossa; tinha costas de ferro para resistir como um hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata...

— Uma! cantou a mesma voz. — Duas!... três!...

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura

pra cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso d'alto a baixo no dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos.

Entretanto, já iam cinqüenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremecimento e soergueu um braço: a chibata vibrava em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária.

Por sua vez Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rijeza do seu pulso.

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe.

— Cento e cinqüenta!

Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinheiro e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue.

Nesse momento o oficial, ponteirando o óculo de alcance, procurava reconhecer uma sombra quase invisível que parecia flutuar muito longe, nos confins do horizonte: era, talvez, a fumaça dalgum transatlântico...

— Basta! impôs o comandante.

Estava terminado o castigo. Ia recomeçar a faina.

Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas d'algodãozinho, trouxe ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru. Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte — ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas conseqüências da fuga.

Nesse tempo o "negro fugido" aterrava as populações de um modo fantástico. Dava-se caça ao escravo como aos animais, de espora e garrucha, mato a dentro, saltando precipícios, atravessando rios a nado, galgando montanhas... Logo que o fato era denunciado — aqui-del-rei! — enchiam-se as florestas de tropel, saíam estafetas pelo sertão num clamor estranho, medindo pegadas, açulando cães, rompendo cafezais. Até fechavam-se as portas, com medo... Jornais traziam na terceira página a figura de um "moleque" em fuga, trouxa ao ombro, e, por baixo, o anúncio, quase sempre em tipo cheio, minucioso, explícito, com todos os detalhes, indicando estatura, idade, lesões, vícios, e outros característicos do fugitivo. Além disso, o "proprietário" gratificava generosamente a quem prendesse o escravo.

Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à "fazenda", voltar ao seio da escravidão, estremeceu diante de um rio muito largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e lá cima, beirando a água, um morro alto, em ponta, varando as nuvens, como ele nunca tinha visto...

Depois mandaram-no tirar a roupa do corpo (até ficou envergonhado...), examinaram-lhe as costas, o peito, as virilhas, e deram-lhe uma camisa azul de marinheiro.

No mesmo dia foi para a fortaleza, e, assim que a embarcação largou do cais a um impulso forte, o novo homem do mar sentiu pela primeira vez toda a alma vibrar de uma maneira extraordinária, como se lhe houvessem injetado no sangue de africano a frescura deliciosa de um fluido misterioso. A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as cousas etéreas... Tudo que o cercava: a planura da água cantando na proa do escaler, o imaculado azul do céu, o perfil longínquo das montanhas, navios balouçando entre ilhas, e a casaria imóvel da cidade que ficava atrás — os companheiros mesmo, que iam remando igual, como se fossem um só braço —, e

sobretudo, meu Deus! sobretudo o ambiente largo e iluminado da baía: enfim, todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas de chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... Aquele magnífico cenário gravara-se-lhe na retina para toda a existência; nunca mais o havia de esquecer, ó, nunca mais! Ele, o escravo, "o negro fugido" sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na "fazenda" trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugada até... sabe Deus!

No princípio, antes de ir para bordo, foi-lhe difícil esquecer o passado, a "mãe Sabina", os costumes que aprendera nos cafezais... Muita vez chegava a sentir um vago desejo de abraçar os seus antigos companheiros do eito, mas logo essa lembrança esvaía-se como a fumaça longínqua e ténue das queimadas, e ele voltava à realidade, abrindo os olhos, num gozo infinito, para o mar crivado de embarcações...

A disciplina militar, com todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regimen terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença... Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a fartar, como qualquer pessoa, hoje boa carne cozida, amanhã succulenta feijoada, e, às sextas-feiras, um bacalhauzinho com pimenta e "sangue de Cristo"... Para que vida melhor? Depois, a liberdade, minha gente, só a liberdade valia por tudo! Ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias — o mesmo serviço, a mesma folga. — "E quando a gente se faz estimar pelos superiores, quando não se tem inimigos, então é um viver abençoado esse: ninguém pensa no dia d'amanhã!".

Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rudo como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que "o negro dava para gente". Amaro já sabia manejar uma espingarda segundo as regras do officio, e não era lá nenhum botocudo em artilharia; criara fama de "patesca".

Nunca, durante esse primeiro ano de aprendizagem, merecera a pena de um castigo disciplinar: seu caráter era tão meigo que os próprios officiais começaram a tratá-lo por Bom-Crioulo. Seu maior desejo, porém, sua grande preocupação era embarcar fosse em que navio fosse, acostumar-se a viver no mar, conhecer, enquanto estava moço, os costumes de bordo, saber praticamente "amichelar uma verga, rizar uma vela, fazer um quarto na agulha...". Podia muito bem ser promovido logo... Invejava os que andavam no alto-mar, longe de terra, bordejando à solta por esses mundos de Deus. Como devia de ser bom para a alma

e para o corpo o ar livre que se respira lá fora, sobre as águas!...

Divertia-se a construir pequenas embarcações de madeira imitando navios de guerra com flâmula no tope do mastro e portinholas, cruzadores em miniatura, iatezinhos, tudo à ponta de canivete e com a paciência tenaz de um arquiteto.

Mas, nada de o fazerem embarcar definitivamente! Ia para bordo, às vezes, em exercício, remando no escaler, mas voltava logo com a turma dos outros aprendizes, triste por não ter ficado, sonhando histórias de viagens, cousas que havia de ver, quando pela primeira vez saísse barra fora...

Chegou afinal esse dia. Bom-Crioulo estava nomeado para embarcar num velho transporte que seguia para o sul.

— Ora, até! fez ele, erguendo os braços com um gesto de maravilhosa surpresa. Até que enfim, graças a Deus, lembraram-se do Bom-Crioulo!

E saiu por ali muito feliz, muito alegre, todo alvoroçado, anunciando seu destino. — Queriam alguma cousa do sul? Nem uma lembranzinha do Rio Grande? Nada, nada?...

— Traze uma paraguaia, ó Bom-Crioulo, gracejava um.

— Olha, eu me contento com uma dúzia d'ovos, de Santa Catarina...

Outros encomendavam-lhe cousas impossíveis: um pedaço de "gringo" assado; uma terça de sangue espanhol; a orelha de um "barriag-verde"...

E riam todos no rancho, e todos o que estimavam é que Amaro fosse muito feliz na sua primeira viagem, que voltasse gordo e forte "pra matar galego no cais dos Mineiros".

Alguns gabavam o comandante do transporte, o velho Novais, bom homem, que não gostava de castigar e que até era amigo dos marinheiros.

— E o imediato?

Ora, o imediato era um tal Pontes, um de suíças, que naufragara na corveta Isabel, muito feio, coitado, mas boa pessoa; também não fazia mal a ninguém, pelo contrário — marinheiro que lhe caísse nas graças era tratado a vinho do Porto...

Bom-Crioulo exultava!

O embarque devia se efetuar à tardinha, pouco antes de "amiar a bandeira".

Todo ele estava pronto, e via-se no olhar, na fala, nos modos, o grande contentamento de que estava cheio seu coração. Era uma felicidade estranha, um bem-estar nunca visto, assim como um começo de loucura inofensiva e serena, que o fazia mais homem vinte vezes, que o tornava mais forte e retemperado para as lutas da vida. Suave embriaguez dos sentidos, essa que vem de uma grande alegria ou de uma tristeza imensa... Bom-Crioulo só experimentara prazer igual quando o tinham obrigado a conhecer o que é liberdade, recrutando-o para a marinha. Essa liberdade ampliava-se agora a seus olhos, crescia desme-

suradamente em sua imaginação, provocando-lhe frêmitos de alucinado, abrindo-lhe n'alma horizontes cor-de-rosa, largos e ignorados

Não deixava um só inimigo, um rival sequer na fortaleza; ia bem com todos, egoísta na sua felicidade, mas levando a saudade irresistível dos que se vão embora...

Quando o escaler que o conduzia se afastou da ponte, onde os companheiros acenavam com os bonés, num entusiasmo comovente, ele sentiu a quentura de uma lágrima fugitiva descoer-lhe rosto abaixo, e, disfarçando, pôs-se também a acenar, em pé na embarcação, vendo sumirem-se, pouco a pouco, na bruma do crepúsculo, os contornos da ilha e as saudações da manuja.

Parecia-lhe ouvir ainda, na proa do transporte, como as últimas reminiscências de um sonho, a voz dos companheiros abraçando-o: — Adeus, ó Bom-Crioulo: sê feliz!

Não dormiu toda essa noite. Estendido no convés sobre o dorso, como se estivesse num bom leito macio e amplo, viu desaparecerem as estrelas, uma a uma, na penumbra da antemanhã, e o dia ressurgir glorioso, dourando os Órgãos, ourejando os edifícios, cantando o hino triunfal da ressurreição.

E pouco depois o esplêndido cenário da baía transformara-se num vastíssimo oceano deserto e resplandecente, desdobrando-se num círculo imenso d'água, onde não verdejava sequer um canto de oásis... A grandeza do mar enchia-o de uma coragem espartana. Ali se achava, ao redor dele, a sublime expressão da liberdade infinita e da soberania absoluta, cousas que o seu instinto alcançava muito vagamente através de um nevoeiro de ignorância.

Dias e dias correram. A bordo todos o estimavam como na fortaleza, e a primeira vez que o viram, nu, uma bela manhã, depois da baldeação, refestelando-se num banho salgado — foi um clamor! Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a manuja, que sorria boquiaberta diante do negro. Desde então Bom-Crioulo passou a ser considerado um "homem perigoso", exercendo uma influência decisiva no espírito daquela gente, impondo-se incondicionalmente, absolutamente, como o braço mais forte, o peito mais robusto de bordo. Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom-Crioulo com o seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como se alava um braço grande, como se abafava uma vela em temporal, como se trabalhava com gosto!

Entretanto, o seu nome ia ganhando fama em todos os navios. — Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! diziam os marinheiros. — Um animal inteiro é o que ele era!

Tinha um forte desejo ainda: suspirava por embarcar em certo navio, cujo comandante, um fidalgo, dizia-se amigo de todo marinheiro robusto, excelente educador da mocidade, perfeito cavalheiro no trato ameno e severo.

juízo dos outros. — Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio... A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem!

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã.

Chamou-o a si, com a voz cheia de brandura, e quis saber como ele se chamava.

— Eu me chamo Aleixo, disse o grumete abaixando o olhar, muito calouro.

— Coitadinho, chama-se Aleixo, tomou Bom-Crioulo.

E imediatamente, sem tirar a vista de cima do pequeno, com a mesma voz branda e carinhosa:

— Pois olhe: eu me chamo Bom-Crioulo, não se esqueça. Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer cousa, estou aqui, eu, para o defender, ouviu?

— Sim senhor, fez o marinheirito levantando o olhar com uma expressão de agradecimento.

— Não tenha vergonha, não: Bom-Crioulo, gajeiro da proa. É só me chamar.

— Sim senhor...

— Olhe mais, tomou o negro segurando a mão do pequeno: — Muito sossegadinho no seu lugar para não sofrer castigo, sim?

Aleixo só fazia responder timidamente: — sim senhor — com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos.

Era filho de uma pobre família de pescadores que o tinham feito assentar praça em Santa Catarina, e estava se pondo rapazinho. Seu trabalho a bordo consistia em colher os cabos e arear os metais, quando não se ocupava na ronda pela noite.

Bom-Crioulo metia-lhe medo a princípio, e quase o fizera chorar uma vez porque o encontrara fumando em intimidade com o sota de proa na coberta. O negro deitara-lhe uns olhos!... Felizmente não aconteceu nada. Mas daí em diante Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma

acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera.

Foi então que o negro, zeloso da sua nova amizade, quis mostrar ao grumete o seu grande poder sobre os outros e té onde o levava esse zelo, esse egoísmo apaixonado, esmurrando implacavelmente o segunda-classe que maltratara Aleixo.

A idéia de que Bom-Crioulo sofrera por sua causa calou de tal maneira no espírito do grumete que ele agora estimava-o como a um protetor desinteressado, amigo dos fracos...

Quando regressou dessa longa viagem ao sul, estava ainda mais forte, mais viçoso e mais homem. Era uma massa bruta de músculos ao serviço de um magnífico aparelho humano. No tocante à disciplina mudara também um pouco: já ninguém lhe via certos escrúpulos de obediência e seriedade, perdera mesmo aquele ar, aquela compostura de respeito que o fazia estimado pelos oficiais em Villegaignon, e o distinguia da marinhagem insubmissa e desbriada. A maioria dominara-o positivamente; aquele caráter dócil e tolerante, deixara-o ele no alto-mar ou nas terras por onde andara. Agora tratava com desdém os superiores, abusando se esses lhe faziam concessões, maldizendo-os na ausência, achando-os maus e injustos. Uma cousa, porém, ele soubera conservar: a força física, impondo-se cada vez mais aos outros marinheiros, que não ousavam agredi-lo nem brincando. Sua fama de homem valente alargara-se de modo tal que mesmo na província falava-se com prudência no "Bom-Crioulo". — Quem é que não o conhecia, meu Deus? Por sinal tinha sido escravo e até nem era feio o diabo do negro...

Do transporte em que fizera sua primeira viagem passou a servir num cruzador chegadinho da Europa. Aí a vida não lhe correu muito calma. O comandante, um Varela, capitão-de-mar-e-guerra, severo e inflexível como nenhum outro oficial do seu tempo, homem que não ria nunca, chamou-o à conta um belo dia, e quase o deixou sem fala, simplesmente porque Bom-Crioulo dera com um remo na cabeça de outro marinheiro por uma questiúncula de officio. Tal foi o seu primeiro castigo depois de quatro anos de serviço. Profundamente magoado, concentrou-se para reaparecer mandrião e insubmisso, cheio de ressentimento, não se importando, como dantes, com os seus deveres, trabalhando "por honra da fima" sem vexame nem sacrificio. — "Tolo era quem se matava. Havia de receber seu soldo quer trabalhasse quer não trabalhasse. — ... que os pariu!"

E ia se fazendo esquerdo, cuidando mais de seus interesses que de outra cousa, passando um mês no hospital e outro mês a bordo, ou em terra, com licença.

À calmaria equatorial da véspera sucedera, felizmente, uma viração fresca e reparadora, crispando a larga superfície d'água, enchendo as velas e dando a todas as fisionomias um aspecto novo de bom humor e jovialidade.

O céu tinha uma cor azul esgazeada, limpo de nuvens, alto e imenso na eterna glória da luz... Avezinhas de colo branco acompanhavam a corveta, pousando n'água, trêlegas e alvissareiras, misturando sua alegria ruidosa com o surdo manulhar das vagas, num rápido espanejamento d'asas.

Agora, sim, todos regozijavam com a esperança de chegar breve, em paz e salvamento, à Guanabara, lá onde havia sossego e abundância, lá onde a vida corria suave e cheia de tranqüilidade, porque se estava perto da família, defronte da cidade, sem os cuidados de quem anda no alto-mar... E depois já era tempo! Vinte dias a bordejar estupidamente, sem ver um pedaço de terra, uma ilha sequer, passando mal como cão! Já era tempo...

Só uma pessoa desejava que a viagem se prolongasse indefinidamente, que a corveta não chegasse nunca mais, que o mar se alargasse de repente submergindo ilhas e continentes numa cheia tremenda, e a velha nau, só ela, como uma cousa fantástica, sobrevivesse ao cataclismo, ela somente, grandiosa e indestrutível, ficasse flutuando, flutuando por toda a eternidade. Era Bom-Crioulo, o negro Amaro, cujo espírito debatia-se, como um pássaro agonizante, em torno desta única idéia — o grumete Aleixo, que o não deixava mais pensar noutra cousa, que o torturava dolorosamente... — Maldita a hora em que o pequeno pusera os pés a bordo! Até então sua vida ia correndo como Deus queria, mais ou menos calma, sem preocupações incômodas, ora triste, ora alegre, é verdade, porque não há nada firme no mundo, mas, enfim, ia-se vivendo... E agora? Agora... hum, hum!... agora não havia remédio: era deixar o pau correr...

E vinha-lhe à imaginação o pequeno com os seus olhinhos azuis, com o seu cabelo alourado, com as suas formas rechonchudas, com o seu todo provocador.

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma idéia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...

Ao pensar nisso Bom-Crioulo transfigurava-se de um modo incrível, sentindo ferrear-lhe a carne, como a ponta de um agulhão,

como espinhos de urtiga brava, esse desejo veemente — uma sede tantállica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos...

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer amado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: pelo contrário, sempre fora indiferente a certas cousas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe de intriguinhas e fingimentos de mulher. Sua memória registrava dois fatos apenas contra a pureza quase virginal de seus costumes, isso mesmo por uma eventualidade milagrosa: aos vinte anos, e sem o pensar, fora obrigado a dormir com uma rapariga em Angra dos Reis, perto das cachoeiras, por sinal dera péssima cópia de si mesmo como homem; e, mais tarde, completamente embriagado, batera em casa de uma francesa no largo do Rocio, donde saíra envergonhadíssimo, jurando nunca mais se importar com "essas cousas"...

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?

Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito, baralhando idéias, repugnando os sentidos, revivendo escrúpulos. — É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir... Mas — instinto ou falta de hábito — alguma cousa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse "a necessidade", aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher!

Caía em si, arrependido e frio, escrupulizando as cousas, traçando normas de proceder, enchendo-se de uma ternura por vezes lânguida e piedosa — o olhar erradio no azul inconsútil.

O castigo por causa de Aleixo trouxera-lhe outro prejuízo: no mesmo dia deixou ele o cargo de gajeiro de proa, o que afinal era um descanso, um alívio de trabalho. Tudo quanto lhe fizessem estava muito bem feito, contanto que o deixassem no seu canto, no seu ramerrão: nunca pedira favores a ninguém.

— Olha, dizia ele ao grumete com uma ironia na voz conselheira: não te metas com oficiais. São muito bons, muito amigos da gente, enquanto precisam de nós, só enquanto precisam, mas depois — adeus, hein! — dão-nos com o pé no focinho.

Aleixo estava satisfeitíssimo com a vida que ia levando naquele céu aberto da corveta, querido, estimado por todos, invejado por meia dúzia. Nada lhe faltava, absolutamente nada. Era mesmo uma espécie de príncipezinho entre os camaradas, o "menino bonito" dos oficiais, que o chamavam de *boy*. Habitando-se depressa àquela existência erradia, foi perdendo o acanhamento, a primitiva timidez, e quem o visse agora, lesto e vivo, acudindo à manobra, muito aseado sempre

na sua roupa branca, o boné de um lado, a camisa um pouquinho decotada na frente, deixando ver a cova do pescoço, ficava lhe querendo bem, estimava-o deveras. Essa metamorfose rápida e sem transição perceptível foi obra de Bom-Crioulo, cujos conselhos triunfaram sem esforço no ânimo do grumete, abrindo-lhe na alma ingênua de criançola o desejo de conquistar simpatias, de atrair sobre a sua pessoa a atenção de todos.

Gabando-se de conhecer "o mundo", Bom-Crioulo cuidou primeiro em lisonjear a vaidade de Aleixo, dando-lhe um espelhinho barato que comprara no Rio de Janeiro — "para que ele visse quanto era bonito". O pequeno mirou-se e... somiu, baixando o olhar. — Que bonito o quê!... Uma cara de cameiro mocho! — Mas não abandonou o trastezinho, guardando-o com zelo no fundo da trincheira, como quem guarda um objeto querido, uma preciosidade rara, e todas as manhãs ia ver-se, deitando a língua fora, examinando-se cuidadosamente, depois de ter lavado o rosto.

Bom-Crioulo compreendeu o efeito da experiência e tratou de completar a "educação" do marinheiro. Ensinou-lhe como se dava laço na gravata... (gravata não, dizia ele, isso não se chama gravata, chama-se lenço...), aconselhou-o que nunca usasse o boné no meio da cabeça: — Um marinheiro deve usar o boné de lado, com certa graça...

E a camisa? — Oh, a camisa devia ser um bocadinho aberta para mostrar a debaixo, a de meia. O hábito faz o monge.

O grumete aceitava tudo com um ar filial, sem procurar a razão de todo esse esmero. Via marinheiros imundos, mal vestidos, cheirando a suor, mas eram poucos. Havia os que até usavam essências no lenço e óleo no cabelo.

No fim de alguns dias Aleixo estava outro e Bom-Crioulo contemplava-o com esse orgulho de mestre que assiste ao desenvolvimento do discípulo.

Um belo domingo, em que todos deviam se apresentar com uniforme branco, segundo a tabela, o grumete foi o último a subir para a mostra. Vinha irrepreensível na sua *toilette* de sol, a gola azul dura de goma, calças boca-de-sino, boné de um lado, coturnos lustrosos.

Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. — Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje. Estava mesmo XPITO! Então o espelhinho sempre servira, hein?

E com um gesto rápido, nervoso disfarçando a concupiscência:

— Bonitinho!

O pequeno, longe de se amuar com o gracejo, mirou-se d'alto a baixo, risonho, deu um muxoxo e seguiu para a forma sem dizer palavra.

Depois, terminada a leitura do Regulamento, feita a revista, Bom-Crioulo chamou-o à proa, e entraram numa longa palestra, deliciosa

para o negro a julgar pela expressão cada vez mais fulgurante de sua fisionomia.

O mar estava relativamente calmo, apenas eriçado por uma viração branda que ameigava o mormaço. Nuvens aglomeravam-se para o sul, crescendo em bulções pardacentos, como impelidas pela mesma força, longe ainda, rente com o horizonte. Em cima, no alto do grande hemisfério que a luz do meio-dia incendiava, o azul, sempre o azul claro, o azul imaculado, o azul transparente e doce, infinito e misterioso... Parecia que se estava muito perto de terra, porque no mesmo horizonte da corveta ia passando uma velinha triangular de jangada, microscópica e fugitiva. Pela alheta de boreste vinha-se chegando também o vulto sombrio de um grande vapor de dois canos.

Bom-Crioulo e Aleixo conversavam à sombra da bujarrona, lado a lado, indiferentes à alegria dos outros marinheiros, cuja atenção volvia-se agora para o transatlântico. Todos, menos os dois, queriam saber de que nacionalidade era "o bruto". Uns afirmavam que era inglês, por causa do tamanho; outros viam na cor dupla das chaminés o distintivo das *Messageries Maritimes*: devia ser o Equateur ou o Gironde — um dos dois. Faziam-se apostas, enquanto o monstro se aproximava silenciosamente e a jangadinha sumia-se pouco a pouco...

— Mas, olhe, você não queira negócio com outra pessoa, dizia Bom-Crioulo. O Rio de Janeiro é uma terra dos diabos... Se eu o encontrar com alguém, já sabe...

O rapazinho mordida distraidamente a ponta do lenço de chita azul-escuro com pintinhas brancas, ouvindo as promessas do outro, sonhando uma vida cor-de-rosa lá nesse Rio de Janeiro tão falado, onde havia uma grande montanha chamada Pão d'Áçúcar e onde o imperador tinha o seu palácio, um casarão bonito com paredes de ouro...

Tudo avultava desmesuradamente em sua imaginação de marinheiro de primeira viagem. Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo. Podia-se viver uma vida tranqüila. Se continuassem no mesmo navio, não haveria cousa melhor; se, porém, a sorte os separasse dava-se jeito. Nada é impossível debaixo do céu.

— E não tem que dizer isto a ninguém, concluiu o negro. Caladinho: deixe estar que eu toco os paus...

Nesse momento o transatlântico defrontava com a corveta, içando à ré a bandeira inglesa, um grande lenço de tabaco, encamado, e saudando com três guinchos medonhos o navio de guerra, cuja bandeira também flutuava na popa, verde e ouro.

Um mundo de gente movia-se na proa do inglês, decerto imigrantes italianos que chegavam ao Brasil. Distinguia-se bem o comandantê, em uniforme branco, chapéu de cortiça, no passadiço,

empunhando o óculo. Lenços acenavam para a corveta que ia ficando atrás, toda em panos, lenta e soberba.

E o paquete desapareceu como uma sombra, e ela continuou na sua derrota, sozinha no meio do mar, desolada e lúgubre. Os marinheiros tinham-se espalhado pela tolda e pelas cobertas, entregues à labuta, esperando o rancho das quatro horas.

A montanha de nuvens, que há pouco erguia-se fantasticamente lá longe, ao sul, alastrava o céu, aproximando-se cada vez mais, cor de chumbo, tempestuosa, desdobrando-se em contornos de feição bizarra, como uma barreira enorme que de repente se levantasse entre a corveta e o horizonte. Meio encoberto já, o sol coava sua luz triste através das nuvens, irisando-as de uma faixa multicolor e brilhante, espécie de auréola, que descia para o mar.

O aguaceiro estava iminente.

— Obra dos joanetes e sobres! gritou o oficial do quarto.

A essa voz o movimento foi geral. Imediatamente soaram apitos, e a tolda encheu-se de marinheiros e oficiais, que surgiam das escotilhas num alvoroço, correndo, empurrando-se. A figura do guardião Agostinho destacava à proa, calma e solene, medindo a mastreação.

— Arria, carrega!

Trilaram de novo os apitos num desespero de manobra açodada; avalanches de marinheiros precipitaram-se de um bordo e doutro, alandando os cabos, atropelando-se em corréias de horda selvagem, batendo os pés, ao barulho dos moitões que chiavam como carro de bois na roça.

— Agüenta o leme! avisava o oficial todo embuçado na sua capa impermeável.

O tempo escurecera completamente, e a ventania, refrescando, esfuziava na mastreação de modo sinistro, com a força extraordinária de titãs invisíveis. Mar e céu confundiam-se na escuridão, formando um só conjunto negro em torno da corveta, abarcando-a em todos os sentidos, como se tudo ali dentro fosse desaparecer debaixo das águas e das nuvens... Passavam grandes ondas altaneiras, rugindo sob a quilha, dançando uma dança medonha e vertiginosa na proa, cada vez que o navio mergulhava o bojo com risco de se abrir pelo meio... Chuva copiosíssima alagava o convés obrigando os marinheiros a se arregaçar, encharcando as pilhas de cabo, numa baldeação geral e inesperada.

A corveta ficara somente em gáveas e mezena, e corria, agora, sobre o mar, como se fosse um simples iatezinho de recreio, leve, enfunada, cavalgando as ondas — a borda quase rente com a água...

Que orgulho para o oficial do quarto! Como ele sentia-se bem naquele momento, debaixo de seu sueste, molhado té à ponta dos pés, todo olhos para que o navio não saísse fora do rumo, cheio de responsabilidade, calmo no seu posto, enquanto os outros descansavam na praça d'armas! De vez em quando olhava para a popa e via, com grande júbilo d'alma, a larga esteira de espuma que a corveta ia deixando atrás. Sentia-se forte, sentia-se homem! — Decididamente a Marinha é, por excelência, uma escola de coragem! pensava.

Durou hora e meia o aguaceiro, uma chuva cerrada e insistente, de revés, que parecia não acabar mais. O céu abriu-se de repente, claro e azul; a luz tornou a iluminar os horizontes; e pouco a pouco foram desaparecendo os últimos vestígios da "brincadeira", como dizia, de pois, o tenente Sousa, o da calmaria, que entrava de quarto.

O vento, porém, continuava rijo, açoitando os cabos, fustigando a superfície d'água, gemendo tristemente salmodias de violoncelo fantástico, em lufadas que faziam estremecer todo o navio.

Dez milhas, acusava a barquinha, dez milhas por hora.

— Cuidado com o leme!

Marinheiros vassoiravam o convés, enquanto outros iam passando o lambaz onde já não havia água. De cima, da tolda, ouvia-se a voz dos oficiais conversando na bateria, sentados por ali numa desordem grotesca, fumando, rindo... O comissário, um de suíças longas, magro, estudava clarinete, embaixo, na praça d'armas, com admirável paciência, equilibrando-se. A chuva reanimara-os a todos, oficiais e marinheiros, desentorpecendo-lhes o corpo.

Bom-Crioulo, cansado da faina, descera à coberta, e conversava também com Aleixo, de quem só se separava na hora do serviço.

A umidade, o frio que entrava pelas escotilhas, aquele ambiente glacial comunicava-lhe um desejo louco de amor físico, um enervamento irresistível. Unido ao grumete num quase abraço, a mão no ombro de Aleixo que, àquele contacto, experimentava uma vaga sensação de carícia, o negro esquecia todos os seus companheiros, tudo que o cercava para só pensar no grumete, no "seu bonitinho" e no futuro dessa amizade inexplicável.

— Tiveste muito medo?

— De quê?

— Do tempo...

— Não, nem por isso.

E Aleixo aproveitou o ensejo para narrar um caso de vento sul em Santa Catarina: — Tinham saído, ele e o pai, numa canoa de pesca, assim pelo meio-dia. De repente o mar começa a encrespar, o vento desaba..., e agora? Estavam sozinhos perto da ilha dos Ratores dentro de uma canoa que era ver uma casquinha de noz. O velho, coitado, não teve dúvida, não! puxou pelo remo: — vuco, te vuco..., vuco, te vuco... — Segura-te, meu filho! E o vento cada vez mais forte, zunindo no ouvido que nem o diabo. Mas veio uma rajada de supetão, um golpe de vento medonho, e quando ele, Aleixo, quis agarrar-se ao pai, era tarde: a canoa emborcou!

Bom-Crioulo fingiu grande admiração:

— Emborcou?

— Emborcou de verdade, pois então? Sei bem que fui ao fundo e voltei à tona. Aí perdi o sentido... quando acordei estava na praia, são e salvo, graças a Deus!

— Assim mesmo foste feliz, disse o negro com interesse. Podias morrer afogado...

Bom-Crioulo também quis contar sua história, e a conversa prolongou-se até ao anoitecer, quando todos subiram para a distribuição do serviço.

Em vez de abrandar, o sueste soprava com mais força, duro e tenaz, ameaçando levar tudo quanto era cabo e pano. A corveta, o "velho esquite", como a chamavam, ia numa vertigem por aqueles mares, arfando suavemente, oscilando às vezes, quando o vagalhão era maior, com os seus dois faróis de cor — o encamado a boreste, o verde a bombordo — e a lanterninha do traquete, pálida e microscópica no alto do estai da giba.

Sempre em gáveas e mezena, vento em popa, grande e sombria na noite clara, espectral e silenciosa, ela voava desesperadamente caminho da pátria.

A lua surgindo lenta e lenta, cor de fogo a princípio, depois fria e opalescente, misto de névoa e luz, alma da solidão, melancolizava o largo cenário das ondas, derramando sobre o mar essa luz meiga, essa luz ideal que penetra o coração do marinheiro, comunicando-lhe a saudade infinita dos que navegam.

E nada de serenar o vento!

Naquele caminhar, cedo se estaria em terra. Cousa talvez de um dia mais...

Enquanto não chegava a hora triste do silêncio oficial, a hora do sono, que se prolongava até o romper d'alvorada, marinheiros divertiam-se à proa, cantando ao som de uma viola chorosa, numa toada sertaneja, rindo, sapateando, a ver quem melhor improvisava modinhas de pé quebrado, "cantigas do mato"... — Não se perdia um luar como aquele! Tinham trabalhado muito: era preciso folgar também. Deitados no convés, de ventre para o ar, outros em sentido contrário, queixo nas mãos — um sentado pacatamente, aquele outro de pernas cruzadas fumando — todos em plena liberdade, formavam roda em cima do castelo, enquanto era cedo.

O oficial do quarto passeando, passeando, escutava-os entemecido, cheio de contemplação por aquela pobre gente sem lar nem família, que moria cantando, longe de todo carinho, às vezes longe da pátria, onde quer que o destino os conduzisse. Aquelas cantigas assim rudes, assim improvisadas, quase sem metro e sem rima, tinham, contudo, o sabor penetrante de frutos natais e o misterioso encanto de confissões ingênuas... Fazia bem ouvi-las, como que o coração dilatava-se numa hipertrofia de saudade tema e consoladora.

Deixá-los cantar, os pobres marinheiros, deixá-los esquecer a vida incerta que levam — deixá-los cantar!...

Geme a viola, soluça uma alma em cada bordão; ressoam cantares em desafio no silêncio infinito da noite clara...

O tempo voa, ninguém se apercebe das horas, ninguém se lembra de dormir, de fechar os olhos à paisagem translúcida e fria do luar tropical varrida pelo vento sul. Misterioso instrumento essa viola, que

fazia esquecer as agruras da vida, embriagando a alma, tonificando o espírito!

Bom-Crioulo não tomou parte no folgado. — Estava cansado de ouvir cantigas: fora-se o tempo em que também gostava de fazer seu pé-de-alferes, dançando o baião, fazendo rir a rapaziada.

E quando a sineta de proa badalou nove horas, viram-no passar esgueirando-se felinamente, sobraçando a maca. Ia depressa, furtando-se à vista dos outros, mudo, impenetrável, sombrio... Embarafustou pela escotilha, escadas abaixo, e sumiu-se na coberta.

Que iria ele fazer? Algum crime? Alguma iraição? — Nada: Bom-Crioulo tratava de se agasalhar como qualquer mortal, o mais comodamente possível. — Lá cima fazia um arzinho de gelo, caramba! A coberta sempre era um pouco mais quente. O seguro moreou de velho...

Abriu a maca, estendeu-a sobre o convés cautelosamente, com mãos de mulher, examinou o lençol, e, sacando fora a camisa de flanela azul, deitou-se com um largo suspiro de conforto. — Ah! estava como queria. Boa noite!...

Nem uma voz rompia o silêncio regulamentar, senão a do oficial, de hora em hora:

— Barca!

Ventava forte ainda.

O convés, tanto na coberta como na tolda, apresentava o aspecto de um acampamento nômade. A marinagem, entorpecida pelo trabalho, caíra numa sonolência profunda, espalhada por ali ao relento, numa desordem geral de ciganos que não escolhem terreno para repousar. Pouco lhe importavam o chão úmido, as correntes de ar, as constipações, o beribéri. Embaixo era maior o atravancamento. Macas de lona suspensas em varais de ferro, umas sobre as outras, encardidas como panos de cozinha, oscilavam à luz moribunda e macilenta das lanternas. Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se corpos seminus, indistintos. Respirava-se um odor nauseabundo de cárcere, um cheiro acre de suor humano diluído em urina e alcatrão. Negros, de boca aberta, roncavam profundamente, contorcendo-se na inconsciência do sono. Viam-se torsos nus abraçando o convés, aspectos indecorosos que a luz evidenciava cruelmente. De vez em quando uma voz entrava a sonambular cousas ininteligíveis. Houve um marinheiro que se levantou, do meio dos outros, nu em pêlo, os olhos arregalados, medonho, gritando que o queriam matar. No fim de contas o pobre-diabo era vítima de um pesadelo, nada mais. Tudo voltou ao silêncio.

E lá cima, no passadiço, o oficial do quarto, vigilante e imperiturbável, de hora em hora:

— Barca!

Havia um rebuliço ligeiro, o guardião apitava acordando a gente de serviço: — Levanta, levanta! Olha a barca!... e as horas iam correndo assim, monotonamente.

Bom-Crioulo estava de folga. Seu espírito não sossegara toda a tarde, ruminando estratagemas com que desse batalha definitiva ao grumete, realizando, por fim, o seu forte desejo de macho torturado pela camalidade grega.

Por vezes tinha querido sondar o ânimo do grumete, procurando convencê-lo, estimulando-lhe o organismo; mas o pequeno fazia-se esquerdo, repelindo brandamente, com jeitos de namorada, certos carinhos do negro. — Deixe disso, Bom-Crioulo, porte-se sério!

Nesse dia Priapo jurou chegar ao cabo da luta. Ou vencer ou morrer! — Ou o pequeno se resolvia ou estavam desfeitas as relações. Era preciso resolver "aquilo".

— Aquilo quê? perguntou o rapazinho muito admirado.

— Nada; o que eu quero é que não te zangues comigo.

E precipitadamente:

— Onde vais dormir esta noite?

— Lá bem à proa, na coberta, por causa do frio.

— Bem: havemos de conversar.

Às nove horas, quando Bom-Crioulo viu Aleixo descer, agarrou a maca e precipitou-se no encaço do pequeno. Foi justamente quando o viram passar com a trouxa debaixo do braço, esgueirando-se felinamente...

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer a meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não se viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores.

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer cousa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...

— Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza.

Amanhecera um belo dia de sol, quente, luminoso, de uma transparência fina de cristal lavado.

Logo pela madrugada, antes de apagar-se a última estrela, a corveta "acendera fogos", e demandava o porto, em árvore seca, impulsionada pela sua velha máquina de sistema antigo — um estafemo quase imprestável, porejando vapor, abrindo-se toda em desconjuntamentos de maquinismo secular.

Enfim se chegava!

Agora cada um tratava de si, de sua roupa, do que trouxera da longa viagem ao sul, dessa viagem maldita que parecia não acabar nunca.

Lá estava bem defronte, por bombordo, o Pão d'Agúcar, talhado a pique, sombrio, íngreme, batido pelas ondas, guardando a entrada; e mais longe, para o sul — termo final de uma espécie de cordilheira primitiva e bronca — o cocuruto da Gávea, cinzento, dominando o mar...

— E aquela ilha com ponto branco? perguntou Aleixo curiosamente.

Estava ao lado de Bom-Crioulo, contemplando, embevecido, a costa fluminense.

— Aquela ilha é a Rasa, explicou o negro. Não vês o farol, aquilo branco?...

E começou a descrever o pedaço do litoral que se ia desdobrando à luz, alcantilado e fulgurante, como essas terras lendárias de tamoios e caramurus... Aquela faixa de areia, muito estreita, do outro lado (e estendia o braço por cima do ombro do pequeno), beirando a água, chamava-se a Marambaia. Lá adiante, uma montanha quase apagada, era o cabo Frio...

E foi indicando, um a um, com exclamações de patriotismo, os acidentes da entrada, os edifícios: as fortalezas de S. João no alto, e de Santa Cruz à beira-mar, olhando-se, com a sua artilharia muda; a praia Vermelha, entre morros; o hospício; Botafogo...

— Tudo aquilo, dizia ele abarcando, com um gesto largo, morros e casas, tudo aquilo é a cidade de Niterói, ouviste falar?

— Não...

— Pois é ali.

Aleixo, de resto, não experimentava grande surpresa. Entre montanhas havia ele nascido e perto do mar. O entusiasmo de Bom-Crioulo nem sequer o abalava: fazia outra idéia do Rio de Janeiro!

— Mas isto ainda não é a cidade, meu tolo, explicava o negro. Tu não viste nada por enquanto...

A corveta aproximava-se de Villegaignon...

Bom-Crioulo mal teve tempo de dizer ao grumete: — "Foi ali que eu comecei..." E desapareceu entre a chusma da marinagem.

Era quase meio-dia. Escaleres de guerra vinham em direção da fortaleza, cortando a água numa carreira macia de *out-riggers*. Ouvia-se a pancada igual dos remos acompanhando a voga.

Ao redor da barca de banhos pairavam botes de comércio. Lanchas apitavam cruzando a baía. Navios de guerra imóveis, aproados à barra, faziam sinais, içando e arriando bandeiras. Entre esses havia um grande couraçado ao lume d'água, raso, chato e bojudo, com uma flâmula azul no mastro grande.

A corveta diminuiu a marcha, seguindo vagarosa, e dominando, com o seu porte de nau antiga e legendária, o conjunto de embarcações que por ali estacionavam.

Pouco adiante de Villegaignon fez uma parada imperceptível, tocando atrás: ouviu-se um grande baque n'água e logo um rumor de amarras que se desenrolam, que se precipitam...

— Ora, graças! exclamaram algumas vozes ao mesmo tempo, como se houvessem combinado fazer coro de alegria.

Entretanto, Bom-Crioulo começava a sentir uns longes de tristeza n'alma, cousa que raríssimas vezes lhe acontecia. Lembrava-se do mar alto, da primeira vez que vira o Aleixo, da vida nova em que ia entrar, preocupando-o sobretudo a amizade do grumete, o futuro dessa afeição nascida em viagem e ameaçada agora pelas conveniências do serviço militar. Em menos de vinte e quatro horas Aleixo podia ser transferido para outro navio — ele mesmo, Bom-Crioulo, quem sabe?, talvez não continuasse na corveta...

Instintivamente seu olhar procurava o pequeno, acendia-se num desejo sôfrego de vê-lo sempre, sempre, ali perto, vivendo a mesma vida de obediência e de trabalho, crescendo a seu lado como um irmão querido e inseparável.

Por outro lado estava tranqüilo porque a maior prova de amizade Aleixo tinha lhe dado a um simples aceno, a um simples olhar. Onde quer que estivessem haviam de se lembrar daquela noite fria dormida sob o mesmo lençol na proa da corveta, abraçados, como um casal de noivos em plena luxúria da primeira coabitação...

Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres.

Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria!, o fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que "aquilo" ameaçava ir longe, para mal

de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a "natureza" impunha-lhe esse castigo.

Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro: fizera muito em conservar-se virgem até aos trinta anos, passando vergonhas que ninguém acreditava, sendo muitas vezes obrigado a cometer excessos que os médicos proíbem. De qualquer modo estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam cousas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana...

Começou a faina de arriar escaler, uma lufa-lufa barulhenta e ensurdecedora, um incessante rumor de cabos e moitões, de vozes e apitos, confundindo-se em algaravia de mercado público, ressoando clamorosamente no silêncio da baía.

Em torno da corveta agitava-se uma multidão de escaleres e lanchas conduzindo oficiais de marinha e senhoras, que acenavam para bordo — aqueles em uniforme de "visita", espada e luva branca, afetando autoridade, apurando-se no paineiro com essa desenvoltura natural dos homens do mar; aquelas em *toilettes* de verão, muito rubras do sol.

Houve um momento de geral precipitação, em que todos procuravam subir a escadinha do portaló, investindo a um tempo, quando a visita sanitária pôs-se ao largo. — Atraca daí! gritava uma voz. — Larga a canoa! bradava outra. — Cíando à ré! — Abre de proa! — Rema avante!

Ninguém se compreendia no tumulto.

Daí a pouco, porém, foi se restabelecendo a ordem, todo aquele alvoroço desapareceu e ouvia-se apenas a voz dos marinheiros conversando. Foi então que atracou um escaler com a bandeira inglesa, e um oficial ruivo, de suíças, muito parecido com o rei Guilherme, da Alemanha. Era o comandante do Ironside, cruzador britânico.

Austero, hermeticamente abotoado, subiu e desceu logo, sem se voltar, pisando forte nos degraus da escadinha.

Bom-Crioulo, que se debruçara na amurada, assim que o viu saltar no escaler. — Inglês bruto! murmurou entre dentes, e ficou-se, com a sua indignação, olhando a água calma... Ele ali estava, enfim, na baía do Rio de Janeiro, depois de uma ausência de seis longos meses! Precisava ir à terra naquele mesmo dia para arranjar o negócio do quarto na rua da Misericórdia, antes que o pequeno se arrependesse; tinha umas compras a fazer...

Mas, havia ordem para não desembarcar, e Bom-Crioulo, como toda a guarnição, passou a tarde numa sensaboria, cabeceando de fadiga e sono, ocupado em pequenos trabalhos de asseio e manobras rudimentares. — Diabo de vida sem descanso! O tempo era pouco para um desgraçado cumprir todas as ordens. E não as cumprisse! Golilha com ele, quando não era logo metido em ferros... Ah! vida, vida!...

Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte... E chamava-se a isso servir à pátria!

Anoiteceu. Noite estrelada, cheia de silêncio, profundamente calma e reparadora. A guarnição da corveta dormia sem abalos um sono tranqüilo e delicioso de oito horas, ao ar livre, sobre o convés desbastado.

Bom-Crioulo nem sequer pensou em Aleixo: estava incapaz de trocar palavra, sucumbido pela cansaça, o corpo mole reclamando conforto, o espírito parado; todo ele sem ânimo para cousa alguma. Trabalhara brutalmente; não havia resistir à fadiga. Momentos há em que os próprios animais caem extenuados... Deitou-se a um canto, longe de todos, e adormeceu imediatamente num sono cataléptico. Ao primeiro toque d'alvorada espreguiçou-se, abrindo os olhos com surpresa, e sentiu-se alagado. — Oh!... — Passou a mão no lugar úmido, tateando, e verificou, cheio de indignação, cheio de tédio, com um gesto de náusea, a irreparável perda que sofrera inconscientemente durante o sono — um verdadeiro esgotamento de líquido seminal, de forças procriadoras, de vida, enfim, que "aquilo" era sangue transformado em matéria! Se ao menos tivesse gozado... Mas não sentira nada; absolutamente nada, mesmo em sonho! Dormira toda a noite, como um porco, e o resultado ali se achava no lençol — quase um rio de goma prolífica!

E triste, desesperado, maldizendo a natureza na linguagem torpe dos galés, ergueu-se e foi juntando a roupa de cama bruscamente, atabalhoadamente, como se alguém houvesse concorrido para a sua "desgraça".

Entrou pelo dia com ares de quem não quer se incomodar, o semblante carregado numa sombria expressão de aborrecimento, falando pouco e em tom grosseiro, ameaçando: — que o deixassem, que o deixassem; não queria brincadeira; ainda rachava a cabeça dum!

Os outros pediam-lhe desculpa, humilhavam-se, adulavam-no, porque sabiam que "o negro era meio doido".

À tarde, porém, esse estado nervoso amainou, graças ao Aleixo que lhe fora perguntar, com certo interesse e com uma meiguice na voz de adolescente, se ele, Bom-Crioulo, estava disposto a ir a terra.

— Por que não? Já estava concedida a licença.

— Ah! pensei que tinha se esquecido.

— Qual esqueci! Pois eu não te disse que hoje mesmo havíamos de arranjar o nosso ninho?

E muito carinhoso:

— Espero em Deus estrear hoje...

Faltava, entretanto, a licença do grumete. Aleixo não se animava a pedir que o deixassem ir a terra, com receio de uma negativa. Bom-Crioulo encorajou-o. — Não fosse tolo! Isso a gente dizia que voltava logo, que era um instante, ou então forjava qualquer história...

— Dize ao imediato que tens um padrinho rico em terra, uma cousa assim...

Aleixo criou ânimo, e daí a pouco voltava muito satisfeito, risonho, dando pinchos.

— Não havia nada como a gente ser um menino bonito! Até os oficiais gostavam...

Bom-Crioulo é que não gostou da pilhéria. Ferrou o olhar no pequeno — hum! hum! — como para o fulminar. Mas o grumete corrigiu prontamente: — Brincadeira, menino, brincadeira... Pois não se podia brincar?

— Isso não são brinquedos, repreendeu o negro. Eu quando gosto de uma pessoa gosto mesmo e acabou-se! Já lhe disse que ande muito direitinho...

Vestiram-se e abalaram no escaler das cinco horas, depois da ceia.

— Vamos primeiro tomar um golezinho de jeribita, disse Bom-Crioulo ao saltar no cais Pharoux. Aqui mesmo no quiosque... É preciso esquentar os rins.

— Eu não quero.

— Hás de tomar nem que seja um copo de *machro*.

— Maduro?

— Sim, *machro*. é uma bebida muito boa.

Foram andando...

O relógio das barcas marcava seis horas menos um quarto, e a cidade, mergulhada no crepúsculo, adormecia lentamente, caía pouco a pouco numa estagnação de praça abandonada, num triste silêncio de aldeia longínqua...

Acendiam-se as luzes e rareavam os transeuntes no largo do Paço. Um ou outro grupo retardatário, em pé na sombra, e sujeitos que saltavam dos bondes em frente à estação das barcas, conduzindo embrulhos. O velho pardieiro dos Braganças, o sombrio casarão, em que, durante quase um século, a monarquia fez reclamo de suas pratas, immobilizava-se lugubrememente, ermo e fechado aquela hora.

Bom-Crioulo tomou à esquerda, por baixo da arcada do Paço, enfiando pela rua da Misericórdia, braço a braço com o grumete, fumando um charuto que comprara no quiosque.

Lá adiante, nas proximidades do Arsenal de Guerra, pararam defronte de um sobradinho com persianas, de aspecto antigo, duas varandolas de madeira carcomida no primeiro andar, e lá cima, no telhado, uma espécie de trapeira sumindo-se, enterrando-se, dependurada quase. Embaixo na loja, morava uma família de pretos d'Angola; ouvia-se naquele momento, no escuro interior desse coito africano, a vozeria dos negros.

— É aqui, disse Bom-Crioulo, reconhecendo a casa, e desaparecendo no corredor sem luz, que ia ter ao sobradinho. Aleixo acompanhava-o taciturno, silencioso, cosendo-se à parede, como quem pela primeira vez entra num lugar estranho.

— Anda, tolo! fez o outro, segurando-lhe o braço. De que tens medo?...

Subiram cautelosos, por ali acima, uma escada triste e deserta,

cujos degraus, muito íngremes, ameaçavam fugir sob os pés.

O negro puxou o cordão que pendia da cancela e lá dentro, na sala de jantar, uma campainha fez sinal, timbrando surdamente.

Ninguém apareceu.

Bom-Crioulo tornou a puxar com força.

— Quem é? Oh!...

— Sou eu, D. Carolina: tenha bondade.

— Já vai..

E com pouco o marinheiro atirava-se nos braços de uma senhora gorda, redonda e meio idosa, estreitando-a contra o peito, suspendendo-a mesmo, apesar de toda sua gordura, com essa alegria natural de pessoas que se tomam a ver, depois de uma ausência.

— Conta-m'lá, Bom-Crioulo, anda, entra... Quem é este pequeno?

— Este pequeno?... Por causa dele mesmo é que eu estou aqui. Depois conversaremos...

— E tu, como vais, meu crioulo? Dize, conta... Ora, se eu soubesse que eras tu... Dá cá outro abraço, anda!

Abraçaram-se de novo, com grande alvoroço, rindo, gargalhando, ela de avental, muito rechonchuda, o cabelo em duas tranças, partido ao meio, Bom-Crioulo fazendo-se amável, cobrindo-a de exclamações, achando-a mais gorda, mais bonita, mais moça!...

D. Carolina era uma portuguesa que alugava quartos na rua da Misericórdia somente a pessoas de "certa ordem", gente que não se fizesse de muito honrada e de muito boa, isso mesmo rapazes de confiança, bons inquilinos, patrícios, amigos velhos... Não fazia questão de cor e tampouco se importava com a classe ou profissão do sujeito. Marinheiro, soldado, embarcadiço, caixeiro de venda, tudo era a mesmíssima cousa: o tratamento que lhe fosse possível dar a um inquilino, dava-o do mesmo modo aos outros.

Vivia de sua casa, de seus cômodos, do aluguelzinho por mês ou por hora. Tinha o seu homem, lá isso pra que negar? Mas, independente dele e de outros arranjos que pudesse fazer, precisava ir ganhando a vida com um emprego certo, um emprego mais ou menos rendoso para garantia do futuro. Isso de homens não há que fiar: hoje com Deus, amanhã com o diabo.

Quando moça, tinha seus vinte anos, abria casa na rua da Lampadosa. Bom tempo! O dinheiro entrava-lhe pela porta em jorros como a luz do dia, sem ela se incomodar. Uma fortuna de jóias, de ouro e brilhante! Já era gorducha, então: chamavam-na Carola Bunda, um apelido de mau gosto, invenção da rua...

Depois esteve muito doente, saíram-lhe feridas pelo corpo, julgou não escapar. E, como tudo passa, ela nunca mais pôde reerguer-se, chegando, por desgraça, ao ponto de empenhar jóias e tudo, porque ninguém a procurava, porque ninguém a queria — pobre cadela sem dono... Passou misérias! até quis entrar para um teatro como qualquer cousa, como criada mesmo. Foi nessa época, num dia de carnaval (lembrava-se bem!), que começou a melhorar de sorte. Um clubezinho

pagou-lhe alguns mil-réis para ela fazer de Vênus, no alto de um carro triunfal. Foi um escândalo, um "sucesso": atiraram-lhe flores, deram-lhe vivas, muita palma, presentes — o diabo! Durante quase um ano só se falou na Carola, nas pernas da Carola, na portuguesa da rua do Núncio.

A pobre mulher narrava isso com lágrimas e suspiros de profunda e melancólica saudade, e repetia: — Bom tempo! Bom tempo!

Esteve duas vezes amigada, tomou a cair doente, foi a Portugal, regressou ao Brasil cheia de corpo e de novas ambições, amigou-se outra vez, e, afinal de contas, depois de muito gozar e de muito sofrer, lá estava na rua da Misericórdia, fazendo pela vida, meu rico!, explorando a humanidade brejeira, enquanto o seu "macacão" trabalhava por outro lado em negócios de carne verde e fornecimento para os quartéis.

De resto, essa aliança com o açougueiro, um senhor Brás, homem de grandes barbas e muitos haveres, essa aliança pouco ou nada lhe rendia, a ela, porque o sujeito era casado e só de mês em mês dava um ar de sua graça, deixando-lhe a ninharia de cento e cinquenta mil-réis para o aluguel do sobradinho, fora a carne que mandava diariamente.

— Tenho quarenta anos de experiência, dizia, quarenta anos e alguns fios de prata na cabeça. Conheço este mundo velho, meu amor, tudo isso pra mim, é miséria.

Estimava Bom-Crioulo desde o dia em que ele, desinteressadamente, por um acaso providencial, livrou-a de morrer na ponta de uma faca; história de ladrões... Era caso até para beijar os pés ao marinheiro, porque nunca vira tanta coragem e tanto desinteresse!

D. Carolina buscava sempre ocasião de recordar o fato, narrando-o com todas as cores, dando-lhe mesmo umas tintas de paleta rembrandtesca, desfazendo-se em elogios à gente da marinha, gabando os homens do mar, "uns benfeitores da humanidade".

Uma noite — só ao pensar tinha calefnos! — vinha de assistir o *Drama no alto-mar*, que se representava na Phenix, quando, ao meter a chave na porta, foi surpreendida por dois indivíduos, cuja fisionomia não pôde reconhecer, e que lhe pediram os anéis e o dinheiro que porventura trouxesse.

Ela, com efeito, além de um anel de brilhante, lembrança dos bons tempos! e duas esmeraldas, levava cinquenta mil-réis. Ora, já passava de meia-noite e a rua da Misericórdia estava deserta que nem um cemitério. Nenhum guarda por ali! Quis abrir a boca e pedir socorro, mas os gattunos foram dizendo logo que, se ela ousasse gritar, morria. E brandiram os punhais, duas lâminas de bom aço, tamanho de facões! Ah! mas Deus é grande! Nesse momento ia passando o vulto de um marinheiro e ela disparou, correndo, sobre ele: — Socorro! Socorro! — Travou-se uma luta. O marujo saltava fugindo aos punhais e investindo logo, como uma fera, de navalha em punho. Felizmente (Deus sabe o que faz!) aos gritos de socorro, encheram-se as janelas de gente em camisa de dormir, soaram apitos no escuro e a polícia chegou a tempo de prender os ladrões, completamente desarmados pelo bem-vindo marinheiro. — Qualquer pessoa nos casos dela faria o que ela fez: abriu

cerveja para o seu protetor, que disse chamar-se Amaro, vulgo Bom-Crioulo, marinheiro de um navio da esquadra. E, como no sobradinho moravam praças de bordo, Bom-Crioulo deu-se a conhecer, havendo logo uma intimidade entre ela, Carolina, e o negro. Palavra d'honra como nunca vira tanta coragem num homem!

Estimava-o por isso: porque era um marinheiro valente — homem pra quatro!

Bom-Crioulo começou a freqüentar o sobradinho, onde iam outros marinheiros, e daí a grande amizade da portuguesa por ele, não que houvesse outra intenção: ela sabia que o negro não era homem para mulheres...

— Vamos, conta-m'lá essa viagem!

Tinham-se sentado, os três, na sala de jantar, à luz do gás. D. Carolina estufada, muitíssimo gorda, cabeceando, sem fôlego, estava ansiosa por saber notícias. O negro, de boné no alto da cabeça, recostado familiarmente, acabava o charuto, cuja cinza abria-se de vez em quando num clarão rubro e quente. Aleixo, imóvel numa cadeira, olhava as paredes, examinando o papel do forro, os quadros — oleografias de carregação figurando assuntos de alcova, duas em cada parede, colocadas simetricamente —, o guarda-louça quase vazio, e uma coleção de estampilhas de caixa de fósforo armadas em leque. Tudo velho e incolor, poento e maltratado. Respirava-se uma atmosfera de sebo e cânfora, renovada por uma triste janelinha que abrir para a espécie de área pertencente à loja.

Bom-Crioulo resumiu em poucas palavras a viagem da corveta: — Seis meses de estupidez! O Aleixo é que trouxera um pouquinho de alegria, na volta...

E desfiou a história do grumete.

— Agora D. Carolina vai nos amarrar um quartinho, mesmo que seja no sótão, rematou; mas um quartinho sem luxo, para quando viermos a terra.

— Uma cama ou duas? perguntou sorrindo a quarentona.

— Como quiser... Marinheiro é gente que dorme aos quatro, aos cinco... aos cinqüenta! Se houvesse uma caminha larga...

— Arranja-se, meu Deus, arranja-se, tornou a portuguesa. O comodozinho de cima está desocupado, e, quer que lhe diga?, eu acho que ficavam melhor...

Sempre risonha e trêfega, sufocada pelo calor, a mulher piscou o olho a Bom-Crioulo.

— Então, já sei que vens outro... Bendita viagem! Ou o mar ou as tais cantáridas!...

Riram, compreendendo-se, enquanto Aleixo, debruçado à janela, cuspiu para baixo, para o quintalejo dos africanos.

Bom-Crioulo, desde a primeira noite dormida no sobradinho, começou a experimentar uma delícia muito íntima, assim como um recolhido gozo espiritual — certo amor à vida obscura daquela casa onde ultimamente quase ninguém ia, e que era o seu querido valhacoito de marujo em folga, o doce remanso de sua alma voluptuosa. Não sonhava melhor vida, conchego mais ideal: o mundo para ele resumia-se agora naquilo: um quartinho pegado às telhas, o Aleixo, e... nada mais! Enquanto Deus lhe conservasse o juízo e a saúde, não desejava outra cousa.

O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão roído pelo cupim e tresandando a ácido fênico. Nele morrera de febre amarela um portuguezinho recém-chegado. Mas Bom-Crioulo, conquanto receasse as febres de mau caráter, não se importou com isso, tratando de esquecer o caso e instalando-se definitivamente. Todo dinheiro que apanhava era para compra de móveis e objetos de fantasia rococó, "figuras", enfeites, cousas sem valor, muita vez trazidas de bordo... Pouco a pouco o pequeno "cômodo" foi adquirindo uma feição nova de bazar hebreu, enchendo-se de bugigangas, amontoando-se de caixas vazias, búzios grosseiros e outros acessórios ornamentais. O leito era uma "cama de vento" já muito usada, sobre a qual Bom-Crioulo tinha o zelo de estender, pela manhã, quando se levantava, um grosso cobertor encarnado "para ocultar as nódoas".

Durante meses viveu ele uma vida calma, escrupulosamente pautada, rigorosamente metódica, cumprindo seus deveres a bordo, vindo a terra duas vezes por semana em companhia de Aleixo, sem dar motivo a castigos ou recriminações. Até os oficiais estranhavam-lhe o procedimento, admiravam-lhe os modos. — "Isso é cousa passageira, insinuava o tenente Sousa. Breve têmo-lo aqui, bêbedo e medonho. Sempre o conheci refratário a toda norma de viver. Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas do caráter africano..."

O grumete, por sua vez, trazia a alma na perpétua alegria dos que não têm cuidados. Em terra ou a bordo, não tinha de que se queixar: andava sempre limpo, ninguém o via deitado no convés ou emporcalhando-se de alcatrão à proa. Felizmente o imediato escolhera-o para o serviço de cabo-marinhheiro, em atenção à sua conduta, reconhecendo nele um rapazinho de bons costumes, amigo do asseio, obediente e trabalhador. De modo que raro via-se Aleixo entre a marinhagem. Seu lugar predileto era o passadiço ou à ré cosendo bandeiras, tesourando flâmulas, aprendendo certos misteres do officio. Às vezes tinha palestras com o oficial de quarto, narrando histórias de Santa Catarina, casos da

província, do tempo em que ele era um simples filho de pescador, um pobre menino da beira-mar. Os outros marinheiros olhavam-no com inveja, tocando-se os cotovelos maliciosamente. Havia um guarda-marinha, moço bem educado e muito democrata, que, uma vez por outra, dava-lhe dinheiro, níqueis para cigarros. Ele ia logo mostrar a Bom-Crioulo as moedinhas de tostão que "seu guarda-marinha lhe dera". Todos a bordo lhe faziam festa; o próprio guardião Agostinho, seco e ríspido, tratava-o bem, com branduras na voz. Uma vida regalada!

Em terra, no quarto da Misericórdia, nem se falava! — ouro sobre azul. Ficavam em ceroulas, ele e o negro, espojavam-se à vontade na velha cama de lona, muito fresca pelo calor, a garrafa de aguardente ali perto, sozinhos, numa independência absoluta, rindo e conversando à larga, sem que ninguém os fosse perturbar — volta na chave por via das dúvidas...

Uma cousa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma "mulher à-toa" propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo...

Aleixo amou: aquilo não era cousa que se pedisse a um homem! Tudo menos aquilo. Mas o negro insistiu: Ninguém o levava a capricho: — Ou bem que somos ou bem que não somos... — Que asneira! fez o grumete. Pôr-se agora nu em pêlo defronte do Bom-Crioulo! Está bem visto que tinha vergonha.

— Vergonha de quê? tomou o outro. Não és homem como eu? Onde veio essa vergonha?

— Decerto!...

— Ora, deixa-te de luxo, menino, vamos: tira a roupa...

Havia luz no quarto, uma luz mortiça, no topo de uma vela de sebo.

— Nem se vê nada..., fez Aleixo choramingando, sem lágrimas.

— Sempre há de se ver alguma cousa...

E o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça.

Estava satisfeita a vontade de Bom-Crioulo. Aleixo surgia-lhe agora em plena e exuberante nudez, muito alvo, as formas roliças de calipígio ressaltando na meia sombra voluptuosa do aposento, na penumbra acariciadora daquele ignorado e impudico santuário de paixões inconfessáveis... Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de outro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante. Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiúca da rua da Misericórdia, onde àquela hora tudo permanecia numa doce quietação de ermo longínquo.

— Veja logo..., murmurou o pequeno, firmando-se nos pés.

Bom-Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela

came tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Numa vira formas de homem tão bem tomeadas, braços assim, quadris rijos e camudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!...

Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...

Todo ele vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual como um fetiche diante de um símbolo de ouro ou como um artista diante duma obra-prima. Ignorante e grosseiro, sentia-se, contudo, abalado até os nervos mais recônditos, até às profundezas de seu duplo ser moral e físico, dominado por um quase respeito cego pelo grumete que atingia proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude.

— Basta!... suplicou Aleixo.

— Não, não! Um bocadinho mais...

Bom-Crioulo tomou a vela, meio trêmulo, e, aproximando-se, continuou o exame atencioso do grumete, palpando-lhe as carnes, gabando-lhe o cheiro da pele, no auge da volúpia, no extremo da concupiscência, os olhos deitando chispas de gozo...

— Acabou-se! tomou Aleixo depressa, impaciente já, soprando a luz.

Seguiu-se, então, no escuro, um ligeiro duelo de palavras gemidas à surdina, e, quando Bom-Crioulo riscou o fósforo, ainda uma vez triunfante, mal podia ter-se em pé.

Tais eram os "desgostos" de Aleixo. Fora disso a vida corria-lhe admiravelmente, como um leve barco à feição...

D. Carolina, essa tratava-o pelo carinhoso apelido de *bonitinho*: — "o meu bonitinho" é como ela dizia, ameigando o sotaque peninsular.

Achava uma graça infinita naquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e louro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapaniga que se vai fazendo mulher...

O pequeno, muito acessível a tudo quanto fosse carinho, mostrava-se reconhecido, não subia para o quarto sem primeiro dar os bons-dias à portuguesa, abrindo-se com ela em franquezas ingênuas, deixando-se agradar.

Ele, D. Carolina e Bom-Crioulo eram como uma pequena família, não tinham segredos entre si, estimulavam-se mutuamente.

Para que vida melhor? Longe de seus pais, numa terra estranha, encontrava naquela casa um asilo de amor, um paraíso de felicidade...

A corveta, dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, entrou para o dique.

Esgotada a grande bacia de granito, larga e profunda, como um abismo natural, aberta à picareta no seio da rocha dura e implacável, começaram as obras.

Um martelar contínuo reboava ciclicamente no interior daquela

sepultura de pedra, como numa forja subterrânea; operários em mangas de camisa recomeçavam todos os dias a mesma faina brutal de calafetar o bojo da velha "barcaça", enquanto os marinheiros iam, por outro lado, raspando o mexilhão que o calor apodrecia no fundo seco do dique. Sufocava, lá baixo, o cheiro forte dos mariscos em decomposição; subindo como bafos de monturo, resistindo à potassa e ao ácido fênico.

Era justamente em dezembro, mês de epidemias e de insuportável calor.

Dir-se-ia que aqueles homens, operários e marinheiros, não tinham aparelho respiratório, não tinham pulmões, ou estavam saturados de miasmas.

Trabalhavam cantando e martelavam assoviando, com uma indiferença heróica, sem pensar no grande perigo que os ameaçava.

Pela noite, desde o escurecer, o odor pestilento aumentava e então não havia remédio: a marinhagem toda precipitava-se para fora, como um formigueiro alvoroçado, tapando o nariz: — Foge! Foge! Olha a febre amarela!

Navio no dique, marinheiro à solta. O serviço diminuía, tinha-se mais liberdade, podia-se folgar à vontade, porque o campo era largo, o convés estendia-se pela ilha até certa distância. Dali para terra era um pulo, não faltavam botes de ganho; *breus* em quantidade atracavam próximo ao dique: vivia-se como em qualquer parte.

De vez em quando: "Seu tenente dá licença que eu visite um amigo, no hospital? — Vá, mas não demore..."

O hospital ficava no topo da ilha, numa eminência que dava acesso por uma estrada em ziguezague. Todas as tardes passavam marinheiros naquela direção, subindo lentamente aos quatro, em procissões: iam visitar os companheiros, ou eram *baixas* que vinham da esquadra.

Bom-Crioulo agora multiplicava os passeios à terra. Assíduo no trabalho, nunca se negando a fazer o que lhe ordenavam, cumprindo suas obrigações com a mesma paciência de outrora, quando o futuro lhe sorria esperanças de vida melhor, reabilitava-se a olhos vistos de umas tantas falcaturas que cometera em viagem. O imediato fazia-lhe concessões prevenindo-o que "tomasse cuidado, não fosse beber demasiadamente".

Todo marinheiro trabalhador e disciplinado tinha nele um amigo, um verdadeiro pai: a questão era andar direitinho, "portar-se como gente".

E Bom-Crioulo, compreendendo isso, fazia o possível para o não descontentar, trabalhando sempre que havia serviço, de cara alegre, sem constrangimento, na certeza de ir à terra.

Um dia sim outro não, ei-lo no seu quarto da rua da Misericórdia, todo entregue ao descanso, livre, completamente livre de incômodos e obrigações.

Não esquecia de beber seu golito de "conhaque brasileiro", mas sabia se conter evitando excessos. De resto, era tão calma sua vida,

corria-lhe a existência tão doce, tão suave, que ele até estranhava.

Ultimamente começou a achar-se magro, sentindo mesmo uns longes de fraqueza no peito. Quando trabalhava muito ou fazia qualquer esforço, vinha-lhe uma sonolência profunda, uma vontade de estirar o corpo na cama fresca e macia, um relaxamento dos nervos... Os próprios companheiros notavam certa mudança em sua fisionomia: — Estás magro, ó Bom-Crioulo, que diabo é isso?

— Eu, magro?... E passava a mão no rosto examinando-se. Estarei doente?

— Alguma crioula, hein?

— Qual crioula!

Um dia consultou ao grumete:

— Achas que estou emagrecendo?

Aleixo também foi de parecer que sim, mas “era pouca cousa”.

Bom-Crioulo não se importou: foi continuando a viver tranquilamente, ora a bordo, ora em terra, numa grande paz de espírito, vendo crescer a seu lado o Aleixo, assistindo-lhe o desenvolvimento prematuro de certos órgãos, o desabrochar da segunda idade, como quem estuda a evolução de uma flor curiosa.

Sua amizade ao grumete já não era lúbrica e ardente: mudara-se num sentimento calmo, numa afeição comum, sem estos febris nem zelos de amante apaixonado.

Quase um ano de convivência fora bastante para que ele se identificasse absolutamente com o grumete, para que o ficasse conhecendo, e a convicção de que Aleixo não o traía entregando-se à fúria selvagem de qualquer marmanjo, a certeza de que era respeitado pelo outro, comunicava-lhe essa tranqüillidade confiante de marido feliz, de capitalista zeloso que traz o dinheiro guardado inviolavelmente.

Decorreu quase um ano sem que o fio tenaz dessa amizade misteriosa, cultivada no alto da rua da Misericórdia, sofresse o mais leve abalo. Os dois marinheiros viviam um para o outro: completavam-se.

— Vocês acabam tendo filhos, gracejava D. Carolina.

Nunca vira dois homens gostarem-se tanto! Bom-Crioulo não era tolo nem nada... Tolo era quem se fiasse nele...

E o negro sorria orgulhoso, com os seus dentes de marfim, meio aguçados, como presas de tubarão.

A corveta saíra do dique, indo amarrar numa bóia por trás do morro de S. Bento com frente ao Arsenal.

Em todo caso sempre era mais perto de terra que no poço, no ancoradouro dos navios de guerra, onde a gente não tinha liberdade.

Mas Bom-Crioulo um dia foi surpreendido com a notícia de que estava nomeado para servir noutro navio — um de aço, muito conhecido pelo seu maquinismo complicado e pela sua formidável artilheria; belo conjunto de forças navais, que fazia desse couraçado um dos mais poderosos do mundo.

Bom-Crioulo desapontou: — “... que os pariu! Nem se tinha tempo

de conhecer bem os navios: hoje num, amanhã noutro... Até parecia brincadeira!"

E furioso, amarrando o saco de lona, trombudo:

— Por isso é que um marinheiro fica relaxado; por isso...

Enquanto os outros passavam e tomavam a passar de popa a proa, tranqüilos, no seu descanso, ele, somente porque era uma boa praça, lá ia para o couraçado — aquele diabo de ferro, aquele monstro, sem o Aleixo, sem o seu Aleixo... Vivera tantos meses ali a bordo da corveta mais o pequeno, e agora, de repente, sem quê nem para quê: — Passe... Era mesmo uma perversidade!

Mas, Deus é grande! pensava Bom-Crioulo. Deus sabe o que faz: a gente não tinha remédio senão obedecer calado, porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vêm a ser a mesma cousa.

Aleixo consolava-o, resignado: paciência, homem, o mundo não se acabava. Sempre haviam de se ver, que diabo! Para isso é que tinham alugado quarto. Um dia sim outro não podiam se encontrar do mesmo modo em terra...

— Agora vê lá se vais fazer alguma..., preveniu o negro.

Renasciam-lhe os zelos; aquela separação brusca e inesperada irritava-o, acordando no fundo de sua alma um egoísmo exacerbado, uma desconfiança vaga no futuro. — É verdade que o grumete já não era criança para se deixar iludir, mas, meu amigo, podia o rapaz se entusiasmar por algum oficialzinho bonito, e, adeus, Bom-Crioulo!...

Com o espírito cheio de apreensões, o olhar triste e a face carrancuda, estreitou ao peito o seu querido Aleixo, e, sem proferir palavra, mudo na sua tristeza, como um preso que deixa uma prisão para entrar noutra, viu desaparecerem os mastros da corveta e a sombra do grumete que lhe acenava de longe, na penumbra crepuscular, vaga e nebulosa, como a própria saudade.

O couraçado lá estava encoberto pela ilha, muito grande e solene, com o seu belo aspecto de casamata flutuante, aproado à maré, respeitável e glorioso.

— Rema força, que é tarde!

E a pequena embarcação, impelida vigorosamente, ia deixando atrás, sem o saber, a alma de Bom-Crioulo, tema e dolente...

No dia seguinte Aleixo encontrou fechada a porta do quarto. — Oh! Bom-Crioulo não tinha ido a terra, como prometera. — Exigências do serviço, pensou. No couraçado a disciplina era outra; o imediato, homem feroz, só falava de chibata e golilha. Estava muito satisfeito na sua corveta assim mesmo velha e triste...

Abriu a janela para entrar luz e começou a se despir, trauteando qualquer cousa, o olhar perdido lá fora no ar imóvel, no azul coruscante... O calor abrasava. Nenhuma aragem sequer. O sol das duas horas caía obliquamente, pondo reflexos de ouro sobre os telhados, vitorioso e torrencial, pulverizando crisólitos de brilho raro ao longe nas vidraçarias... Uma opulência de luz nunca vista!

Aleixo despiu-se, pela primeira vez acendeu um cigarro, deitando-se à larga na velha cama de lona. — Passa! Que fomo!...

Queria descansar um bocado, esperar Bom-Crioulo té às cinco horas, dormir uma soneca. Saíra de bordo muito cedo porque ajustara com o negro, e agora não tinha remédio senão esperar naquela pasmaceira, naquele calor. Enfim, como fizera *quarto* a noite passada, ia ver se conseguia dormir...

Não chegou ao fim do cigarro, um detestável *mata-ratos* que Bom-Crioulo esquecera sobre a mesinha, e que abriu-se todo em sua mão desajeitada. — Não sabia que diabo de gosto o dos fumantes. Qual! decididamente não se acostumava com o fumo. Vinha-lhe logo a dor de cabeça...

Pôs-se a olhar o teto, as paredes, um retrato do imperador, já muito apagado, que viera na primeira página de um jornal ilustrado, preso em caixilhos de bambu, um cromo de desfolhar, examinando com atenção o pequeno aposento, os móveis — a mesa e duas cadeiras —, como se estivesse num museu de cousas raras.

Adormeceu juntamente quando soaram duas horas no relógio de D. Carolina, embaixo, no primeiro andar.

Acordou indisposto, sobressaltado, num banho de suor, a língua seca — torcendo-se em espreguiçamentos de quem dormiu toda uma noite.

O sol abrandara um pouco e já havia nuvens no alto, quebrando a monotonia do azul. — Nada; com certeza Bom-Crioulo não vinha mais, pensou o grumete. Diabo de insipidez!

De resto, o negro não lhe fazia muita falta: estimava-o, é verdade, mas aquilo não era sangria desatada que não acabasse nunca...

Essa idéia penetrou-o como uma lembrança feliz, como um fluido esquisito que lhe inoculassem no sangue. — Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado "àquilo"...

O próprio Bom-Crioulo dissera que não se reparavam essas cousas no Rio de Janeiro. Sim, que podia ele esperar de Bom-Crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... ora, não valia a pena!

Saltou da cama e foi se vestindo devagar, assobiando baixinho, dominado por aquela idéia. — Estava aborrecido, muito aborrecido: precisava mudar de vida...

— Dá licença?

— Oh! madama...

Era a portuguesa: ainda não tinha visto o "seu bonitinho", dera-lhe uma saude...

— Bom-Crioulo não veio hoje?

Não, não tinha vindo. E Aleixo contou a passagem do negro para o couraçado, o desgosto de Bom-Crioulo, a vida de trabalho que o outro ia levar...

— Coitado! lamentou D. Carolina. Mas há de vir a terra...

— Sim, por que não? Sempre há de vir. Não será tanto como na corveta...

— Coitado!...

— Tem aí uma cadeira, ofereceu Aleixo. Por que não se senta?

— Que calor, hein? tomou a mulher sentando-se. Temos chuva. E logo, muito curiosa:

— Vai sair?

— Vou dar uma volta, passei o dia tão aborrecido...

— Que falta, o negro, hein? acentuou a portuguesa sublinhando um risinho, abanando-se com o avental.

Tinha-se sentado, muito vermelha, o casaco arregaçado, os pés nus dentro de uns tamancos de pano com que batia roupa no quintal.

— Não, disse Aleixo, com um desdém na voz. Aquilo já está me aborrecendo...

— Oh! Já?... Muito cedo, homem.

E fraternalmente:

— Pois é uma boa criatura, coitado. Eu, às vezes, tenho-lhe pena.

— É porque madama não sabe quem está ali... Muito bom, mas quando se zanga, Jesus! chega a meter medo...

— Assim?

— Ora!...

— Pois, meu filho, se eu lhe disser que nunca vi Bom-Crioulo zangado...

— Uma fera!

Aleixo estava defronte do espelho acabando a *toilette*. O cabelo cheio d'óleo, escorrido e liso, tinha um brilho fugaz de seda preta. Abria-o de um lado, puxando em pasta sobre a calote esquerda, até quase a sobrancelha. Era uma de suas grandes preocupações — o cabelo bem penteado, úmido sempre. Que trabalho para lhe dar jeito! Desmanchava-o um sem-número de vezes, tomava a acertá-lo, e, afinal, depois de repetidas tentativas, punha o boné devagar, jeitosamente.

— Pronto! fez ele dando a última demão.

— Gosto de ver um marinheiro assim, elogiou a mulher, erguendo-se para endireitar a gola do grumete, que estava dobrada. Ninguém me venha falar em homem porco.

E colocando-se diante de Aleixo, os braços em arco e as mãos nos quadris:

— Está mesmo d'encantar, o diabinho! Vai daqui namorar alguma biraia no largo do Rocio, aposto!

O efebo soltou uma risada muito sem gosto, olhando-se ainda uma vez no espelho.

— Qual o quê, madama! Vou daqui ao Passeio Público; às nove horas, o mais tardar, cá estou de volta.

— E não me convida?

— Quer ir, vamos...

— Não, obrigada; bom proveito e volte direitinho, é o que eu quero...

Foram saindo.

— Mas, olhe, tomou D. Carolina com resolução, no alto da escada. Preciso lhe falar: volte cedo.

— Por que não diz agora?

— Não, não: quando voltar; prefiro conversar à vontade.

— Pois sim... é um instante. Até logo!

— Té loguinho.

E alto, de cima da escada, enquanto o grumete desaparecia no corredor:

— Cuidado hein?!

Estava escurecendo: seriam seis e pouco. Na rua já havia luz. Continuava o calor, um ar abafadiço, de subterrâneo, sem oxigênio, pesado e asfíxiante.

A portuguesa desceu a escadinha do sótão, que estalava com o seu peso, e foi acender o gás da sala de jantar, muito alegre, cantando uma modinha sentimental lá da terra, numa voz lânguida e tremida.

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga — dando-lhe tudo enfim.

Era uma esquisitice como qualquer outra: estava cansada de aturar marmenjos. Queria agora experimentar um meninote, um criança sem barba, que lhe fizesse todas as vontades. Nenhum melhor que Aleixo, cuja beleza impressionara-a desde a primeira vez que se tinham visto. Aleixo estava mesmo a calhar: bonito, forte, virgem talvez...

Arranjava-se perfeitamente, sem que Bom-Crioulo soubesse. Mas como falar ao grumete, como propor-lhe o negócio? Ele talvez ficasse ofendido, e podia haver um escândalo...

O verdadeiro era pouco a pouco ir lhe dando a compreender que o estimava muito, oferecendo-se-lhe pouco a pouco, excitando-o.

Outras mais velhas gabavam-se, por que é que ela, com os seus trinta e oito anos, não tinha o direito de gozar? Histórias! mulher sempre é mulher e homem sempre é homem.

Viu-se ao espelho e notou que realmente ainda "prestava serviço": — Qual velha! Nem um pé-de-galinha sequer, nem uma ruga — pois isso era ser velha? Certo que não. Lá quanto à idade ninguém queria saber. A questão era de cara e corpo... Ora, adeus!...

Começou a fazer-se muito meiga para o rapazinho, guardando-lhe doces, guloseimas, passando a ferro, ela própria, seus lenços, gabando-o na presença de estranhos, fingindo-se distraída quando queria mostrar-lhe a exuberância de suas carnes — perna, braço ou seios... Uma ocasião Aleixo vira-a em camisa curta, deitada, com as pernas de fora; porque os aposentos da portuguesa davam para o corredor e, nesse dia, ela esquecera de fechar a porta. O grumete voltou o rosto depressa, todo cheio de respeito, como se aquilo fosse uma profanação: mas, depois, ao lembrar-se do caso, tinha sempre uns arrepios voluptuosos, não podia evitar certa quebreira, certo desfalecimento acompanhado de ereção nervosa...

Nunca mais lhe saíra da lembrança aquela cena de alcova: uma mulher deitada com as pernas à mostra, muito gordas e penugentas — num desalinho irresistível, braços nus, cabelo solto. — Devia de ser esplêndido a gente dormir nos braços de uma mulher! A portuguesa até não era *mazinha*...

Aleixo, porém, estava longe de supor que D. Carolina, aquela D. Carolina, que o tratava como filho, bondosa e meiga, pretendesse fazê-lo seu amante.

Semelhante idéia nunca lhe passara pela imaginação. Via entrar homens no quarto dela, sabia os amores do açougueiro, mas isso era lá com os outros de barba; o que lhe parecia impossível, e ele nem sequer pensava, é que D. Carolina tivesse intenções com um rapazinho de sua idade, uma criança quase...

— Pronto! fez ele ao voltar do Passeio Público.

— Oh! depressa! exclamou a portuguesa, erguendo-se. Venha cá, no meu quarto está mais fresco...

O quarto de D. Carolina ficava justamente por baixo do sótão, na frente da casa, um largo aposento de mulher solteira, onde havia uma bela cama de casal com travesseiros de renda.

Quando o grumete chegou, ela estava na sala de jantar lendo os anúncios do *Jornal do Comércio*, à luz do gás.

— Divertiu-se muito?

— Qual! Fui e voltei logo.

— Por minha causa?

— Não, o Passeio é que estava insípido... Pouca gente.

Aleixo parou à porta do quarto como quem receia entrar.

— Entra, filhinho, entra, que isto aqui é nosso, isto aqui é da tua portuguesinha, não vês?

E, alegre como nunca, foi abrindo as janelas que diziam para a rua

da Misericórdia, num alvoroço.

Enquanto o pequeno andava fora, ela fizera nova *toilette*, penteara-se, mudara a roupa, trocara os tamancos por uma sapatinhas cor de sangue e colocara os anéis, os célebres anéis que lhe tinham querido roubar: transformara-se completamente.

— Senta, deixa de tolice, filho!

Aleixo sentou-se muito acanhado, com um ar de colegial que pela primeira vez penetra num lugar suspeito. Morava naquela casa há um ano e só agora entrava ali, no quarto da portuguesa.

— Bonita sala!

— Bonita o quê, ó pequeno; estás a debicar hein? disse a mulher acendendo o gás, no bico dos pés, rindo. Bonito és tu — tu é que és bonitoinho...

— D. Carolina gosta de caçoar com a gente!...

E a portuguesa, sentando-se também, alisando-lhe o cabelo com as mãos, rubra de calor:

— Pois é isto, minha flor: o que eu tinha a dizer é que estou apaixonada por ti!

— Ora!...

— Estou falando sério; não vais agora dizer a Bom-Crioulo que eu lhe quero tomar o amigo... Olha que o negro é capaz de estrangular-me...

— Já está D. Carolina com as brincadeiras...

— Não é brincadeira, não, filho, tomou a outra, afetando seriedade. Quero que durmas hoje; ao menos hoje, com a tua velha...

E foi se derreando sobre os ombros de Aleixo, com uma fingida ternura de mulher nova.

O pequeno desviava o olhar dos olhos dela, cheio de pudor, um sorriso fixo na boca sombreada por um buço em perspectiva, muito encolhido na cadeira, sem dizer palavra.

O contacto de sua perna com a da portuguesa produzia-lhe um calorinho especial, um brando enleio d'alma, uma vaga e deliciosa canseira no fundo do seu ser, um esquisito bem-estar.

Por sua vontade ficaria naquela posição eternamente, sentindo cada vez mais forte a influência magnética daquele corpo de mulher sobre os seus nervos de adolescente ainda virgem...

D. Carolina chegava-se pouco a pouco, estreitando-o, colando-se-lhe num grande ímpeto de fúria lúbrica, de mulher gasta que acorda a uma sensação nova...

— Tu não podes comigo, disse trançando a perna sobre o joelho de Aleixo.

E envolvendo-o todo com o seu corpo largo de portuguesa rude:

— Dize lá: ficas ou não ficas?

O efebo teve um arranco de novinho excitado, e segurando-se à cadeira com as mãos ambas, todo trêmulo agora, sem sangue no rosto:

— Fico!

Então ela, como se lhe houvessem aberto de repente uma cau-

dal de gozo, cravou os dentes na face do grumete, numa fúria brutal, e segurando-o pelas nádegas, o olhar cintilante, o rosto congestionado, foi depô-lo na cama:

— Pr'aí, meu jasmim de estufa, pr'aí! Vais conhecer uma portuguesa velha de sangue quente. Deixa a inocência pro lado, vamos!...

Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente, como um animal.

— Anda, meu tolinho, despe-te também: aprende com tua velha... Anda, que eu estou que nem uma brasa!...

Aleixo não tinha tempo de coordenar idéias. D. Carolina o absorvia, transfigurando-se a seus olhos.

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe agora como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...

Era incrível aquilo!

A mulher só faltava urrar!

E a sua admiração cresceu ainda mais quando ela, sacando fora a camisa enopada de suor, caiu nua no leito, arquejante, segurando os seios moles, com um estranho fulgor no olhar de basilisco.

Mas Aleixo sabia, por Bom-Crioulo, até onde chega a animalidade humana, e, passado o primeiro momento de surpresa, sentiu que também era feito de carne e osso, como o negro e D. Carolina: — Valia a pena decerto uma noite como aquela!

Acordou cedinho, pela madrugada. Queria ir para bordo no escaler das compras.

A portuguesa ergueu-se, fez café ali mesmo no quarto, sem despertar ninguém, jubilosa como uma noiva, exultando!

Graças a Deus estava muito conservadinha, não era tão velha como se pensava. Ainda tinha forças para inutilizar muito homem robusto, olá se tinha!

— E agora já sabes, meu pequenhuco: quando o negro não vier a terra — um abracinho à Carola. D'hoje em diante quero que me chames Carola, ouviste? É mais bonito, entre pessoas que se estimam... Carola e Bonitinho é como nos devemos tratar.

Vinha amanhecendo quando o grumete, ainda bêbedo de sono, os olhos apertados, o passo leve, saiu direito ao cais dos Mineiros. Estava muito pálido, com grandes olheiras, repetia maquinalmente: — Se Bom-Crioulo soubesse!... ao mesmo tempo que seu espírito voltava-se todo para o sobradinho da rua da Misericórdia, onde aquela hora D. Carolina encharcava-se num magnífico banho frio de chuveiro.

— Se fosse possível não me encontrar mais, nunca mais, com aquele negro, ah! que felicidade! pensava o grumete aproximando-se de um grupo de marinheiros, perto do cais.

E a figura da portuguesa, muito gorda e risonha, os dentes muito

alvos, os quadris largos, a face rubra, dançava em sua imaginação, como um sonho diabólico...

Bom-Crioulo não estava satisfeito no couraçado, naquela formidável prisão de aço, que lhe consumia o tempo, e cuja disciplina — um horror de trabalho — privava-o de ir a terra hoje sim amanhã não, como nos outros navios. Ah! mil vezes a corveta, mil vezes! Ao menos tinha-se liberdade. Separado agora de Aleixo, vivendo no meio de toda uma gente desconhecida e sem amor, lembrava-se, com tristeza, da bela vida que passara em companhia do grumete: um ano quase de sossego e felicidade!... Era bem certo o ditado: não há bem que sempre dure...

Enchia-se de ódio contra os superiores: — Uma cáfila! Todos a mesma cousa; faziam do pobre marinheiro um burro... Ninguém os entendia. — Revoltava-se principalmente contra o quartel-general que o mandara passar da corveta para o couraçado. Não lhe custava nada ir ao ministro, contar uma história muito grande e pedir, inda que fosse de joelhos, outro embarque. Se duvidasse muito, baixava ao hospital, desertava, ia-se embora pelo mundo com o pequeno. Estavam enganadinhos! Bom-Crioulo tinha sangue nas guelras e era homem para viver só num deserto...: “—... que os pari!...”

Logo no primeiro dia teve o desgosto de ficar a bordo: seu nome fora recomendado ao imediato em bilhete especial: — “Muita cautela com o Amaro (Bom-Crioulo). É uma praça irrepreensível! quando não bebe, mas em chupando seu copito, guarda debaixo! faz um salseiro dos diabos”. Houve logo prevenção entre os oficiais.

— Era bom não o deixar ir a terra muitas vezes. Um homem daqueles até metia medo!

E ficou assentado que ele só teria licença uma vez por mês. Passou o primeiro dia, o segundo, o terceiro. O quarto era um sábado.

— Seu imediato, eu precisava ir a terra, implorou o negro perfilado, a mão em pala no boné.

— Ainda não, resmungou o oficial, sem prestar-lhe atenção. Quando chegar a sua vez eu direi.

— Mas seu imediato...

— Já lhe disse, não amole!

Bom-Crioulo retirou-se calado, o olhar no convés, mordicando o beijo. Ia cheio de uma cólera muda, jurando vingança talvez... — Ah! era assim? calculava ele depois, na proa. Havia de mostrar...

E no dia seguinte pela manhã ofereceu-se ao guardião parar remar no escaler que ia às compras. Embarcou, sem dar a perceber cálculo algum, e lá foi remando na voga, o boné carregado pra frente, muito sério, teso na sua bancada.

O domingo amanhecia esplêndido e preguiçoso numa soberba ostentação de azul, fresco e transparente. As montanhas da baía, o Pão

d' Açúcar, os Órgãos, e, lá longe, o Corcovado, sem um floco de nuvem no topo, desenhavam-se na etereal limpidez do ar calmo, davam à vista uma doce impressão de aquarela.

Bela manhã para um bródio sobre a água! O vulto de um paquete alemão ia saindo barra fora, impassível e misterioso... O mastro do Castelo fazia sinais. Os navios de guerra pareciam dormir ainda, silenciosos e imóveis.

Era quase dia...

— Leva! manobrou o patrão do escaler. Tinham chegado ao cais. Os marinheiros, todos a um tempo, suspenderam os remos, amando-os logo, com um movimento igual, dentro da embarcação.

Daí ao mercado era perto. Começaram a atracar escaleres doutros navios. Pouco a pouco ia clareando... A praça, entretanto, permanecia quase deserta ainda; um ou outro galego, homem de ganho, vagava em torno dos quiosques.

Bom-Crioulo desembarcou, a pretexto de "fazer uma necessidade", prometendo voltar logo.

— Era um pulo...

Enfiou pelo jardim que decorava o largo, e, uma vez fora da vista dos companheiros, estugou o passo em direção à rua da Misericórdia, resmungando insultos que ninguém ouvia. A porta do sobradinho estava fechada. Bateu. D. Carolina ressonava. Tomou a bater, impaciente, dando fortes punhadas na porta.

O caixeiro da padaria, defronte, veio espiar quem é que batia com todo aquele desepero.

— Quem havia de ser? Um negro!...

Afinal vieram abrir: um senhor de longas barbas, obeso, em suspensórios, com cara de réu, e que se afastou para deixar passar o marinheiro.

— Bom dia!

— Bom dia! respondeu o barbaças.

— Quem é? perguntou lá de cima a voz abafada da portuguesa.

— Sou eu, D. Carolina; desculpe a maçada.

— Ah! é o Bom-Crioulo? Que maçada o quê! Por aqui tão cedo?

Ninguém o vê mais!... A chave está no prego...

— Obrigado...

E com pouco Bom-Crioulo escancarava a janelinha do quarto, recebendo em cheio, no rosto, a frescura matinal: — Agora queria ver se o arrancavam dali. Uma ova! Estava em sua casa, muito bem escondido. Não era nenhum burro de carga!...

Veio-lhe à mente o grumete: — Aleixo ainda se lembraria dele? Sim, porque neste mundo a gente vive enganada... Quando mais se estima uma pessoa, mais essa pessoa trata com desprezo. E afinal, ele, Bom-Crioulo, não caíra do céu...

Abriu as gavetinhas da mesa, revistou móveis, remexeu papéis, como quem procura um objeto, examinou a cama, farejando, tateando... O vidro de óleo não estava na cantoneira e tinha sofrido uma

limpa; a garrafa d'água Florida, que ele deixara pelo gargalo, quando muito podia ter seis dedos...; a latinha de graxa imobilizava-se no chão, de boro, ao pé do lavatório de ferro; o assoalho era uma imundície de pontas de cigarro e cuspo.

— Eu faço idéia!... murmurou Bom-Crioulo interpretando aquela desordem habitual. Eu faço idéia!...

Nesse instante o carrilhão de S. José começou a bimbalar os "Sinos de Comeville", enchendo o espaço de uma alacridade sonora e festiva, que multiplicava-se em notas de uma limpidez offenbachiana, como se fosse um maravilhoso instrumento de cristal suspenso nos ares... Instintivamente o marinheiro cantarolou o velho trecho da opereta:

*Dlingo, dlingo, dlingo,
Dlingo, dlingo, dlão!*

No fundo estava alegre, sentia-se humorado, com ímpetos de criança brejeira, como um pássaro solto... Estranhava-se até! Há muito não amanhecia tão bem disposto...

O retrato do imperador somia-lhe meigo, com a sua barba de patriarca indulgente. Era o seu homem. Diziam mal dele, os tais "republicanos", porque o velho tinha sentimento e gostava do povo...

Acendeu um cigarro e deitou-se.

— Ah! isso era outra cousa! Não lhe fossem falar em navios de guerra: preferia sua cama, seu bem-estar, seu descanso.

Pela janela entrava agora uma réstia de sol, e o carrilhão continuava o seu interminável estribilho musical...

*Dlingo, dlingo, dlingo,
Dlingo, dlingo, dlão!*

— Bom-Crioulo, ó Bom-Crioulo!

— Anh!... Que é?

— Acorda, rapaz, olha que não tarda meio-dia.

— Meio-dia?

— Sim, pois não vês o sol como vai alto?

D. Carolina, vendo que o marinheiro estava custando a descer, foi acordá-lo. Amaro dormia profundamente, com a boca aberta, estendido na cama, o boné sobre os olhos, um fio de baba escorrendo pelo queixo, imóvel... Pendiam-lhe os braços numa frouxidão cadavérica. A mulher ao entrar no quarto recuou pálida. — Jesus! estaria morto? O negro, porém, ressonava alto. — Que susto. Aproximou-se timidamente para o não sobressaltar e, quando ele abriu os olhos, viu-a diante de si, muito gorda e risonha, toda em roupa nova, um avental branco.

— Acorde, seu preguiçoso! fez ela dando uma palmada na coxa do negro. Vamos, levante-se, que isto não são horas de dormir.

Bom-Crioulo ergueu-se vagarosamente, limpando a saliva com a

manga, perguntou pelas horas, o corpo mole, os olhos vermelhos, um sabor esquisito na boca.

— Então que foi isso hoje? perguntou a portuguesa.

— Eu que fugi, disse o marinho naturalmente, abrindo os braços num bocejo. Vim no escaler das compras e aqui estou sem licença.

— Que loucura, filho! São capazes de mandar-te prender...

— ... que os paniu! Não sou escravo de ninguém. Fujo quantas vezes quiser; ninguém me proíbe...

— Modera-te, rapaz. É preciso ir com jeito...

— Qual jeito qual nada, minha senhora! Depois que estou naquele navio ainda não tive descanso. Isso também é demais!

— Ora, meu filho, paciência. Deus há de ajudar...

— É a tal história: fia-te na Virgem e não corras...

— Vocês lá se entendem, rematou a portuguesa, fitando o retrato do imperador, como se nunca o tivesse visto.

— Uma cousa, tomou Bom-Crioulo: o Aleixo tem vindo a terra?

— Veio quinta-feira, se me não engano...

E o outro contando os dedos:

— Quinta, sexta, sábado, domingo: ontem era dia dele vir...

— Agora vocês vivem sempre desencontrados. Não combinam...

Vamos a saber, disse a mulher. Queres comer alguma cousa, ou já almoçaste?

— Nada, vou petiscar ali no *fregue*.

— Manda-se comprar...

— Não, obrigado, preciso mesmo dar uma volta, esticar as pernas, fazer exercício.

— Cuidado! Olha algum oficial...

E dirigindo-se para a escadinha:

— Bom, vim apenas te acordar. Até logo.

— Té logo, madama. Então o pequeno só veio uma vez, hein?

— Uma vezinha, coitado...

E o negro ficou pensando no grumete, sentado à mesa, de crista caída, esgravatando maquinalmente a unha com um fósforo. — "Aquilo" não ia bem... Precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo, ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranqüilo. Estava emagrecendo à toa, não comia, não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do "senhor Aleixo". Se ao menos pudesse vê-lo todos os dias, como na corveta...; mas assim, longe um do outro? Não valia a pena, era cair no desfrute...

E, tomando o boné, com uma expressão de aborrecimento:

— Ora, adeus! havia de se resolver hoje ou amanhã.

Bateu a porta, deu volta à chave, e saiu por ali fora, palpando os bolsos, com desespero.

D. Carolina estava para dentro e lá ficou estendendo uma roupinha no corador.

Faiscavam as pedras da rua sob a luz perpendicular do meio-dia.

Na taverna da esquina, ali perto, havia uma aglomeração de gente e cada transeunte que passava era mais um curioso, um basbaque.

Os moradores debruçavam-se às janelas, esticando o pescoço com uma interrogação no olhar. Um oficial de bombeiros passou correndo para o lugar do "acontecimento". Gente punha-se em pé nos bondes. O padeiro, em mangas de camisa, chegou à porta, com um lápis atrás da orelha, arrastando os chinelos.

Bom-Crioulo supôs logo que fosse algum "rolo" e precipitou-se, abrindo caminho. Era um sujeiro acometido de gota, que se espojava no chão, babando, o rosto ensanguentado, a barba suja de areia, em contorções horrorosas.

Caíra de repente, ao sair da venda.

— Tinha bebido muita cachaça, dizia penalizado o tavermeiro. Se soubesse, não teria vendido...

Dois guardas tentaram erguer o homem pelo torso, mas fraquearam. — Passa fora, o animal pesava que nem chumbo!

— Espera, espera! saltou Bom-Crioulo. Vocês também não prestam pra nada...

O povo recuou, admirado, e viu o negro suspender o homem com as duas mãos e levá-lo no ombro à Santa Casa de Misericórdia, sem grande esforço, como se pegasse uma criança.

Fez-lhe pena ver aquele pobre homem caído ali assim, no meio da rua, cercado de gente, estrebuchando como um animal sem dono. Aquilo apertou-lhe o coração, fê-lo estremecer, comoveu-o... Talvez fosse algum pai de família, coitado, algum infeliz... Um horror, a tal gota! já noutra ocasião salvara uma mulher bêbeda que ia sendo pisada por um bonde.

E o português da venda, o padeiro, os guardas, um doutor que passava casualmente, o dono do açougue, todos gabavam o pulso do negro.

— Sim senhor, tinha força para desancar um burro! — Essa gente do mar é uma gente perigosa! — Dois guardas não puderam com o homem, no entanto só o negro fez tudo! — A marinha sempre é a marinha..."

Um soldado, que estava presente, ergueu o seu protesto:

— Não senhor, não era tanto assim. Cá e lá más fadas há... No exército também se encontravam homens de pulso, assim como na armada havia gente fraca, rapazinhos de papelão...

Ninguém disse mais uma palavra, e pouco a pouco o ajuntamento reduziu-se a duas ou três pessoas que ficaram por ali conversando.

Bom-Crioulo voltou imediatamente no seu passo largo, sacudindo os braços, o boné demorado como de costume, a face radiante. — Na verdade o homem pesava seu bocadinho, mas era uma vergonha dois guardas não poderem com ele. Olhem que eram dois guardas!

E, dirigindo-se ao vendeiro:

— Uma terça, faz favor...

O português, muito amável, sem desprezar os olhos do mari-

rneiro, encheu a medida. — Sim, era uma vergonha para o Brasil, murmurou sorrindo. Em Portugal...

Bom-Crioulo tossiu, escarrou, e escorropichando o copo: — Puah!... fez com repugnância. — Arre, diabo, que isto é mesmo que beber fogo!

Desatou a ponta do lenço, onde costumava trazer o cobre — um triste lenço enxovalhado, com desenhos na margem.

— São os últimos vinténs; resto do soldinho, do miserável soldinho... Felizmente eu não me aperto enquanto existir uma portuguesa chamada Carolina...

O bodegueiro piscou o olho: Ahn, ahn!... Como era fino, hein?...

— Que quer, meu amigo, faz-se pela vida...

Tinha a cabeça muito fraca, muito leve: um golo de aguardente, uma dose insignificante de líquido espirituoso, um martelo de vinho punha-lhe os olhos em brasa, desequilibrava-o, subindo logo ao cérebro. E, quando bebia demais, em pândega, lá uma vez ou outra — santo Deus! ninguém podia com ele: redobrava de força, não conhecia os amigos, insultava a humanidade, ameaçando, brandindo o punho fechado, carregando o boné, gingando o corpo — medonho, terrível!

Nesse dia como que Bom-Crioulo resolvera se embriagar propositalmente. Pouco depois de engolir a cachaça, meio tonto, empinando-se para não demonstrar fraqueza, mas com a vista caliginosa e um azedume na língua, retirou-se da venda sem rumo certo, para os lados do cais Pharoux. Já triste, zarelho, vendo casas em duplicata rodando em torno de sua cabeça, encostando-se à parede, monologando cousas imperceptíveis, transfigurado já.

Confundiam-se-lhe as idéias numa turva agitação de quem vai perder o juízo; os objetos começavam a parecer-lhe sombrios, tinha vontade de cometer loucuras, de se sentar no meio da rua e abrir a boca e dizer horrores como um alienado.

— Eu daqui vou direitinho mas é para bordo, murmurava. Hei de mostrar à canalha! Vou porque quero, porque sou livre!

E batia com força no peito.

— ... que os pariu! Salvei o homem da gota, fiz um ato de caridade, agora podem falar! Papagaio de noite não tem olho, como dizia seu comandante... já não me lembra o nome...

Eram duas horas da tarde. As lojas tinham-se fechado: os armazéns de madeira, todas as casas de negócio, com exceção de raríssimos cafés, estavam trancados àquela hora dominical.

Poucos transeuntes iam passando vagarosamente, ao sol, numa marcha lenta de gado que recolhe à tardinha, calados, pensando na vida...

Bom-Crioulo desceu rua abaixo, cambaleando, ziguezagueando, sem prestar atenção a ninguém. Mas, ao desembocar no largo do Paço, um cachorro vadio começou a ladrar, atirando-se a ele, perseguindo-o, cercando-o. Outros cães vieram se juntar ao primeiro e fez-se logo em

tomo do negro um alarido infernal, que aumentava pouco a pouco, ensurdecedor e azucrinante. Garotos açulavam a canzoada com asobios e gritos. Houve um alarma entre os galegos do cais. — Ora quem havia de ser? Quem havia de ser?... O negralhão, o marinheiro!

No entanto, Bom-Crioulo caminhava sempre, aos tombos, equilibrando-se, investindo contra os cães, ameaçando-os à pedra, ganindo insultos: “—... que os pariu!”

Viram-no se dirigir para o cais.

— Ó do escaler! gritou ele avistando uma pequena embarcação de guerra imóvel sob os remos, ao largo.

Ninguém respondeu.

Havia calma no mar. A água reluzia como aço polido. Abafava! Defronte, lá muito longe, em Niterói, via-se a torre branca de uma igreja, pequenina, esguia como um obelisco.

Botes de ganho flutuavam silenciosamente, com o toldo aberto, amarrados uns aos outros, na lingüeta de mar, entre as estações das barcas, quietos, modorrentos...

— Ó do escaler! bradou o negro.

A embarcação não se movia: era como se não houvesse ninguém a bordo. Os marinheiros fingiam-se distraídos.

— Cambadas de burros! Atraca essa porcaria!

E abriu a boca numa tremenda explosão de impropérios, fechando o punho ameaçadoramente, desenrolando todo o vocabulário imundo e obsceno das tarimbas contra os companheiros, berrendo em alta voz “que era livre, que havia de fazer, que havia de acontecer!...”

— Infames! Não preciso de vocês pra nada! Pra nada!

Mas, ao voltar, deu de ombro com um português, que estava a seu lado rindo tranqüilamente, segurando um remo.

— E você também, seu galego; você está se rindo, porque ainda não apanhou nessa lata! fez Bom-Crioulo, dando um empurrão no homem.

O português carregou o rosto, medindo o negro d'alto a baixo, sem dizer palavra.

— E não tem que olhar, não! Se duvida faço-o beber água salgada.

— Vá-s'embora, homem de Deus! murmurou o outro com benevolência. Vá-s'embora...

— O quê?

— Mal vai a cousa...

— O quê, seu galego, o quê?

E “abotoou” o português, ofececendo-lhe o peito e sacando fora o boné.

— O senhor não me provoque...

— Arreberto-lhe a cara, seu galego, aqui mesmo!

O homem perdeu a calma. Nos seus olhos fulgurou um clarão de raiva, o sangue tomou-lhe o rosto, o remo caiu-lhe da mão, e, investindo para Bom-Crioulo, quis derrubá-lo corpo a corpo, naquele mesmo

instante. Era sujeito baixote, rijo, de bigode fulvo, muito vermelho, com pintas de sarda.

Abriu-se a luta imediatamente. O cais, todo o espaço entre as duas estações marítimas, coalhou-se de gente rumorosa, alvoroçada, que vinha de todos os ângulos da praça numa precipitação de avançada. — "Rolo! Rolo!"

E, no desespero da briga, os dois homens iam ganhando terreno para o largo, afastando-se daquele ponto insustentável, onde não se podiam mover livremente, sem risco de cair n'água, abraçados, corpo a corpo, enroscados um no outro, qual mais forte — iguais na envergadura muscular.

O escalar de guerra tinha se aproximado.

Havia grande rebuliço nos botes: o alarma era geral no cais e imediações.

— Desaparta! Desaparta! gritavam os catraieiros.

Assobios, canzoada, berros: — Não pode! não pode! confundiam-se num alvoroço descomunal, reboando na praça.

De repente, com um safanão medonho, Bom-Crioulo separa-se do português e rápido, ligeiro, esgueirando-se, puxa do cós um objeto: logo toda gente viu, com espanto, reluzir na mão do marinheiro o aço de uma navalha.

— É agora! disse uma voz no meio do povo.

A multidão espalhou-se, recuando, abandonando o campo de luta. O clamor aumentava: — Pega! Pega! Não pode!

O português, com a roupa em frangalhos e o cabelo em desordem, abalou na carreira; mas o negro, vendo se aproximar polícias, brandindo a arma, furioso, ameaçou:

— Quem for homem, venha!

A figura do "galego" tinha desaparecido: sua cólera voltava-se agora contra o povo e contra a polícia. Ninguém ousava se aproximar daquele homem-fera, cujo olhar fazia medo...

Quatro horas no relógio da estação.

Daí a pouco saltou no cais um oficial de marinha. Bom-Crioulo esperou-o a pé firme: — Não venha, que leva!

Era um primeiro-tenente; acompanhavam-no marinheiros.

— Segurem aquele homem, ordenou, parando a distância.

— Não venha! Não venha! exclamou o negro, gingando, com a navalha no ar.

Os homens dividiram-se, três para cada lado, e marcharam impavidamente, de prancha desembainhada.

Foi um momento de ansiedade e assombro.

A figura colossal do negro, multiplicando-se em movimentos de requintada *clownerie*, torcia-se, evitando as baionetas, como se o impelisse oculta mola de arame. — Não venha! Não venha!...

Mas, quando, num formidável arranco, salta à direita, um pulso mais forte "gruda-o" pela esquerda e Bom-Crioulo, o invencível Bom-Crioulo, sente-se agarrado, preso como um animal feroz!

O povo todo afluiu vitorioso ao lugar do conflito, sem receio de agressões, comentando o fato, e o marinheiro foi acompanhado à beira d'água por uma onda de curiosos.

Que luta para o embarcar! O negro escabujava, mordida, no auge de um desespero hidrofóbico, insultando, rogando pragas.

Afinal, lá o conduziram à viva força, e a embarcação deslizou, toda branca, na baía calma...

O comandante do couraçado, bela estampa de militar fidalgo, irrepreensível e caprichoso, era o mesmo, aquele mesmo de quem, na frase tosca de Bom-crioulo, "falavam-se cousas..."

Uma lenda obscura e vaga levantara-se em torno do seu nome, transformando-o numa espécie de Gilles de Rais menos pavoroso que o da crônica, cheio de indiferença pelo sexo feminino, e cujo ideal genésico ele ia rebuscar na própria adolescência masculina, entre os de sua classe.

Calúnia, talvez, insinuações de mau gosto.

Os marinheiros narravam entre si, por noites de luar e calma, quando não tinham que fazer, lendas e histórias muitas vezes forjadas ali mesmo no fio da conversa...

O comandante, diziam, não gostava de saias, era homem de gênio esquisito, sem entusiasmo pela mulher, preferindo viver a seu modo, lá com a sua gente, com os seus marinheiros...

E havia sempre uma dissimulação respeitosa, um pigarrear malicioso, quando se falava no comandante.

Fosse como fosse, ninguém o desrespeitava, todos o queriam assim mesmo cheio de mistério, com o seu belo porte de fidalgo, manso às vezes, disciplinador intransigente, modelo dos oficiais.

Bom-Crioulo, porém, nunca o estimara verdadeiramente: olhava-o com certa desconfiança, não podia se acostumar àquela voz untuosa, àquele derretido aspecto protetoral que ele sabia fingir nos momentos de bom humor. Evitava-o como se evita um inimigo irreconciliável. Por quê? Ele próprio, Bom-Crioulo, ignorava. Repugnância instintiva, natural antipatia — forças opostas que se repelem...

— Esse homem nasceu para me fazer mal, pensava o negro supersticiosamente.

Metido em ferros no mesmo dia do "rolo", a imagem do comandante brilhou na caligem de sua embriaguez e o perseguiu toda a noite sem trégua, sem o deixar um instante, ora terrível, ameaçadora, implacável, outras vezes doce, meiga e complacente...

Dormiu essa noite numa sepultura de ferro, espécie de jaula estreita e sem luz, onde só cabia um homem. Trancado ali dentro, imóvel, porque os pés e as mãos estavam presos, adormeceu quando os outros acordavam, ao primeiro toque d'alvorada, quase dia. Durante o sono viu a figura do português inchando para ele com uma faca, desafiando-o: "Vem, negro, vem, que eu te mostro!" Era um homem reforçado, em cuja roupa havia manchas de sangue — barba longa, olhar atrevido.

Iam se pegar, mas Aleixo não consentiu dizendo que a polícia

vinha-os prender, que não valia a pena brigar por uma cousa à-toa... Então Bom-Crioulo, como gostava do pequeno, fugiu, deixando o português no meio de uma praça muito grande, cheia de arvoredos.

A realidade, porém, veio despertá-lo. Eram onze horas. Tinha-se aberto a porta da *soltária* e, mesmo em jejum, ele ia ser castigado. Faltava o comandante para se dar princípio à solenidade. Uma onda de luz banhou a prisão iluminando o rosto do marinheiro.

— Levante-se! ordenou o sargento da guarda.

Bom-Crioulo não podia se mover: foi preciso que o segurassem. Apertava-lhe a boca uma mordaca de ferro. Havia no seu olhar uma indignação muda e triste.

Ergueu-se trôpego, bambo, os olhos como duas tochas, uma equimose roxa na face, porque adormecera com a cabeça no joelho em posição de múmia indígena. Fez-lhe bem o ar livre da manhã; a luz que se desperdiçava no espaço reanimou-o; todo ele sentiu-se vibrar; oferecia-se ao castigo sem medo, impávido e sereno, odiando intimamente, lá no fundo de sua natureza humana, aquela gente que o cercava exultando, talvez, com a sua desgraça. Não tinha ninguém por ele — era um abandonado, um infeliz... O próprio Aleixo onde estaria?

Essa lembrança o comoveu. Sim, o Aleixo era a causa de tudo... Enquanto vivera na companhia do grumete, nunca se embriagara positivamente: bebia, de longe em longe, um golezinho de cachaça, para aquecer, e ficava satisfeito. Agora não, só se contentava com a terça e gostava de repetir. — Ah! seu Aleixo, seu Aleixo!...

Como da outra vez, na corveta, houve "mostra geral", a guarnição inteira formou à ré, na tolda.

O castigo foi tremendo.

— Não se iluda a guarnição deste navio! perorou o comandante. Desobediência, embriaguez e pederastia são crimes de primeira ordem. Não se iludam!...

E, como da outra vez, Bom-Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata. Apanhou calado, retorcendo-se a cada golpe na dor imensa que o cortava d'alto a baixo, como se todo ele fosse uma grande chaga aberta, viva e cuenta... Morria-lhe na garganta um grunhido estertoroso e imperceptível, cheio de angústia, comprimido e seco; dilatavam-se-lhe os músculos da face em contrações galvânicas; o sangue, convulsionado, rugia dentro, nas artérias, no coração, no íntimo da sua natureza física, palpitante, caudaloso, numa pletora descomunal!

Ele sofria tudo com aquele orgulho selvagem de animal ferido, que se não pode vingar porque está preso, e que morre sem um gemido, com o olhar aceso em cólera impotente!

Errava na luz intensa do meio-dia uma tristeza vaga e universal. Lá de fora, da barra, vinha, encrespando a água, um arzinho fresco impregnado de maresia. A cidade, em anfiteatro; cintilava entre montanhas na lânguida apatia daquela hora calmosa. O vulto do couraçado, largo e imóvel no meio da baía, com o seu enorme aríete, com a sua

cobertura de lona, resplandecia destacado, longe dos outros navios, longe de terra, fantástico, arquitetural!

À última chibatada, Bom-Crioulo rodou e caiu em cheio sobre o convés, porejando sangue. Ah! mas não havia no seu dorso uma nesga de pele que não fosse atingida pelo vime. Caiu fatalmente, quando já lhe não restava a menor energia no organismo, quando se tomara desumano o castigo e a dor sobrepujara a vontade.

Só então apareceu o médico, trêmulo e nervoso, dizendo que "não era nada, que não era nada; que trouxessem o vidrinho de éter e água, um pouco d'água..."

O comandante aproximou-se também, mas retirou-se logo com o seu desdenhoso aspecto de sôfa nobreza: — "Não se iludam, não se iludam!"

E daí a pouco largava um escaler sem flâmula, conduzindo o marinheiro para o hospital.

— Fica-te, malvado, fica-te! exclamou Bom-Crioulo, voltando-se para o couraçado, em caminho: — Fica-te!

Aleixo nesse dia estava de folga, e muito oedo, cousa de uma hora, veio a terra impellido por uma grande saudade que o fazia agora escravo da portuguesa. Receava encontrar Bom-Crioulo, ter de o suportar com os seus caprichos, com o seu bodum africano, com os seus ímpetos de touro, e esta lembrança entristecia-o como um arrependimento. Ficara abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo por aquele animal com formas de homem, que se dizia seu amigo unicamente para o gozar. Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimulava: nunca o estimara!

Subiu devagar, pé ante pé, a escada do sobradinho, metucioso, agarrando-se à parede, ouvido alerta, comprimindo a respiração. — Felizmente a porta de cima estava aberta...

De vez em quando pisava em falso e os côtumos de bezerro gemiam surdamente. — Era o diabo se Bom-Crioulo estivesse...

Foi andando sempre cauteloso, té à sala de jantar. Ninguém! Enfiou pela cozinha; e, da janela que abria para o quintal, viu lá baixo, vergada sobre um montão de roupa úmida, a portuguesa em tamancos, arregaçada e sem casaco, às voltas, cantarolando. O instinto fê-la voltar-se e olhar pra cima; seu primeiro movimento foi um grito de surpresa e alegria: — Oh! o pequenino, o meu pequenino! já lá vou. Espera, sim?

Aleixo pediu silêncio, com o dedo na boca, e, indicando o sôtão, perguntou, debruçando-se à janela, se Bom-Crioulo estava...

— Qual Bom-Crioulo! rompeu D. Carolina alto, sem mistério, estabnadamente. Qual Bom-Crioulo! Tua negra está só, meu pequenino! Deixa-me enxugar esta roupinha, ouviste? Já lá vou...

Mas o grumete não se conteve: desceu ao quintal para examinar aquela fatura de mulher em trajos de lavadeira, que seus olhos viam extasiados.

Com efeito, a portuguesa estava irresistível para um adolescente

nas condições de Aleixo, bisonho em aventuras dessa ordem, e cuja virilidade apenas começava a destoucar-se.

D. Carolina vestia camisa e saia curta que lhe dava pelo joelho: a cabeça estava coberta com um grande lenço de chita amarrado por baixo do pescoço.

— Não venhas, meu pequeno, disse ela percebendo as intenções de Aleixo. Olha, deixa-me acabar isto, sim?

O grumete formalizou-se: — “Oh! podia acabar, podia acabar...”

E logo, aproximando-se:

— Vim apenas vê-la de perto...

— Estás caçoando, hein! estás caçoando com a tua velha...

— Caçoando, não. Estou falando sério.

A portuguesa desatou numa risada límpida e gostosa, de uma sonoridade vibrante, sacudindo os quadris, cabeceando histericamente:

— Ora meu pimpolho! Ora o meu rico pimpolhozinho!

E ria, ria num desespero.

Aleixo encavacou:

— Está bom, vou-me embora...

— Oh! não, não... Brincadeira! Se vais, fico zangada. Vê lá, hein! vê lá...

E com fingida temura, ameigando a voz:

— Fica, meu bonitinho, fica, junto da tua negra...

Ele somu vagamente e entraram a conversar como bons amigos.

— Estiveram ali, debaixo do telheiro de zinco, um ror de tempo. — o grumete sentado à beira do tanque, perna trançada, a portuguesa muito açodada na faina de concluir a lavagem.

Fora daquele pequeno espaço refrescado pela água, brilhava o sol com uma intensidade rútila e abrasadora. O capim seco do corador ardia, muito raso, muito desolado e outoniço. Na vizinhança, um papagaio de estima berrava estridentemente. Havia grande calma. A água da bica não cessava de cantar no tanque, escorrendo, escorrendo...

Aleixo dependurou a jaqueta de flanela azul e deixou-se ficar em camisa de meia, ouvindo cantar a água, enquanto D. Carolina ia enxaguando a roupa.

Falaram em Bom-Crioulo e riram à custa do negro, baixinho, à socapa.

— Boa criatura! sentenciou a portuguesa com um quê de ironia.

— Para o fogo! acrescentou Aleixo.

Não sabiam do “rolo”. A portuguesa disse apenas que o outro saíra na véspera, depois de meio-dia, e não regressara. — Naturalmente fora preso...

Um relógio deu horas.

— Quantas? perguntou a mulher.

— Quatro, disse o grumete.

— Jesus! Vou acabar, vou acabar! Fica p’amanhã o resto.

— É! Basta de trabalho, isso não vai a matar, disse Aleixo erguendo-se.

E seus olhos pousaram traiçoeiramente sobre o colo nu, sobre a espádua nua de D. Carolina, cheios de desejo, ávidos de gozo.

Ela, como se sentisse no próprio corpo as ferroadas daquele olhar, como se lhe experimentasse o calor vivo, a força magnética, o poder físico, material e irresistível, chegou-se ao grumete e disse-lhe ao ouvido estas palavras, que produziram nele o efeito indizível e vago de um estremecimento nervoso: — Vamos tomar banho?...

— Aqui?

— Por que não?

— Podem ver...

— Fecha-se a porta da rua. Não tenho inquilinos agora...

Aleixo não disse que sim nem que não. Espreguiçou-se todo, contorcendo-se num espasmo incompleto, sentindo um friozinho bom, extraordinariamente bom, uma comoçãozinha maravilhosa percorrer-lhe as fibras, descendo pelo espinhaço e espalhando-se por todo o organismo.

A portuguesa foi depressa lá cima, ao sobrado, e voltou, sem demora, com a face radiante.

Quis ela mesma despir o rapaz, tirar-lhe a camisa de meia, tirar-lhe as calças, pô-lo nu a seus olhos. Bom-Crioulo já lhe havia dito que Aleixo “tinha formas de mulher”.

Depois começou a se despir também...

O tanque estava cheio a transbordar. Via-se-lhe o fundo claro através da água límpida e fresca.

Ninguém os via naquela nudez primitiva, frente a frente — o corpo largo e mole da portuguesa em contraste com as formar ideais e rijas do efebo —, escandalosamente nus, pecadoramente bíblicos no silêncio do quintalejo ao abrigo do sol que vibrava em torno do pequeno alpendre a sua luz de ouro fulvo!

O que eles fizeram, antes e depois do banho, ninguém saberá nunca. Os muros do quintal abafaram toda essa misteriosa cena de erotismo consumada ali por trás da rua da Misericórdia num belíssimo dia de novembro.

D. Carolina realizara, enfim, o seu desejo, a sua ambição de mulher gasta: possuir um amante novo, mocinho, imberbe, com uma ponta de ingenuidade a ruborizar-lhe a face, um amante quase ideal, que fosse para ela o que um animal de estima é para seu dono — leal, sincero, dedicado até ao sacrifício.

Aleixo remoçava-a como um elixir estranho, milagrosamente afrodisíaco. Sentia-se outra depois que se metera com o pequerrucho: retesavam-se-lhe os nervos, abria-se-lhe o apetite, entrava-lhe n'alma uma extraordinária alegria de noiva em plena lua-de-mel, toda ela vibrava numa festiva exuberância de vida, numa eclosão torrencial de felicidade — o corpo leve, o espírito calmo... Aleixo pertencia-lhe, enfim; era seu, completamente seu; ela o tinha agora preso como um belo pássaro que se deixa engaiolar, tinha-lhe ensinado segredinhos de amor, e ele gostara imenso, e jurara nunca mais abandoná-la, nunca mais!

O grumete, por sua vez, experimentava o que experimentaria qualquer adolescente — uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora, uma vontade irresistível de mordê-la, de cheirá-la, de palpá-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novinho insaciável.

A tarde passou rapidamente. Depois do jantar (sopa, cozido e bananas de S. Tomé, fora o vinho fornecido pelo açougueiro) dirigiram-se à sala da frente. Aleixo quis ver o álbum de retratos; a portuguesa trouxe-lho. E sentados no velho sofá, num quase abraço — ele muito curioso, desejando saber de quem eram as fotografias, ela meio derreada, o cabelo úmido e solto, explicando minuciosamente cada figura, paisagens da Europa, trechos de Portugal e das ilhas —, esperaram a noite.

Escureceu. D. Carolina foi acender o bico de gás, queixando-se do calor, “que a sua vontade era não sair d’água, viver dentro d’água, morrer n’água, flutuando...”

Aleixo niu, achou graça, lembrando-se, talvez, da semelhança que havia entre a portuguesa e uma grande corveta bojuda...

— Ora, dize uma cousa, ó pequerrucho, tu me queres bem mesmo ou isso é uma esquisitice, uma pândega?

E risonha, sentando-se:

— Mas olha, dize a verdade! Vê lá se me vers com história...

Ele então disse que estimava-a do fundo do coração e tomou a jurar que havia de morrer junto dela, na mesma cama — juntinho, lado a lado...

— E se morreres a bordo, no mar?

— Paciência, murmurou o grumete num tom de tristeza.

Mas, arrependida, ela o cobriu de beijos:

— Não, ele não morreria no mar. Brincadeira, brincadeira...

Havia no rosto imberbe e liso do grumete uns tons fugitivos de temura virginal, o quer que era breve e delicado, a branca melancolia de certas flores, o recolhimento ingênuo e discreto de uma educanda; e era isso justamente, era esse *quê* indefinível, essa poesia inocente derramada no semblante de Aleixo, que provocava a portuguesa, ferindo a corda sensível do seu coração abandonado e gasto. Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos gosseiras de um marinheiro, de um negro... Muita vez o pequeno fora seduzido, arrastado. Ela até fazia um benefício, uma obra de caridade... Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos: ele e ela...

Mas Aleixo não podia esquecer Bom-Crioulo. A figura do negro acompanhava-o a toda parte, a bordo e em terra, quer ele quisesse quer não, com uma insistência de remorso. Desejava odiá-lo sinceramente, positivamente, esquecê-lo para sempre, varrê-lo da imaginação como a um pensamento mau, como a uma obsessão insólita e enervante; mas,

debalde! O aspecto repreensivo do marinheiro estava gravado em seu espírito indelevelmente; a cada instante lembrava-se da musculatura rija de Bom-Crioulo, de seu gênio rancoroso e vingativo, de sua natureza extraordinária — híbrido conjunto de malvadez e tolerância —, de seus arrebatamentos, de sua tendência para o crime, e tudo isso, todas essas recordações o acovardavam, punham-lhe no sangue um calefrio de terror, um vago estremecimento de medo, qualquer cousa latente e aflitiva... Suas expansões com a portuguesa eram incompletas, vibravam-lhe os lábios em sorrisos de falsário, cada vez que ela o exaltava para deprimir o outro...

Toda a noite foi um delírio de gozo e sensualidade. D. Carolina ceovou o seu hermafroditismo agudo com beijos e abraços e sucções violentas...

Vida triste era a de Bom-Crioulo, agora, no hospital, longe da rua da Misericórdia e do seu único afeto, obrigado a um régimen conventual, alimentando-se parcamente, ouvindo a toda hora gemidos que lhe entravam na alma como uma salmodia agourenta, como a donda expressão de seu próprio abandono, metido entre as paredes de uma lúgubre enfermaria — ele que amava a liberdade com um entusiasmo selvagem, e cujo ideal era viver sempre na companhia de Aleixo, do ingrato Aleixo...

A figura do rapazinho, rechonchuda e nédia, esvoaçava-lhe na imaginação provocadoramente, seduzindo-o, arrastando-o para um mundo de gozos, para uma atmosfera de lubricidade, para o silêncio misterioso de uma existência devotada ao amor clandestino, ao regalo soberano da carne, a todos os delírios de uma paixão que chegava à loucura.

A ausência aumentava-lhe o desespero, aquela vida triste de hospital enchia-o de aborrecimentos, era um castigo sem nome para quem, como ele, reclamava liberdade e amor — liberdade absoluta de proceder conforme o seu temperamento, amor físico por uma criatura do mesmo sexo que o seu, extraordinariamente querida como Aleixo... Nunca mais tivera notícias dele, nunca mais o vira, nunca mais haviam trocado um simples olhar...

Entretanto, que de recordações povoavam-lhe o cérebro, à noite, quando, só ele Bom-Crioulo, d'olhos abertos no escuro, fitando o teto da enfermaria, velava, ele só, ali dentro! Que de recordações, meu Deus! Via, como se estivesse vendo na realidade, as formas do grumete, o seu olhar azul e a face branca, o quatinho momo da rua da Misericórdia, trepado, lá cima, no sótão, à beira do telhado, a cama de lona, o retrato do imperador, pregado à parede, muito sério, com um ar de suprema bonomia, e tudo que o cercava no voluptuoso ambiente, onde vivera tantos dias de felicidade... Ficava horas e horas pensando, horas e horas mergulhado numa abstracção vagarosa, num êxtase calmo, recordando, capítulo por capítulo, a história de seu amor. Daí um profundo e inexplicável desgosto, uma idiossincrasia especial feita de ciúme e de ternura dolente. Imaginava cousas de homem que perdeu o juízo: — Aleixo ainda o estimaria? Não, com certeza. Se ainda o estimasse, tê-lo-ia procurado, onde quer que ele, Bom-Crioulo, estivesse; mas Aleixo nunca mais se importara, desde o dia da separação. Quem sabe? novos amores...

O negro enchia-se de ódio ao mesmo tempo que sentia aumentar dentro do coração o desejo de possuir eternamente o rapazinho.

Desejava-o, sim, mas virgem de qualquer outro contacto que não

fosse o dele, queria-o como dantes, para si unicamente, para viver a seu lado, obediente a seus caprichos, fiel a um regímen de existência comum, serena e cheia de dedicações mútuas.

Era-lhe impossível abandonar o grumete; e agora principalmente, agora é que esse amor, essa obsessão doentia redobrada com uma força prodigiosa impelindo-o para o outro, acordando zelos que pareciam estagnados, comovendo fibras que já tinham perdido antigas energias. O Bom-Crioulo da corveta, sensual e uranista, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia na libertinagem, o Bom-Crioulo erotômano da rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano — ressurgia milagrosamente.

Ele ali se achava no hospital, abandonado e só, gemendo tristezas inconsoláveis, arrastando os farrapos de sua alma, ganindo — pobre cão sem dono — blasfêmias contra a sorte que o desligara de Aleixo, contra Deus, contra tudo!

As janelas da enfermaria davam para o mar, ficavam defronte dos Órgãos, abriam para o fundo melancólico da baía. Na sala umas dez camas de ferro, colocadas em ordem, simetricamente imobilizavam-se com os seus cobertores de lã vermelha dobrados a meio e pondo uma nota viva de sangue na brancura dos lençóis. Aí, como em todos os alojamentos do hospital, predominava um cheiro erradio de desinfetantes, o vago odor característico das casas de saúde e dos necrotérios, insuportável, às vezes, como uma exalação de sepultura aberta. Os doentes, em seu uniforme branco de algodão, erguiam-se e tinham licença para recrear fora, nas dependências do estabelecimento, licença especial do médico a quem estavam entregues. Cada enfermaria tinha o seu especialista. Bom-Crioulo fora recolhido à seção dos escrofulosos, à grande sala que dizia para o mar e donde se gozava um belíssimo aspecto de natureza americana. Indiferente a tudo que não fosse o grumete, cuja lembrança infligia-lhe as maiores torturas, ninguém o vira sorrir depois que baixara ao hospital.

Carrancudo, o olhar atrevido e ameaçador — fugindo à companhia dos outros, não podia esquecer, não podia apagar do espírito aquela idéia-pesadelo: o grumete nos braços doutro homem... Ah! bastava isso para tirar-lhe o sossego, para fazer dele um ente miserável, contorcendo-se nas angústias de um ciúme bárbaro. Aleixo fazia-o padecer noites inteiras, dias sucessivos, como ave que se debate em estreita gaiola de ferro. — Amava muito, decerto, queria um bem louco ao pequeno, preferia-o a todas as mulheres bonitas do mundo!

Enquanto iam-lhe cicatrizando as feridas roxas do corpo tatuado pela chibata, abria-se-lhe na alma rude de marinheiro um grande vácuo: terrível sensação de desespero acometia-o cada vez que pensava no outro, nesse grumete sem alma que o iniciara no amor e que o fazia sofrer as amarguras de uma vida de condenado... Bom-Crioulo sentia-se transformar inteiramente; alguma cousa profunda e grave, que ele

próprio não sabia explicar, assim como um prenúncio fatal de desgraça, punha-o triste, arrebatava-o às alegrias da camaradagem, dando-lhe um aspecto estranho de malvadez rebuçada.

— Aquilo não era hospital, aquilo era um inferno! monologava crispando o beijo em assomos de raiva feroz. Estava-se-lhe esgotando a paciência.

Já uma vez pedira alta; se o queriam levar a capricho, então adeus!... Morria, mas não dava parte de fraco... Era homem, que diabo! e um homem deve mostrar para que veio ao mundo...

Embirrava com toda gente, afinal: — Enfermeiros brutos! Cozinheiros de *fregê!* O próprio médico, assim que lhe dava as costas, era logo insultado.

Seu consolo nesse abandono de galé, nessa espécie de viuvez d'alma, era o retrato de Aleixo, uma fotografia de baixo preço tirada na rua do Hospício, quando ele e o pequeno moravam juntos na corveta. Representava o grumete em uniforme azul, perfilado, teso, com um sorriso pulha descerrando-lhe os lábios, a mão direita pousada frouxamente no espaldar de uma larga cadeira de braços, todo meigo, todo *petit-jesus*... Bom-Crioulo guardava essa miniatura religiosamente, com cautelas de namorado, e à noite, quando se ia deitar, despedia-se dela com um beijo úmido e voluptuoso. Habitara-se àquilo do mesmo modo que se habituara a fazer o sinal-da-cruz antes de fechar os olhos. Uma superstição pueril de amante cheio de temuras... Agora, porém, esse amuleto inestimável acompanhava-o a toda parte. Durante o dia mesmo, ele sacava-o fora do bolso e punha-se numa contemplação mística, num vago enleio ideal, a olhar o retrato de Aleixo, como se daquele cartão inanimado e frio lhe pudesse vir um raio de amor, um luar de esperança...

Achava-o muito parecido com o original, oh! mesmo muito... Os olhos, a boca, o sorriso, o nariz... tudo! Como é que se podia, num momento, copiar assim as feições de uma criatura! Era ele, exatamente o Aleixo!

E ficava admirado, ficava idiota, perdia a cabeça, quando seus olhos caíam sobre o pequeno "registro"... Ria-se, às vezes, para ele, sem que ninguém visse, retirado para um canto obscuro, longe dos outros.

E cada dia que passava era como se fosse um ano, um século, uma eternidade!

Lembrou-se de pedir a alguém que lhe escrevesse um recado ao grumete, duas palavras, uma linha...

Talvez ele nem soubesse onde estava o Bom-Crioulo... Falou a um rapazinho, empregado no hospital: era favor, sim? um favorzinho... E ali mesmo, na enfermaria, perto da janela que olhava para os Órgãos, quase ao escurecer, traçaram estas palavras:

"Meu querido Aleixo

Não sei o que é feito de ti, não sei o que é feito do meu bom e carinhoso amigo da rua da Misericórdia. Parece que tudo acabou entre nós. Eu aqui estou, no hospital, já vai quase um mês, e espero que me

venhas consolar algumas horas com a tua presença. Estou sempre a me lembrar do nosso quartinho... Não faltes. Vem amanhã, que é domingo.

Teu

Bom-Crioulo".

Somente isto. — Queria ver agora como se portava o "senhor Aleixo", se ainda o estimava, se era o mesmo da corveta, o mesmo da rua da Misericórdia, meigo e dócil, carinhoso e reconhecido.

No dia seguinte, pela manhã cedo, o primeiro escaler que largou da ilha para terra conduzia o bilheteinho cautelosamente fechado, escrito numa garatuja desigual, tortuosa, indecifrável, que o empregado traçara ao crepúsculo, defronte do mar e à pressa.

O negro ficou ansioso pela resposta, numa inquietação de namorado que espera o desejado momento de abraçar a sua *ela*, contando as horas minuto por minuto, frenético às vezes, quando, por uma ilusão do ouvido, julgava perceber a voz do outro, animado agora e depois completamente desanimado, à proporção que as horas iam passando, fazendo cálculos ideais, balbuciando monólogos imperceptíveis, indo e vindo pelos corredores, pelas dependências do hospital como um idiota, como uma pessoa inconsciente. — E se *ele* não viesse? Ah! decididamente é porque já não o estimava: é porque o desprezava. Mas, ao menos, havia de responder fosse o que fosse.

Não podia acreditar que *ele*, sempre tão amável, tão bom e solícito, rasgasse o bilhete sem dar uma respostazinha, um *sim* ou um *não*. Qual!...

Tinha penteado o cabelo, mudado a roupa, e de instante a instante fazia uma chegada ao espelhinho, ao seu miserável caco de espelho, um traste que possuía no fundo da maca.

Passou a hora do almoço, chegou a hora do jantar, entraram e saíram marinheiros, a sineta badalou novas baixas, tocou meio-dia, e nada! nem sinal de Aleixo, nem sombra dele! — Era mesmo para uma pessoa danar! Se não quisesse ir, dissesse!

Começava a perder a esperança. — Amigos! fie-se a gente em amigos!...

Crescia-lhe a inquietação moral, crescia-lhe o desespero como uma onda que vai pouco a pouco intumescendo, empolando-se, até se desfazer em espuma, quebrar-se de encontro à rocha... — Não almoçara, não jantara, e o resultado era aquele: o senhor Aleixo divertia-se!

E quando as corvetas da esquadra fizeram sinal de "amiar a bandeira", quando o portão do hospital fechou-se às visitas, uma tempestade de ódio levantou-se no interior daquele homem capaz de todas as dedicações e de todos os horrores.

Bom-Crioulo rugiu interiormente; alguma cousa espedaçou-se dentro dele, tamanho foi o abalo do seu corpo. Entrara-lhe no espírito a convicção, a certeza absoluta de que o pequeno estava com "outro", abandonara-o. Recolheu-se à enfermaria taciturno, cheio de cólera, num delírio de raiva surda, numa febre de vingança que até lhe incendiava o rosto por fora, queimando a pele...

Veio a noite e ele não pôde dormir, nem fechar os olhos.

Espojava-se na cama, de um lado para o outro, abafado, sem ar que lhe enchesse os pulmões, numa terrível crise de nervos, como se estivesse a lutar com fantasmas, ora repuxando os lençóis, ora descobrindo-se todo na agonia de uma formidável dispnéia. — Abandonado, ele! abandonado por aquele que o devia estimar como a um pai! Abandonado por Aleixo, pelo seu querido Aleixo!...

Parecia-lhe incrível! Desespero igual nunca ele experimentara. Só lhe vinham à imaginação cousas tristes, idéias lúgubres. E, para maior infelicidade, para maior desgraça, ouviu toda a noite alguém gemer na enfermaria vizinha — uma voz de homem, grossa, abafada, inimitável, chamando pelo nome de Jesus e que a ele, Bom-Crioulo, parecia a sua própria voz de amante infeliz apelando para a suprema bondade de Deus... O desgraçado, quem quer que fosse, gemia, gemia sem tréguas, cortado de dores horíveis.

Pairava na atmosfera calma do hospital um cheiro muito vivo de alfazema queimada, assim como um vago odor de câmara mortuária. Bom-Crioulo que nunca, em sua vida, tivera medo, e que sempre desafiara a morte corajosamente, não pôde evitar, essa noite, um calefriozinho de pavor. Houve um momento em que se revoltou contra o pobre doente que gemia. — Diabo! Não se podia dormir com aquele agouro!... Se tinha de morrer, morresse logo...

Mas, arrependeu-se: — Coitado! era algum desgraçado como ele, algum pobre marinheiro sem amigo na terra...

Os gemidos foram pouco a pouco cessando, pouco a pouco diminuindo — triste monodia que se cala no silêncio da noite. Pela madrugada sentia-se ainda o cheiro de alfazema, enjoativo e penetrante, mas o doente cessara de gemer. Quem sabe se teria morrido? Foi embalado por essa idéia desoladora que Bom-Crioulo caiu no sono...

Davam três horas.

Nesse dia, como nos outros, a mesma preocupação, a mesma idéia fixa, obstinada e mortificante, encheu a alma do pederasta. Ele próprio se admirava de como é que "aquilo" renasceria — ele que se julgava forte para não se impressionar com tolices, ele que supunha tudo fácil, tudo passageiro na vida! — Porque afinal (refletia) quando se ama uma rapariga bonita, uma mulher nova, branca ou mesmo de cor — vá! Um homem perde a cabeça, e com razão; mas, andar uma pessoa triste, sem comer, sem dormir, sem fazer pela vida, por causa de outro homem, por causa de um "indivíduozinho" que se abre para todo mundo — é uma grande loucura...

Mas embalde procurava iludir-se: a imagem de Aleixo agarrava-se-lhe ao espírito e cada vez o torturava mais; borboleta importuna, esvoaçava em torno dele, provocando-lhe o apetite sensual, estimulando-o como um afrodisíaco milagroso, fazendo-lhe renascerem todas as forças vivas do organismo genital, que ele julgara enfraquecidas pelo excesso, pela intemperança.

Sentia-se forte ainda para grandes cometimentos, para maiores

provas de virilidade, e nenhuma criatura humana, fosse a mais bela de todas as mulheres, alcançaria proporcionar-lhe tanto gozo, tanta felicidade, num só momento, como Aleixo, o delicioso e incomparável grumete, que era, agora, o seu único desejo, a sua única ambição no mundo. Havia de o possuir, havia de o gozar, como dantes, por que não? Morto ou vivo, deste ou daquele modo, Aleixo havia de lhe pertencer!

Começou a imaginar um meio de fugir, de abandonar o hospital em procura do grumete. — Ora, adeus! o que tem de ser sempre é! Já não podia suportar cheiro de hospital. Para castigo bastava...

Mas, como fugir? como iludir a vigilância das sentinelas? Uma vez embaixo, no cais, era fácil tomar um bote de ganho, ou mesmo ir a nado...

E os dias passavam, uns após outros, com a mesma uniformidade, cheios de monotonia, cheios do sol quente de estio, e Bom-Crioulo não achava ocasião oportuna de realizar o seu plano de fuga.

Ia-se-lhe tomando cada vez mais insuportável a existência naquela espécie de convento de inválidos. Estava magro, visivelmente magro: — “estava acabado!” E que sonhos horríveis, que pesadelos! Uma noite sonhou que Aleixo tinha morrido com uma facada no coração; que ele, Bom-Crioulo, via o pequeno ensangüentado numa cama de vento, nuzinho, os beiços muito roxos..., e que a portuguesa, D. Carolina, chorava perdidamente, enxugando os olhos com um grande lenço de tabaco... — Já viram que extravagância?...

E outros e outros sonhos... Se continuasse ali naquele presídio, acabava maluco, era capaz de morrer doido. — Oh! sim, queria fugir, não tolerava mais aquilo. “— ... que os pariu!...”

E todos os dias a mesma cousa, o mesmo penar, a mesma série de idéias vagas, incompletas, as mesmas oscilações, as mesmas dúvidas. Uma noite ia sendo preso quando tentava escalar o muro do hospital...

Mais tranqüilo agora, sem receio de que Bom-Crioulo o procurasse para uma vingança, identificado com a portuguesa, esquecido mesmo de certas cousas que o faziam tímido e medroso, Aleixo ia passando uma vida regalada, ora em terra, ora a bordo da corveta, sem outros cuidados que não os da sua rude profissão. Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tomando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa vivia dele; amava-o, adorava-o!

Ah! era muito capaz, ela, de fazer uma loucura por causa do seu *bonitinho*! — Quando Aleixo vinha de bordo, nada lhe faltava naquele pobre sobradinho da rua da Misericórdia. Tudo ela guardava para o seu formoso marinho: eram frutas, doces, comidas especiais, quitutes à portuguesa, isso, aquilo, aquilo outro... Ela mesma batia, engomava a roupa dele com um melindroso carinho de mãe amorosa, dobrando as camisas, perfumando-as de alecrim para ele mudar quando viesse do trabalho. Como tudo mudara naquela casa depois que o negro saíra! O sótão, o misterioso sótãozinho estava abandonado, Aleixo não queria saber dele, odiava-o, porque ali é que se tinha feito escravo de Bom-Crioulo, ali é que "tinha perdido a vergonha". O pobre quarto era como um lugar de maldições: vivia trancado à chave, lúgubre e poeirento. D. Carolina rarisssimas vezes abria-o, isso mesmo quando tinha de recolher algum traste velho, algum móvel sem préstimo. O retrato do imperador, a cama de lona, os cacarús de Bom-Crioulo e do grumete, aquilo tudo que dantes fazia o encanto dos dois amigos tinha desaparecido. Nada restava agora daquele viver comum.

— E se o negro vem por aí um belo dia? imaginou Aleixo, receoso.

— Qual vem, qual nada! fez a portuguesa com um gesto de profunda convicção. Bom-Crioulo já nem se lembra de ti; anda na bilonragem; o que ele queria era te desfrutar.

E logo:

— Se vier, é a mesma cousa. Ninguém morre de careta. Diz-se-lhe que os engenheiros proibiram morar no sótão; que o teto ameaça desabar... Inventa-se...

E os objetos de Aleixo, somente os dele, foram colocados na alcova da portuguesa, embaixo, no primeiro andar. De então em diante passaram a dormir juntos, como um casal, na mesma cama larga. E ninguém pisou mais no sótãozinho, agora transformado em depósito de móveis inúteis, coberto de pó, abrigo de insetos, ninho de ratos.

Há quase um mês que isso durava, e, longe de se aborrecer, Aleixo

sentia, pelo contrário, uma inabalável e profunda afeição por D. Carolina, exigindo até que ela não recebesse mais o barbaças do açogue. Queria-a para si, unicamente para si, ou estava tudo acabado!

Ela procurou convencê-lo de que o sujeito, o Man'el, era um tipão "necessário", porque lhe dava mesada, pagava o aluguel do sobrado: uma pechincha! Quanto a ser homem, ora! o "bonitinho" ficasse descansado: não havia perigo... Man'el era um pobre coitado, uma criatura sem força, um porcalhão...

Mas Aleixo indignou-se: — Não senhora, não admitia outro homem!... Ela bem podia trabalhar honestamente e ganhar dinheiro para o aluguel. Não senhora: ou ele, Aleixo, ou o barbaças.

D. Carolina riu e protestou não receber mais o Man'el. Havia de viver "honradamente"!

Aleixo ficou muito satisfeito, muito orgulhoso, muito convencido.

Mas a verdade é que, se o açogueiro não continuasse a fornecer carne e a pagar o aluguel do sobradinho, tanto ele como a portuguesa teriam renunciado àquele amor...

— Nem o Man'el sabe do *bonitinho*, nem o *bonitinho* sabe do Man'el, pensava D. Carolina.

E tudo ia marchando sem atropelos — dourada embarcação em mar de rosas...

...Vai senão quando chega o bilhete do negro: — *Meu querido Aleixo...*

D. Carolina passou os olhos com sofreguidão, correndo logo à assinatura, e, ao deparar com o nome de Bom-Crioulo, meneou a cabeça desdenhosamente. Depois releu aquelas palavras tocadas de amor e de saudade, e ficou um ror de tempo no meio da sala, em pé, como se houvesse enlouquecido.

Seriam onze horas — uma manhã quente de dezembro, cheia de luz e de poeira.

Tinha acabado de almoçar, como de costume, o seu bife e o seu café com leite, quando bateram.

Era o bilhete do negro, do "maldito"!

Aleixo tinha ido para bordo naquela manhã e só devia regressar no outro dia. — Felizmente, meu Deus, felizmente o "bonitinho" não estava em casa, porque, então, podia se impressionar...

Passou um último olhar no papel, como se quisesse decorar o recado, e fê-lo em miúçalhas atirando os bocadinhos no caixão do cisco. — Ora, adeus! aquilo não servia para nada!

Mas ficou pensativa, cheia de um vago e misterioso pressentimento que lhe fazia bater o coração. Assaltaram-lhe idéias horrorosas de crimes, de homicídios, de sangue; relembrava casos que tinham alvoroçado o Rio de Janeiro, casos de cúme, de traições... Na rua do Senhor dos Passos um sargento esfaqueara uma pobre "mulher da vida"; encontrara-a com outro... A polícia correu ao lugar do sinistro, mas o assassino, como era noite, evadira-se, deixando o cadáver da rapariga crivado de golpes, rubro de sangue. Lembrava-se também de outro caso

medonho; fora na rua dos Arcos: o assassino cortara a mulher em bocados como se esquartera uma rês. O povo correrá em massa para ver o espetáculo; dizia-se até que a vítima era uma espanhola de alto bordo chamada Lola.

Tudo isso vinha-lhe à imaginação desordenadamente, esfriando o seu amor, enchendo-a de receios, de um medo pueril, que era como um aviso de desgraça próxima.

Passou o dia sem fazer nada, inquieta, ora na alcova, deitada, a pensar, calculando o futuro, rememorando uma cousa ou outra, suspirando pelos bons tempos da sua mocidade, ora nos fundos da casa, indo e vindo, como tonta: — “que não se podia com o calor de dezembro, ufl...”

Ficou muito admirada quando ouviu bater duas horas: — Ainda! Jesus, que dia longo! E nem roupa havia para lavar, nem um serviçinho, nem uma distração... Era contra seus hábitos aquilo: não podia estar em pé sem fazer cousa alguma. Que ferro!

Não lhe saía da cabeça o bilheinho do negro, que ela espedaçara. — E não é que o tal Bom-Crioulo ainda se lembrava de Aleixo! Grandessíssimo pederasta! Nunca supusera que uma paixão amorosa de homem a homem fosse tão duradoura, tão persistente! E logo um negro, Senhor Bom-Jesus, logo um crioulo imoral e repugnante daquele!

Entrou pela noite com a mesma inquietação, com o mesmo receio vago e indefinido, quase arrependida de se ter metido com o Aleixo. Bem que estava sossegada no seu cantinho da rua da Misericórdia, vivendo como Deus queria, sem se incomodar. Afinal de contas o grumete era uma criança e ela uma senhora de idade...

E logo, refletindo: — Ah! mas ninguém está livre: homem e mulher são como fogo e pólvora... Assim mesmo quarentona, ela era mulher, tinha sangue nas veias e um coração para sentir...

Bateu as portas, mais cautelosa que nunca, revistou o quintal, e foi-se deitar muito cedo, pensando em Bom-Crioulo, no Aleixo e nas loucuras da humanidade. Quase toda a noite ouviu rodarem os bonides. Fazia um grande calor abafado de estufa, e ela não podia conciliar o sono, adormecer tranquilamente; fechava os olhos em vão, para tomar a abrir no mesmo instante, sufocada, agitada por um nervoso ridículo de mulherzinha histérica, ela, um mulherão daquele, gorda, forte e sadia!

Nenhuma posição lhe agradava na cama: um mal-estar, uma asma, que lhe tirava o fôlego e o sono. Era a primeira vez que tal cousa lhe sucedia. Debalde escancarou as portas da alcova — a que dizia para a sala e a do corredor. Qual! A mesma falta de ar, o mesmo inferno. E sempre a lembrança do negro e do outro atormentando-a como um pesadelo cruel. Via Bom-Crioulo entrar pela casa dentro bêbado, os olhos em chama, segurando uma navalha de marinheiro, brandindo a arma, cheio de ódio, feroz, temível, hediondo, e, de repente, cair sobre o grumete, espumando ciúme, cortando-o de navalhadas; e parecia-lhe estar vendo o outro rolar no chão sem fala, num rio de sangue, morto!...

E depois a políca, gritos de socorro, vergonhas, curiosos que vinham

ver...

Bateu duas horas da madrugada. Já se não ouviam bondes. Um silêncio absoluto na rua, e dentro, no sobrado, a mesma quietação domente e abatada — uma calma infinita de subterrâneo.

Mais um quarto d'hora e a portuguesa caiu no sono profunda-

mente — um sono de pedra, inabafável como o sono eterno...

Como de costume, Aleixo "folgou" no dia seguinte, e, como de costume, veio direto a casa, muito leve, muito desobnãgado, no seu uniforme azul, capa branca no boné, oloroso e risonho. D. Carolina estava para dentro, às voltas com a cozinha. Eram três horas da tarde. O grumete estranhou que a porta da rua estivesse fechada àquella hora, e bateu com força. — Oh! isso era novidade!

A mulher correu logo a ver da janela. — Sena o *bomtinho*! Houve um pequeno rebulligo na vizinhança. Embaixo, na loja, appareceu uma cabeça negra toda curiosa, fingindo que chegava ao posto naturalmente, por acaso... O calheiro da padaria estirou o pescoco, de dentro do balcão.

D. Carolina, mal reconheceu o marinho, veio abrir logo com uma exclamação de surpresa: — Oh! não o esperava tão cedo!

— Não cedó? Pois ainda achava cedo? É boa: quase noite!

— Oh! filho, são duas horas...

— Duas não senhora: já vai para as quatro.

E foram subindo a escada, ella com o braço no ombro do rapaziño, elle muito sério, muito desconfiado, os olhos baixos, uma expressáo melancólica no rosto púbere. — Que lembrança fechar a porta da rua àquella hora!

E a portuguesa beijando-o na face:

— Não te zangues, meu jasmim, não te zangues. Porta fechada livra de tentações... Deu-me uma cousa, um medo...

— Qual tentação, qual medo! Você já não é criança para andar se escondendo... Isso até faz a gente desconfiar.

Mas D. Carolina não quera dizer a verdade, os seus esculpulos com relação a Bom-Crioulo, o caso do bilhete. Para que sobresaltar o Aleixo? Elle bem sabia que o outro não o abandonava facilmente: negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer... Aleixo bem conhecia o génio de Bom-Crioulo. De resto, o caso do bilhete era uma tolice em que ninguém devia pensar: — Cousas de negro...

— Oh!a, ó pequenino, jurte que não fecharéi mais a porta da rua. Sosssega, ouvisie? Sosssega...

Estavam na alcova. O grumete comea a olhar nos móveis, na cama, pelo quarto e pela sala, como quem procurava descobrir vestígios de infidelidade. A mulher ajudava-o a se despir, tomando-lhe a roupa úmida de suor, toda cheia de cauteias para que elle não se conspiciasse. — Oh!a, muda a camisa; oh!a, toma um pouquinho de aguardente; oh!a, cuida do com o vento; oh!a os chinelos...

Nunca vira tanto carinho, zelo tanto. A portuguesa multiplicava-se em dedicações, em temuras quase infantis, desejando até que ele a maltratasse, que ele a espezinhasse. O olhar azul de Aleixo tinha sobre ela um poder maravilhoso, uma fascinação irresistível: penetrava o fundo de sua alma, dominando-a, transformando-a num pobre animal sem vontade, queimando-a como uma brasa ardente, impelindo-a para todos os sacrifícios... Perto dele, fugiam-lhe todos os receios, todas as dúvidas: era capaz de atirar-se a um homem, de morrer na ponta de uma faca, de assassinar, de fazer loucuras!

Nesse dia principalmente, ao contrário da véspera, em que ela, no meio de seus amores, desejava ver-se longe do rapazinho, nesse dia principalmente achava-se de uma bondade maternal: a amizade convertera-se-lhe numa espécie de fanatismo, numa adoração religiosa. Beijava-o a cada instante, meiga, cariciosa e feliz, como se todas as virtudes estivessem reunidas ali, no olhar de Aleixo; nesse olhar ideal, de uma doçura infinita.

— Tu és o meu santo, ó pequenino, dizia ela; tu és a minha única felicidade neste velho mundo tão cheio de miséria...

E abraçava-o, rilhando os dentes, nervosa, excitada, oferecendo-se ao rapazinho num fúria sensual e mórbida.

— Mas, que diabo é isso, filha, estás louca? ralhava o grumete cuja fisionomia, desde que chegara, não se abrira num sorriso amável; — que desespero é esse?

— Oh! mas eu te quero tanto bem, meu queridinho, eu te amo tanto!

Ele não disse palavra. O jantar correu frio. D. Carolina retraiu-se por sua vez, humilhada com as maneiras de Aleixo, porque ele, seco e indiferente, não lhe fazia o menor agrado. Ambos permaneceram calados, como duas pessoas estranhas na mesa de um hotel. Mas, para o fim, ela não pôde suportar aquele silêncio incômodo.

— Que te fiz eu, ó filho, diz, que te fiz eu? Não me encontrei só, em casa, trabalhando, mourejando? Que te fiz eu?

Aleixo continuava mudo, os beiços agitados por um tremor convulso, o olhar na parede.

— Vamos, diz, que te fiz eu? insistiu a portuguesa tocando-lhe no braço. Hás de ter alguma razão para te zangares...

Ele, porém, não se movia, não dava resposta, impenetrável na sua mudez obstinada e cruel, que estava quase arrancando lágrimas à mulher. Então D. Carolina sentiu um desespero n'alma e, erguendo-se triste, foi-se para a alcova, maldizendo-se, lamentando "a sua desgraça": — Que era uma infeliz, que todos a desprezavam, que estava cansada de sofrer, que a vida era um inferno, que preferia morrer!

E repetia melancolicamente:

— Que fiz eu, Senhor Bom-Jesus, que fiz eu a esse homem?

Aleixo teve um movimento de piedade, e, erguendo-se também, dirigiu-se à sala da frente.

— Para que fechou, então, a porta da rua? tomou ele. Há algum

mistério nesta casa? A senhora não me esperava hoje?

— Ó filho, pois eu já não te disse que fechei por causa de um medo que me assaltou de repente?...

— Que medo, senhora, que medo! Para tudo há desculpa. A senhora não está procedendo bem...

D. Carolina tinha se deitado na cama e fungava, limpando os olhos com o avental, muito queixosa.

— Donde é que veio esse medo hoje? Todos os dias a senhora não abre a porta, não a deixa escancarada?

— Está você fazendo barulho à toa, por uma ninharia... Ou o homem tem confiança na mulher ou não tem. Você nunca me encontrou com outro, para fazer mau juízo da gente...

— Bom, mas, então, seja franca, explique-se. Por que é que fechou a porta da rua?

Havia já um princípio de reconciliação. Aleixo aproximara-se da cama, sensibilizado pela voz magoada da portuguesa que lhe botava uns olhos muito ternos, muito cheios de humildade e resignação.

— Queres que eu te diga por que é que fechei a porta da rua? Pois senta-te praí que eu te vou dizer. Calei-me por tua causa mesmo, para não te dar cuidado.

O grumete imaginou logo uma série de cousas desagradáveis: tentativas de roubo, ameaças de prisão, violências, um horror! Estava longe, porém de pensar em Bom-Crioulo; a seus olhos o negro morrera, desaparecera; ninguém lhe dava notícias dele; decididamente nunca mais voltaria; talvez andasse nalguma viagem, mar afora, nalgum cruzeiro...

E a portuguesa narrou o caso do bilhete, que ela rasgara, "porque não valia a pena a gente se amofinar..."

Aleixo ouviu tudo curioso, a face na mão, deitado na cama larga.

— E onde está ele? perguntou vivamente.

— No hospital de marinha, na ilha, com alguma doença... Quem o não conhecer que o compre.

Aleixo não quis dizer nada; mas a história do bilhete comovera-o, enchera-o de uma vaga melancolia: — Bom-Crioulo ainda se lembrava!...

Pensou em visitar o negro, talvez fosse mais prudente...

— Que acha?

D. Carolina reprovou: — Jesus, que asneira! Isso era o mesmo que uma pessoa se atirar do Corcovado. Não, nunca!

— Deixa-o lá, filho: pouco a pouco ele irá te esquecendo, fazê pela vida e deixa-o lá. Vamos indo muito bem sem ele. Nada!

— E se ele entrar por aqui adentro um belo dia?

— Qual!... Por isso é que eu trago a porta da rua fechada.

— Bom, murmurou o grumete erguendo-se. A vida é esta!...

— E ninguém deve ir contra as leis da Providência, resumiu D. Carolina dogmaticamente.

Serenara a pequena discórdia. Estava tudo explicado. Aleixo

reconhecera a sua injustiça para com a portuguesa, e ela o perdoara, sempre boa, sempre generosa. Do alto do sobradinho viam ambos, agora, aconchegados, felizes, rindo, os que passavam embaixo, na rua. Que importava Bom-Crioulo? Que importava a febre amarela? Em todo o Rio de Janeiro, em todo o mundo só havia duas criaturas felizes: ele, o grumete, e ela, a portuguesa — felizes como Adão e Eva antes do pecado, felizes como todos os casais que se amam...

Saíram juntos, a dar uma volta, nessa noite. Aleixo propôs ir ao Passeio Público tomar um sorvete, um refresco, uma bebida qualquer. Não se podia estar em casa com o calor! D. Carolina lembrou a Guarda-Velha: — Não seria melhor ir à Guarda-Velha, à fábrica de cerveja? Havia música também...

Mas o grumete ponderou que na Guarda-Velha estava-se muito à vista, iam marinheiros de bordo, havia muita gente. O Passeio Público era maior e menos freqüentado; tinha-se mais liberdade. E depois, era só tomar o bondinho da Lapa.

— Oh! vai com a roupa de marinheiro! suplicou D. Carolina, vendo-o enfiar um jaquetão à paisana. É mais fresca e dá respeito...

— O respeito não está na roupa, doutrinou Aleixo, abotoando-se; é respeitado quem procede bem. Deixa-me ao menos variar!

Ela gostava tanto de o ver em seu uniforme, "todo bonitinho", como uma pintura, chamando a atenção dos burgueses, admirado, invejado, gabado. Assentava-lhe muito mais a roupa de marinheiro; sem comparação! O que era um soldado à paisana? Um homem como qualquer outro, um pobre-diabo que ninguém respeitava. Oh! a farda!...

— Mas eu não quero, filha, não gosto. São cousas...

— Bom, não precisa brigar. Vai como quiseres.

Estava escurecendo. No interior do sobradinho já se não distinguiam os objetos. Fora, na rua, acendiam-se os primeiros bicos de gás e havia grande calma, uma sonolência profunda no quarteirão.

— Creio que vamos ter chuva, disse Aleixo dando um salto à janela.

Com efeito, nuvens escuras alastravam-se pelo céu, baixas, pesadas, rolando como fumarada negra de incêndio. O tempo refrescava. Corria mesmo uma aragenzinha branda e acaniadora. Uma voz humana imitava guinchos de locomotiva para os lados da Misericórdia.

Passava o bonde da Lapa. D. Carolina e Aleixo embarcaram, ela muito alegre, muito expansiva na sua *toilette* improvisada, que lhe dava um ar bonachão e honesto, ele um pouco triste, chapéu de palhinha derreado para a nuca, mostrando o cabelo penteado em pastas, uma gravata cor de sangue — apumado e circunspecto.

O bonde tocou.

Um desespero surdo, um desespero incrível, aumentado por acidentes patológicos, fomentado por uma espécie de lepra contagiosa que brotara, rápido, em seu corpo, onde sangravam ainda, obstinadamente, lívidas marcas de castigo — um desespero fantástico enchia o coração amargurado de Bom-Crioulo. Não lhe restava mais esperança de que Aleixo fosse vê-lo ao hospital: estava desiludido. O grumete abandonara-o, esquecera-o, e nem ao menos dera-lhe uma satisfação! — Atrás dos apedrejados vêm as pedras... Uma pessoa, no fim de contas, era obrigada a tornar-se ruim, a fazer todas as loucuras... Isso de a gente pensar na vida, sacrificar-se, proceder bem, não vale nada, é uma grande tolice, uma grande asneira.

Tinha momentos de calma, procurando afastar do espírito qualquer idéia de vingança, de desforra, como quem se julga superior às pequeninas misérias da vida. Durante o dia jogava a *dama* com o tal empregado que lhe fizera o bilhete, resignado, sem cólera, prazenteiro mesmo, não perdendo, entretanto, aquela vaga expressão de melancolia que boiava em seus olhos traindo mistérios d'alma...

Era à noite, porém, que o caso de Aleixo voltava-lhe à imaginação, enchendo-a de fantasmas, povoando-a de sonhos, com a insistência de um remorso — à noite, nas horas de repouso, quando tudo era silêncio no velho hospital.

Positivamente não se conformava com a idéia de que Aleixo o abandonara por *outro*... E quem seria esse *outro*? Algum marinheiro também, decerto, algum "primeira-classes"... Era muita ingratidão, muita baixaza! Abandoná-lo, por quê? Por que era negro, por que fora escravo? Tão bom era ele quanto o imperador!...

Consumia-se em reflexões pueris, verberando o procedimento de Aleixo, uivando pragas que ninguém escutava, dardejando cóleras, tempestuoso e medonho na sua mudez alucinada. Eram noites e noites de um sonambulismo fantástico e enervante, de uma obsessão rude e esmagadora. E quando, pela madrugada, vinha-lhe o sono, era impossível dormir, porque vinham-lhe também o que ele chamava "as coceiras", um horroroso prurido na pele, no corpo todo, como se o sangue fosse esguichar pelos poros numa hemorragia formidável ou como se estivesse crivado de alfinetes da cabeça aos pés; — não podia fechar os olhos, nem tranquilizar o espírito. Seu desejo era sair como um doido por ali fora, meter-se num banho e ficar n'água um ror de tempo agachado, nu em pêlo. Parecia uma maldição! Rebentavam-lhe feridas: havia uma grande aberta no joelho esquerdo. Não atinava com aquilo. Talvez alguma praga injusta... Era horroroso! Levar um homem a noite inteira sem dormir, pensando numa

cousa; noutra, e, ainda por cima, o diabo de umas coceiras que punham a gente doida!

Então é que tinha raiva de Aleixo, então é que se revoltava contra o grumete, "o causador de todos os seus males". Naquele estado aflitivo de desespero de corpo e d'alma ia-se-lhe a razão — Bom-Crioulo só tinha uma idéia: vingar-se do efebo, perseguir-lo até a morte, aniquilá-lo para sempre!

Era um misto de ódio, de amor e de ciúme, o que ele experimentava nesses momentos. Longe de apagar-se o desejo de tomar a possuir o grumete, esse desejo aumentava em seu coração ferido pelo desprezo do rapazinho. Aleixo era uma terra perdida que ele devia reconquistar fosse como fosse; ninguém tinha o direito de lhe roubar aquela amizade, aquele tesouro de gozos, aquela torre de marfim construída pelas suas próprias mãos. Aleixo era seu, pertencia-lhe de direito, como uma coisa inviolável. Daí também o ódio ao grumete, um ódio surdo, mastigado, brutal como as cóleras de Otelô...

Aleixo com outro homem! Esta idéia fazia-o enlouquecer de ciúme, torturava-o como um sofrimento agudo, como uma chaga viva e dolorosa.

Que felicidade, que alívio, que suprema ventura, quando pela manhã, já dia claro, o sol, tépido e loução, entrava cheio de mistério pela enfermaria dentro, e recomeçava em todo o hospital a bela vida!...

Foi justamente numa dessas noites de obsessão e desespero que Bom-Crioulo galgou a muralha do estabelecimento e abalou vertiginoso para a rua da Misericórdia, cego, às tontas, como quem vai precipitar-se num abismo.

Era um sábado feriado. Entre os marinheiros que tinham ido ao hospital visitar os amigos, Bom-Crioulo reconheceu o *Pinga* da corveta, seu companheiro de viagem outrora — o *Pinga*, o Herculano, que fora surpreendido a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano, junto à amurada, na proa, certa noite...

— Ó Herculano, vem cá!

— Oh, Bom-Crioulo!

— Então, que é feito de ti? perguntou o negro, interessado, conduzindo o outro pelo braço. Onde é que estás agora?

Herculano estava mudado, já não era o mesmo *Pinga* retraído e esquivo, com olheiras, falando pausadamente. Estava outro, admiravelmente outro, o Herculano — gordo, rosado, o olhar vivo e brilhante, sem melancolia, nem sombra alguma de tristeza. Perdera a antiga palidez que lhe dava um arzinho pulha de cousa à-toa, falava desempenado, alto, e ria, como uma criança, por ninharias. — "Onde estava agora? Na corveta, sempre na corveta".

— Ainda? fez Bom-Crioulo admirado, ocultando a satisfação que lhe fazia a resposta. Ainda estás, na corveta, homem de Deus?

— Por que não? Aquilo é que é navio. Depois que saiu do dique, nem parece a mesma. Faz gosto vê-la. Toda pintadinha, toda nova, que é ver uma tetéia.

— Mas, como é que se muda assim, rapaz? Tu, que eras tão pobre de sangue, estás-me parecendo bonito, homem!

— Qual o quê! somiu Herculano. Já estive mais gordo...

la reparando em Bom-Crioulo. Como estacava acabado, o negro! Viam-se-lhe os ossos da cara; tinha uma grande cicatriz, uma espécie de ruga funda no pescoço...

— Estás doente? perguntou.

— Ando com umas coceiras, umas feridas no corpo... Diz que é sarna.

— Ah!... Porque estás magro, meu velho, estás na espinha. Que diabo!

E depois de uma pausa:

— Eu vim ver o Anacleto, que está com uma *carregação*... Não sabia que tinhas baixado também, que andavas por aqui. Fazia-te longe...

— É verdade, há quase um mês nesta desgraça, me acabando!

Chegaram à enfermaria. Os doentes olhavam-nos, palrando, em grupos, nos corredores, nas dependências do hospital. Alguns convalescentes jogavam a *peteca* num largo donde se avistava o mar.

la para as seis da tarde. Os navios de guerra, imóveis e embandeirados, tinham um aspecto festivo. Ouviam-se toques de corneta ao longe e sons de música em terra, na cidade. Barcas de Niterói cruzavam-se no meio da baía calma. Por toda parte, no mar e em terra, uma frêmito de alegria universal e domingueira, uma estranha alacridade perdendo-se ao longe, nas primeiras névoas do crepúsculo. Já se não via o disco de ouro do sol; a claridade ia pouco a pouco tomando-se difusa, esmaecida, langue, como uma manhã de brumas. O perfil das embarcações, o contorno das montanhas, torres e chaminés — tudo mergulhava na noite que descia palpitante de mistérios...

Ao Herculano pouco se lhe dava que anoitecesse, porque estava de folga; daí, do hospital, iria para terra num bote de ganho. Mas era preciso não demorar muito, sob pena de fechar-se o portão do estabelecimento, e ele amanhecer naquele "cemitério de vivos"...

Bom-Crioulo tranqüilizou-o: — Ainda era cedo, homem. Que pressa, que vexame!

E muito jeitoso, muito amável:

— Senta um pouco. Nada de cerimônias: isto aqui é meu, é teu, é do Governo. Podemos conversar à vontade.

Herculano correu o olhar pela enfermaria, pelo chão, pelo teto, pelas camadas alinhadas. De resto, não era má vida... Boas camas, bom passadio, liberdade...

— É porque ainda não passaste uma noite aqui dentro, meu velho. Um inferno é o que isto é. Só mesmo para quem não pode agüentar-se. Boa cama temos nós a bordo.

— Pode-se fumar? perguntou o outro.

— É proibido, mas fuma lá teu cigarro.

Tinham-se sentado na cama do negro, muito encardida. — “Era só um instantinho”, avisou o grumete.

E Bom-Crioulo puxou conversa:

— Dá-me notícias daquela gente, ó Herculano. Como vai o Aleixo, como vai o guardião Agostinho, como vão todos?...

— Bem. O guardião Agostinho sempre malvado, aquele cabra — malvado e “implicante”. Eu, felizmente, não lhe tenho caído nas unhas; felizmente! O Aleixo, aqui pra nós, anda muito metido com os oficiais. Vive na praça d’armas, é quem dá corda no relógio, quem arruma os camarotes, quem faz tudo. Está um pelintra, filho, um grande pelintra: é o nenenzinho de bordo. Sai quando quer, entra quando quer...

Bom-Crioulo pigarreou.

— Eu, por mim, não troco palavra com ele, continuou Herculano. Estamos de mal, por uma asneira, por uma tolice... Outro dia quase nos pegamos. Dizem até que está amigado, em terra, com uma rapariga.

— Amigado?...

— Sim, amigado, um pitorra daquele. É o que dizem, eu não sei.

Bom-Crioulo tomava sentido, cheio de interesse, dominando-se, abafando uma golfada de palavrões, uma onda de cólera, que estava quase a irromper-lhe da boca. Desesperava. Na tépida penumbra da enfermaria o seu olhar tomava uma expressão dolorida e úmida, como o olhar de um naufrago perdido no círculo imenso das águas. Era uma tempestade surda e impenetrável, um desabar de todas as crenças, de todas as ilusões, de todas as forças que mantêm o equilíbrio de uma natureza humana em revolta...

— O Santana, esse desertou, foi-se embora, ninguém sabe para onde. Também, coitado! apanhava que nem boi ladrão. Era um pobre-diabo...

Trocaram ainda algumas palavras. Herculano contou episódios íntimos de bordo, muito loquaz, muito verboso; e como já fosse noite:

— Adeus, Bom-Crioulo, que eu me vou chegando. Estimo que fiques bom, hein! que fiques completamente bom. Eu lá estou, na corveta, para o que quiseres. Boa noite!

— Boa noite, murmurou o negro com uma voz triste e profunda, quase lúgubre.

Acendiam-se as estrelas no céu muito alto e de uma limpidez outonal...

Bom-Crioulo não pensou em dormir, cheio, como estava, de ódio e desespero. Ecoavam-lhe ainda no ouvido, como um dobre fúnebre, aquelas palavras de uma veracidade brutal, e de uma rudez pungente:

— “Dizem até que está amigado!”

Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração: ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão bom!... Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contacto de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não ele, Bom-Crioulo!...

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo, rendido, a seus pés, como um animalzinho; agora é que lhe renasciam ímpetos vorazes de novilho solto, incongruências de macho em cio, nostalgias de libertino fogoso... As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava amanhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. Agora sim, fazia questão! E não era somente questão de possuir o grumete, de gozá-lo como outrora, lá cima, no quartinho da rua da Misericórdia: — era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer... Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas... E havia de tê-lo, custasse o que custasse!

Decididamente ia realizar o seu plano de fuga essa noite, ia desertar pelo mundo à procura de Aleixo.

Inquieto, sobreexcitado, nervoso, pôs-se a meditar. O grumete aparecia-lhe com uma feição nova, transfigurado pelos excessos do amor, degenerado, sem aquele arzinho bisonho que todos lhe admiravam, o rosto áspero, crivado de espinhas, magro, sem cor, sem sangue nos lábios... Pudera! Um homem não resiste, quanto mais uma criança! Aleixo devia de estar muito acabado; via-o nos braços da amante, da tal rapariga — ele novo, ela mocinha, na flor dos vinte anos —, via-o rolar em espasmos luxuriosos, grudado à mulher, sobre uma cama fresca e alva — rolar e cair extenuado, crucificado, morto de fraqueza... Depois a rapariga debruçava-se sobre ele, juntava boca à boca num grande beijo de reconhecimento. E no dia seguinte, na noite seguinte, a mesma cousa.

Bom-Crioulo desnor-teava. Inconscientemente era arrastado para um mundo de idéias vagas que o não permitiam tomar uma solução pronta, definitiva. Só uma idéia conservava-se firme e clara em seu espírito: fugir, fugir quanto antes, não esperar mais nem um segundo, romper os diques de seu isolamento e amanhecer na rua, no meio da cidade, longe do hospital, "desse hospital de merda!"

Seus cálculos não podiam falhar. Deixava uma janela aberta, pretextando calor, arumava a trouxa... — qual trouxa! nem era preciso trouxa! — e, alta noite, descia por um cabo. As janelas que davam para os Órgãos ficavam sobre um terreno anfractuoso, espécie de ladeira bronca, meio íngreme, despenhando para umas oficinas e estaleiros que havia embaixo, na ilha. Não eram, porém, tão altas que se não pudesse, embora dificilmente, com agilidade, tentar uma escalada. E Bom-Crioulo não seria o primeiro; antes dele, outros haviam desertado por ali. Contava-se de um que rolara a montanha, sendo encontrado quase morto ao pé de uma árvore, o corpo todo cheio de pisaduras, vertendo sangue pelo nariz; veio a morrer da queda, que lhe produzira uma doença grave na espinha.

O negro não teve dúvida; ergueu-se (era uma hora da madrugada), foi à *casinha*, para não dar a perceber, amarrou na cintura uma navalha

de marinheiro: que o acompanhava sempre, vestiu, por baixo da roupa branca de doente, a camisa de gola, e voltou cauteloso, perscrutando o silêncio e a escuridão. Depois, foi tudo rápido: deu volta ao cabo na janela, um cabo grosso trançado, e — ... que os pari! — saltou fora. Uma escuridão medonha na baía e um silêncio de arrepiar cabelo. Era a hora do sono forte, do sono pesado. As sentinelas bradavam, de instante a instante, o seu prolongado — alerta! que o eco repetia no mar e em terra. Nenhuma outra voz, nenhum outro sinal de vida. A cidade iluminada, estrelada de luzes microscópicas, era como vasta necrópole na lúgubre inquietação da noite.

Bom-Crioulo sentia um friozinho brando, um leve bafejo matinal arrepiar-lhe a nuca. Dirigiu-se tateando, tateando, rente com o paredão do hos-pital, sem olhar pra trás, sem ver nada. Tinha examinado bem o terreno antes de se aventurar; por esse modo, caminhando naquele rumo, ia direito a uma descida pouco escabrosa. Embaixo ficava o dique. Era preciso muita cautela, muito jeito para não precipitar-se. Foi indo, foi indo, ora agachado, ora em pé, segurando aqui, segurando acolá, às apalpadelas, e pôde enfim ... que os pari! — chegar ao cais, à beira d'água, sem o mais leve aranhão. Dava meia hora na Candelária — uma pancada sonora e cheia, que reboou longe, soturnamente, acordando os ecos. — “Faltava atravessar o canal, pensou Bom-Crioulo, medindo com o olhar a extensão líquida que separava o arsenal da ilha. Paciência, um pouquinho de paciência. Devagar...”. Encolheu-se todo por trás de um guindaste, reflexionando. — Ia dali rente para o sobrado; queria ver como estava *aquilo*, queria fazer uma surpresa ao senhor Aleixo. E a portuguesa? Já se não lembrava dela!... É verdade, a portuguesa?...

Um relâmpago, uma dúvida passou rápida em seu espírito, deslumbrando-o: — Qual! Não era possível!... Que tolice!...

O friozinho aumentava. O relógio da Candelária, sonoro e profundo, badalou duas horas. Bom-Crioulo ergueu a vista para o céu: — as estrelas palpitavam; a via-láctea resplandecia, branca e tortuosa, na infinita serenidade da noite. Defronte, no arsenal, erguia-se o perfil de uma grande chaminé sombria. A água marulhava no cais monotona-mente, em seu eterno fluxo e refluxo. — Alerta! bradavam as sentinelas a cada instante, na ilha, no arsenal, na Alfândega, nos trapiches. Em toda parte o mesmo silêncio, a mesma quietação, a mesma calma profunda.

A noite parecia não acabar, não ter fim: era como uma eternidade. Arrastado pela maré, um objeto ia flutuando águas abaixo, vagarosamente. — Algum trapo velho, pensou o negro, talvez mesmo, quem sabe? algum “corpo”...

E nada de darear, nada de amanhecer; já se ia impacientando! Que diabo fazia ele que não tomava uma resolução? Era pra isso que tinha fugido, pra estar ali de boca aberta, caindo de sono? Mas não havia remédio senão esperar, não havia outro jeito. Ir a nado? Qual! E as sentinelas?... Paciência, paciência...

Duas horas no relógio da Candelária. Apenas uma voz bradou, longínqua e desolada, sem eco: — Alerta!

Bom-Crioulo recostou a cabeça no guindaste, bêbedo de sono, um peso nas pálpebras, uma indisposição no corpo; e, não obstante as "coceiras", que aí vinham-lhe subindo nas pernas, como um formigueiro, adormeceu ao rumorzinho da água no cais.

Quando ergueu a vista, momentos depois, era quase dia. Começava o tumulto de escaleres e catraieiros para o lado da Alfândega. Ouvia-se barulho de remos e o arquejar de uma lancha deitando vapor fora. Os Órgãos, indistintos ainda na meia sombra do alvorecer, iam pouco a pouco evidenciando a sua bela configuração de harmônio colossal. Uma ou outra luzinha pálida no anfiteatro da cidade. Tinha-se apagado a iluminação. No mosteiro de S. Bento um sino fanhoso vibrava matinas desde as três horas, insistentemente, num alvoroço de igreja d'aldeia que acorda proclamando os triunfos da cristandade. A bordo, nos navios de guerra, cornetas preludiavam o hino do amanhecer. Do outro lado da baía, em Niterói, uma névoa fina, transparente, como a evaporação de um grande lago, fraldejava as montanhas, ocultando a paisagem de um extremo a outro. E lá fora da barra, para além do Pão d'Açúcar, um listão cor-de-rosa pouco a pouco ia-se tomando mais vivo, mais fulgurante no céu lívido...

Bom-Crioulo circunvagou o olhar, muito admirado, muito surpreso, como se estivesse num lugar estranho, e a primeira palavra que lhe veio à boca foi uma obscenidade: — "... que os pariu! Ia-se desgraçando!... Mãos à obra! Felizmente ainda não era dia claro..."

Nenhum bote, nenhuma embarcação ali perto, no canal. O movimento era todo na vizinhança da Alfândega, no cais dos Mineiros. Passavam escaleres de guerra: Bom-Crioulo escondia-se para não ser visto. — Diabo! diabo! Tudo por causa de um grumetezinho!...

De repente, ouviu barulho n'água — aproximou-se: era um bote de ganho.

— "Até que enfim! Ora até que enfim!"

A pequena embarcação vinha-se, chegando para a ilha, sem toldo, remada por um galego de suíças, meio velho. Trazia à popa, no recosto do paineiro, o dístico — *Luís de Camões* —, por cima de uma figura a óleo, que tanto podia ser a do grande épico, como a de qualquer outra pessoa barbada, em cuja frente se houvesse desenhado uma coroa de louros. Nessa infame garatuja, o poeta tinha o olho esquerdo vazado, o que, afinal de contas, não interessava ao negro.

— Quer me levar ao cais? perguntou Bom-Crioulo ao português.

— É já! disse o homem atacando. O *Luís de Camões* não dorme.

— Vamos.

— Pode embarcar.

— Upa!

E, com um salto, Bom-Crioulo embarcou. Estava, enfim, livre de perigo; — "... que os pariu!"

Daí a instante perdia-se no labirinto da cidade, marchando no seu

passo largo, muito desenvolto, quebrando ruas, dobrando esquinas, "bordejando"... Estava um dia lindo, lindo! um dia de galas no azul e nas montanhas, um dia de liberdade!

Quase nenhum movimento ainda na rua da Misericórdia; sujeitos mal vestidos, operários e ganhadores, desciam com um ar miserável e bisonho de ovelhas mansas que seguem fatalmente, num passo ronco, numa lentidão arrastada, numa quase indolência de eunucos. A vaca do leite, com as grandes tetas pesadas, um chocalho ao pescoço, ia no seu giro quotidiano, muito dócil, o ventre bojudo, uma baba a escorrer-lhe do focinho em fios d'espuma. A carrocinha do lixo, pintada de azul, andava na sua faina matinal, parando aqui, parando acolá.

Nenhum esto de vida quebrava a monotonia do quarteirão, somente o ruído dos bondes e uma ou outra voz falando alto. Pairava um cheiro forte de urina, assim como uma emanção agressiva de mictório público, envenenando a atmosfera, intoxicando a respiração. Os primeiros reflexos do sol batiam nas vidraças obliquamente acordando os moradores; colorindo a frente das casas em pinceladas de ouro, dando brilhos de cristal puro ao granito dos portais, doendo na vista como fulgurações quentes de revérbero; e já se começava a sentir um calorzinho brando, uma tepidez morninha, um princípio de mormaço.

Abriam-se botequins preguiçosamente, lojas de negócio, estabelecimentos de madeira, carvoarias, quitandas.

O movimento, porém, aumentava com a luz; multiplicavam-se os transeuntes numa confusão bizarra de cores e *toilettes*: daqui, dali, surgiam caras estranhas, fisionomias amarrotadas pelo sono, como abelhas de um cortiço.

A vida recomeçava.

Bom-Crioulo foi encurtando o passo, diminuindo a marcha, calculando a distância, lento e lento, rumo do sobradinho. Já o avistava: era o mesmo de outrora, o mesmíssimo, com as duas janelas da frente, com o seu aspecto antigo, do tempo del-rei, e lá, no alto, lá cima, no telhado, a trapeira sumindo-se, enterrando-se, dependurada quase...

Veio-lhe um não sei quê, uma saudade, como cousa que lhe entrasse n'alma, a dor de uma ingratidão muito velha, quase apagada. Sim, a dor de uma ingratidão: ali é que ele se juntara ao outro com uma confiança de noivos; ali é que ele tinha passado o melhor da sua vida; ali é que ele tinha aprendido a amar, a "querer bem"...

E murmurava entre dentes, banhado no eflúvio das suas reminiscências, levado pelo fio inquebrantável das doces recordações: — "Aquele sobradinho, aquele sobradinho!..."

Lembrava-se claramente, nitidamente, de quando ele e o pequeno voltaram do *cruzeiro* e lá foram juntinhos, para o quarto de cima, onde

morrera, dias antes, o português, de febre amarela. Oh! tinha tudo na cabeça; lembrava-se bem: a primeira noite, os modos ingênuos de Aleixo, a cena da vela... — tudo estava gravado em sua imaginação, tudo!

Enchiam-se-lhe os olhos d'água, turvava-se-lhe a vista, nem era bom pensar...

Bom-Crioulo sentia-se mais do que nunca abandonado, mais do que nunca lhe doía fundo o desprezo do grumete, esse desprezo calculado, proposital, voluntário, com que Aleixo o esmagava, o ludibriava impunemente. — "Ah! era assim, hein? Pois havia de lhas pagar hoje ou amanhã. A gente é como um copo d'água: vai-se enchendo, vai-se enchendo, até não poder mais!"

Faiscavam-lhe as réguas como duas brasas, como dois fogachos, por trás da névoa úmida das lágrimas; todo ele vibrava, todo ele tremia, como um epilético: vinham-lhe cóleras, ímpetos, aflições... Quase não se podia conter diante daquela casa, que era como o túmulo mesmo das suas ilusões. Transfigurava-se, enlouquecia de ódio, espumava de cólera, de raiva, de ciúme! O aspecto das cousas, o mundo exterior, a gente que passava para o trabalho, tudo quanto seus olhos viam naquela hora de amargura, o próprio sol, a própria luz torrencial do dia causava-lhe um tédio imenso; arrancando-lhe blasfêmias da boca entreaberta num sorriso agoniado e convulso. Não tinha coragem de fitar, de demorar os olhos no sobradinho: baixava-os logo gelado: — "Era ali mesmo, tal e qual!"

Começou, de repente, a sentir uma zozada no ouvido, um rumor vago de insetos, uma cousa desagradável, incômoda e amofinadora; tremiam-lhe as pernas; ia-lhe faltando a respiração. Era um mal-estar, um nervoso, uma aflição, um delírio, um vago desejo de matar, de assassinar, de ver sangue... Passou a mão nos olhos, trêmulos, encostando-se à coluna de um gás; quase não podia ter-se em pé: estava sem forças, o hospital enfraquecera-o, debilitara-o horrorosamente, o "maldito hospital". — "Nunca mais havia de lá pôr os pés, nunca mais!"

A porta do sobrado estava fechada; em cima, a meia vidraça de uma janela conservava-se aberta; nem parecia morar gente ali: uma imobilidade sepulcral, desoladora!

Bom-Crioulo rodou nos calcanhars, atônito, sem consciência do meio em que estava, o olhar perdido ao longe, na rua, e foi andando, andando, muito devagar por ali acima.

De repente: — "Ah! a padaria!" Já se não lembrava; era a mesma também, a mesmíssima, com o seu grande letreiro na fachada — *Padaria Lusitana*, com as suas três portas, debaixo de um sobrado, quase defronte da portuguesa. Vinha lá dos fundos um cheiro bom de massa, um apetitoso cheiro de pão quente.

Enfiou pelo estabelecimento, e, sem reflexionar, dirigiu-se ao empregado, um muito vivo, rapazola, que, pelos modos, parecia de além-mar.

— O senhor sabe me dizer se ainda mora ali defronte, no sobradinho, uma portuguesa?

— D. Carolina?

— Essa mesma: uma gorda, bonitona...

— Mora, pois não! disse o outro com um quê de malícia nos olhos.

— E um rapazinho, marinheiro, de olhos azuis...?

— Também. Acordam tarde. Ultimamente a porta vive fechada. Costumam sair juntos à noite...

— Saem juntos?

— Pois não! A mim me parece que o menino é bem esperto...

Bom-Crioulo estremeceu. Ia saber tudo, agora, pela boca do caixeiro: a ocasião era a melhor, porque o dono do estabelecimento andava fora.

— O senhor não estará enganado? tornou ele, muito curioso, precipitadamente, numa voz quase humilde, o olhar grudado no rapaz.

E entrou a explicar, a dizer como era a portuguesa, como era o marinheiro: — Uma gorda, bonitona, muito vistosa, d'olhos grandes, que alugava quartos...

— Essa mesma, homem!

— O outro não tinha barba, era meio criança ainda, olhos azuis, muito alvo, bonitinho...

— Exatamente, informou o caixeiro. Foram ao teatro, ontem, à *Tomada da Bastilha*. Conheço muito a D. Carolina. Dizem até que está amigada com o pequeno...

Quase as mesmas palavras do Herculano! A mesma história de mulher! Bom-Crioulo ficou imóvel, calado, perdido nas suas idéias. — Aleixo amigado com a portuguesa, com a D. Carolina! Era inacreditável, era um desaforo sem nome, um desrespeito, uma falta de vergonha, um escândalo!

— Está admirado? perguntou o rapaz fitando o negro, cujo olhar tinha agora uma dolorosa, uma extraordinária, uma indizível expressão de melancolia e surpresa. Não se admire, não, que é o que todos dizem...

E logo, interrompedo-se, com o braço estendido:

— Olhe, nem de propósito: aí vem ele, o pequeno...

Aleixo ia saindo porta fora tranqüilamente, apertado na sua roupa azul e branca de marinheiro, a camisa decotada, a calça justa.

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um — oh! rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, trespvairado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro. Precipitou-se, e, esbarrando com o grumete, fintou-o pelo braço.

Tremia numa crise formidável de desespero, os olhos congestionados, um suor frio a porejar-lhe da testa negra e reluzente.

O pequeno estacou surpreendido:

— Sou eu mesmo, rugiu Bom-Crioulo, sou eu mesmo! Pensavas que era só meter-te com a portuguesa, hein? Olha para esta cara, olha como estou magro; como estou acabado... Olha, olha!

E apertava bruscamente o outro, sacudindo-o como se o quisesse atirar ao chão.

— Vê lá se me conheces, anda! Olha bem para esta cara!

O efebo debatia-se, pálido, aterrado:

— Me largue! Não me provoque, senão eu grito!

— Anda pr'ái, grita, se és capaz! Grita, safado, sem-vergonha... mal-agradecido!

Sua voz tomava uma inflexão voluptuosa e terrível ao mesmo tempo; a palavra saía-lhe gaguejada, estuporada e trêmula.

— Grita, anda!

O outro mudava de cores, recuava, trôpego, a língua presa, quase a chorar, numa aflição de culpado, o olhar azul submisso refletindo a imagem do negro:

— Me largue, repetiu. Eu lhe peço: me largue!

Transeuntes olhavam-nos de banda e voltavam-se para os ver naquela posição, rosto a rosto, juntinhos, agarrados misteriosamente. Porque Bom-Crioulo não falava alto, que todos ouvissem, não dava escândalo, não fazia alar-me: sua voz era um rugido cavernoso e histérico, um regougo abafado, longínquo e profundo.

— Grita, anda, grita pela vaca da Carolina!

— Me solte! continuou o efebo trêmulo, acovardado. Me largue!

— Não te largo, não, cousinha ruim, não te largo, não! Bom-Crioulo, este que aqui está, não é o que tu pensas...

— Mas eu não fiz nada! Me solte, que é tarde!

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado.

Um sujeito parou defronte, a olhá-los; vieram depois outras pessoas, outros curiosos; um marinheiro da Capitania, um italiano carregado de flandres, um guarda-municipal, crianças, mulheres...

Houve logo um fecha-fecha, um tumulto, um alvoroço. Trilaram apitos; vozes gritavam — rolo! rolo! e a multidão crescia no meio da rua, procurando lugar, empurrando, abrindo caminho, precipitando-se, formando um grande círculo de gente ao redor dos dois marinheiros, invisíveis agora.

Os bondes paravam. Senhoras vinham à janela, comendo os cabelos, numa ânsia de novidade. Latiam cães. Um movimento cheio de rumores, uma balbúrdia! Circulavam boatos aterradores, notícias vagas, incompletas. Inventavam-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. Cada olhar, cada fisionomia era uma interrogação. Chegavam soldados, marinheiros, policiais. Fechavam-se portas com estrondo.

Alguna cousa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

— Abre! abre! diziam soldados erguendo o reflexo.

De cima, das casas, mãos apontavam pra baixo.

E D. Carolina, que também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensangüentado...

— Jesus! Meu Deus!

Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu-lhe um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel.

Muitas vistas dirigiam-se para o sobradinho.

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinham grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de *ver*, uma irresistível atração, uma ânsia!

Ninguém se importava com "o outro", com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam "*ver* o cadáver", analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...

Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.

GLOSSÁRIO

A

- Abespinhado** Amontoado, como uma aglomeração de vespas (fig.). (De a+*vespa*+inhar.)
- Abrir (de proa)** Variar a marcação, afastando-se da proa da embarcação.
- Acaçapado** Achatado.
- Afrodisíaco** Excitante dos apetites sexuais.
- Alheta** A direção que fica a meio caminho entre o *través* (cabo de amarração disposto perpendicularmente ao plano longitudinal) e a popa.
- Amichelar** Atar com os *michelos*: cabos pequenos, terminados de um lado por um olhal, e de outro por um chicote, que servem para conservar verticais as vergas* ou mastaréis* que têm que ser içados ou arriados.
- Andarivelo** O mesmo que *andrebelo*: cabo dos mastaréis* e vergas*.
- Aqui-del-rei** Interjeição que se usava para pedir socorro. (Forma abreviada de *Acudam aqui os guardas del-rei!*)
- Ariete** Protuberância muito resistente que certos navios de guerra antigos tinham na parte exterior da roda de proa, para romper a quilha* de navios adversários; esporão.
- Artilheria** Ciência que ensina as regras para utilização do material de *artilheria*: conjunto de peças, canhões e mais bocas-de-fogo para lançar projéteis a grande distância. (Forma dicionarizada: artilharia.)

N. do E.* Este sinal indica que o termo aparece, em ordem alfabética, dentro do glossário.

(em) Árvore seca Navegar com o mastro sem vela ou com vela ferrada por causa da violência do temporal.

B

- Barriga-verde** Catarinense.
- Basilisco** Espécie de lagarto a que os antigos atribuíam a virtude de matar com o simples olhar.
- Bateria** Conjunto de canhões de características idênticas ou de idêntica finalidade instalados a bordo de um navio de guerra.
- Beribéri** Doença endêmica resultante de carência de vitamina B1, e que se caracteriza por anemia e dores neurálgicas.
- Birala** Meretriz.
- Bistre** O roxo das olheiras.
- Bombordo** O lado esquerdo da embarcação, considerando-se a proa como a sua frente.
- Bordejar** (Fig.) Andar em ziguezague (como um navio cuja direção é mudada freqüentemente).
- Boreste** O lado direito da embarcação para quem, da popa, olha para a proa.
- Borla** Rodela ou disco ornamental no topo dos mastros ou de paus de bandeira.
- Borzegum** Botina cujo cano é fechado com cordões.
- Breu** Espécie de bote que atraca aos vapores mercantes para vender fruta.
- Bródio** Refeição alegre.
- Bujarrona** Vela triangular içada entre o mastro de frente e a proa da embarcação.

Cabrocha	Mulato.
Caligem	Obscurecimento da visão.
Calipígio	Que tem belas nádegas.
Cantárida	Beberagem usada como afrodisíaco*.
Capitão-de-már-e-guerra	Posto da armada entre o de capitão-de-fragata e o de contra-almirante.
Carregação	Doença, afecção; aparecimento simultâneo de várias doenças venéreas.
Casamata	Parapeito encouraçado fixo na estrutura do navio, e que serve de proteção a um canhão de pedestal e à guarnição deste; abrigo subterrâneo abobadado e blindado.
Casinha	Recinto ou dependência de casa com vaso ou escavação no solo, onde se evacua; latrina.
Castelo	Parte mais alta do convés do navio.
Catraieiro	Tripulante de uma <i>catraia</i> (pequeno barco tripulado por um homem); barqueiro.
Caturrar	Mergulhar a proa, no balanço longitudinal.
Cevar	Satisfazer, saciar, fartar.
Ciar	Remar para trás.
Ciclopicamente	(Fig.) De modo intenso, impetuoso, gigantesco. De <i>Cíclope</i> : gigante com um só olho na testa.
Clownerie	Acrobacia de palhaço.
Concupiscência	Apetite sexual.
Constipação	Resfriado.

Corveta	Antigo navio de guerra de três mastros, menor do que a fragata; pequeno navio rápido, menor que o contratorpedeiro.
Couraçado	Navio de guerra revestido de couraça de ferro ou aço, com máximo poder ofensivo e defensivo, e grande raio de ação.
Crisólito	Pedra preciosa da cor do ouro.
Cruzador	Navio de guerra veloz, destinado à vigilância em alto-mar contra ataques dos adversários.
Culatra	Parte posterior de uma arma de fogo.
D	
Debicar	Zombar, escamecer.
Dês	O mesmo que <i>desde</i> .
E	
Efebo	Rapaz que chegou à puberdade.
Encandear	Ofuscar.
Enfrechate	Cada um dos degraus formando escada para que por ela possa subir ao mastro o pessoal empregado na manobra de um veleiro.
Erotômano	Aquele que sofre de <i>erotomania</i> : delírio produzido pelo amor sensual.
Escaler	Embarcação miúda, impelida a remo ou à vela, destinada a executar serviços de um navio.
Escotilha	Abertura no convés do navio.

Escrófuloso	Aquele que sofre de <i>escrófulas</i> : tumores ganglionares de natureza tuberculosa.
Escuna	Antigo navio à vela.
Espartano	Austero, rigoroso, severo (Referência aos rígidos costumes da cidade grega de Esparta).
Estafermo	Coisa sem préstimo, inútil.
Estafeta	Correio a cavalo.
Estai	Qualquer dos cabos que agüentam a mastreação* para frente.
Esto	Agitação, ruído.
Estoutro	O mesmo que <i>este outro</i> .
Eunuco	Homem castrado que, no Oriente, era guarda dos haréns. Homem privado dos testículos ou dos órgãos genitais externos. (Fig.) Homem impotente.

F

Far-niente	(em italiano: <i>fazer nada</i>). Ócio.
Fiel d'artilheria	Praça encarregada do paiol de pólvora e projéteis.

G

Gajeiro	Nos navios à vela, marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, zela por ele e dirige os trabalhos que nele se executam.
Galé	Condenado cuja pena era remar em <i>galé</i> : antiga embarcação de guerra que emergia pouco acima da água impelida basicamente por grandes remos

- (15 a 30 por bordo, manejado cada um por três a cinco homens).
- Galera** Antigo navio à vela.
- Galvânico** (Fig.) Convulsivo.
- Garatuja** Desenho malfeito, tosco, de pouca importância.
- Gávea** Espécie de guarita ou plataforma assente em uma roda de tábuas no alto de um mastro; vela que ocupa o lugar imediatamente superior à grande.
- Giba** Vela triangular.
- Golilha** Argola pregada em poste, à qual se prendia alguém pelo pescoço.
- Gota** Denominação popular do ataque de epilepsia.
- Grumete** Marinheiro de graduação inferior na armada.

H

- Harmônum** Pequeno órgão (instrumento musical); harmônio.
- Hermafroditismo** Condições de *hermafrodito*, ser que reúne em si os caracteres e os órgãos dos dois sexos. Do antropônimo Hermafrodito (filho de Hermes, e Afrodite). Fig.: refere-se ao comportamento tipicamente "masculino", assumido por D. Carolina em relação ao frágil Aleixo.

- Idiosincrasia** Maneira pessoal de ver e reagir às coisas.

J

Joanete Vela que fica logo acima da gávea*.

L

Lambaz Molho de fios de careta, formando uma espécie de vassoura que se emprega a bordo para enxugar os conveses, as anteparas, etc.

M

Maduro Bebida fermentada, feita de *cabai* (mel que purga das formas de açúcar e corre para o tanque onde é recolhido) misturado com água.

Malacacheta Nome vulgar da *mica*: pedra composta de lâminas finas, com brilho metálico, argenteado ou bronzeado.

Malagueta Pino de metal que se prende verticalmente em um mastro, a fim de nele dar-se volta a *cabos de laborar* (cabos que trabalham em poleame com roldana).

Maruja Marinhagem.

Mastaréu Mastro suplementar fixado ao mastro real para aumentar-lhe a *guinda* (altura).

Mastreação O conjunto dos mastros de uma embarcação.

Mezena Último mastro, à ré, dos navios de quatro mastros.

Miasma Emissão fétida oriunda de animais ou plantas em decomposição.

Moltão Polcame que consiste numa caixa de madeira ou de metal dentro da qual trabalha uma roldana.

(*Poleame*: conjunto de todas as peças destinadas à passagem ou ao retorno dos cabos.)

- Monodia** Canto a uma só voz.
- Morbidez** Enfraquecimento doentio.

O

- Obumbrado** Encoberto.
- Offenbachiano** Relativo a Offenbach, Jacques (1819-1880), compositor nascido em Colônia, naturalizado francês, morto em Paris; autor de um grande número de operetas. A invenção melódica, a graça e a espontaneidade conferem um caráter de extrema originalidade às suas composições.
- Otelo** Personagem da tragédia do mesmo nome, uma das obras-primas de Shakespeare (1604). Otelo, general mouro, a serviço de Veneza, esposo da bela e virtuosa Desdêmona, mata-a num acesso de infundado ciúme; provocado pela astúcia de Iago. O nome Otelo é atribuído a qualquer homem de caráter ferozmente violento.
- Out-rigger** Barco de regata.

P

- Paineiro** Espaço situado na parte de ré de uma embarcação miúda, guarnecido de bancadas em volta, para assento dos passageiros; soalho móvel dessa parte. (Forma dicionarizada: *paineiro*.)
- Pândega** Extravagância, estroinice, doidice.
- Patescaria** Ato ou procedimento de *patesca*: marinheiro que gosta da vida de bordo e pouco vem a terra.

- Patológico** Relativo à *patologia*: parte da medicina que se ocupa das doenças, suas origens, sintomas e natureza. Doentio.
- Pé-de-alferes** Namoro.
- Pederasta** Homossexual.
- Petit-jesus** Expressão que sugere delicadeza, fragilidade, ingenuidade.
- Pincho** Pulo, salto.
- Pitorra** Pessoa atarracada.
- Pletora** Congestão generalizada; aumento de volume sanguíneo, que provoca distensão anormal dos vasos.
- Portaló** Abertura feita no costado de navio mercante de grande porte, por onde o pessoal entra a bordo e sai de bordo, ou por onde passa a carga leve.
- Praça d'armas** Refeitório dos oficiais; assim chamado porque era aí que outrora se guardavam as armas portáteis de que dispunham os navios de guerra.
- Priapo** O deus greco-romano da procriação, adorado pelos antigos como símbolo da fecundidade da natureza; personifica a virilidade.
- Prognatismo** Projeção anormal das maxilas para a frente.
- Q**
- Quarto** Espaço de tempo em que alguns marinheiros, alternadamente, velam enquanto outros descansam; plantão.
- Quilha** Peça estrutural básica do casco de uma embarcação.
- Quillotado** Enegrecido pelo fumo.

- R**
- Refle** Espingarda curta, espécie de bacamarte; sabre-baioneta usado nas forças policiais.
- Regougar** Dizer com voz áspera, resmungar.
- Rembrandtesco** Relativo a Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), gravador e desenhista holandês. Brilha pelo vigor e riqueza do pincel, pela ciência do claro-escuro, cuja multiplicidade de recursos foi o primeiro a mostrar, pela vida das camações, vigor das sombras e brilho da luz.
- Rizar** Amarrar com rizes parte de uma vela, depois de enrolada ou dobrada, para diminuir a superfície exposta ao vento.
- Ronceiro** Vagaroso, lento.
- Ror** Grande quantidade. (De *horror*, com aférese.)
- S**
- Salmodia** Monotonia.
- Salseiro** Aruaça, rolo, confusão.
- Sobre** Qualquer vela redonda que fica acima do joanete*. (Forma reduzida de *sobrejoanete*.)
- (ã) Socapa** Com disfarce, furtivamente.
- Sodoma** Cidade da antiga Palestina, célebre por sua riqueza, destruída pelo fogo, juntamente com Gomorra, Seboim, Adama, por causa da depravação de seus habitantes.
- Sota de proa** O remador da segunda bancada a contar da proa; sota-proa.
- Sueste** O vento que sopra da direção sueste. Chapéu ou capa de oleado, próprios de marinheiros.

T

Talim Correia a tiracolo, à qual se prende a espada ou outra arma; cinturão.

Tantálico Relativo a Tântalo, figura lendária, cujo suplício, por haver roubado os manjares dos deuses para dá-los a conhecer aos homens, era estar perto de água, que se afastava quando tentava bebê-la, e sob árvores que encolhiam os ramos quando lhes tentava colher os frutos.

Tarimba Vida de caserna; vida de soldado.

Té Forma aferética de *aié*.

Titã Na mitologia grega; nome de cada um dos gigantes gerados por Urano (céu) e Géia (terra).

Tolda Parte do convés principal situada entre o mastro grande e o *tombadilho*: superestrutura levantada à popa, sobre a coberta superior, e destinada a câmaras e alojamentos.

Trapiche Armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para exportar.

Traquete A vela redonda.

U

Uranista Aquele que tem *uranismo*: inversão sexual, sobretudo no homem, quando os órgãos sexuais não apresentam nenhum vício de conformação. (De Urânia, epíteto de Vênus.)

V

Vau Traves em que se assenta a coberta dos navios; paus cruzados nas gáveas*.

Verga Peça de madeira ou de ferro, atravessada no mastro, na qual se prende a vela.

X

XPTO Abreviatura medieval do nome de Cristo que, hoje, designa coisa ou qualidade excelente; formada pelas letras gregas khi(ch/X), rô(R), tau(T) e omicron(O).

Z

Zanzibar Ilha da costa oriental da África, a qual, juntamente com Tanganica, forma a atual República Unida de Tanzânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DICIONÁRIO enciclopédico luso-brasileiro Lello Universal. Porto, Lello e Irmão, s.d..

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa, Portugal-Brasil, 1926.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, Bloch, 1972.

BIBLIOGRAFIA

1. Obras do Autor

1887 — *Judite* (contos)
Lágrimas de um crente (contos)

1892 — *A normalista* (romance)

1894 — *No país dos ianques* (viagens)

1895 — *Bom-Crioulo* (romance)
Cartas literárias (crítica)

1896 — *A tentação* (romance)

Inéditos e inacabados: Versos, pequenos contos, *Ângelo* e *O imigrado* (romances)

2. Sugestões de leituras sobre o Autor

ARARIPE Júnior, T. de A. Naturalismo e pessimismo. In: ———. *Obra crítica*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1959. v. 1. p. 469-480.

BROOKSSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

CAVALCANTI, Valdemar. O enjeitado Adolfo Caminha. In: HOLANDA, Aurélio Buarque de (coord.). *O romance brasileiro de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1952. p. 179-190.

DANTAS, Paulo. Adolfo Caminha, escritor revolucionário. *Rev. Brasileira*. São Paulo, 1 (8): 94-103, nov./dez. 1956.

FRY, Peter. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances realistas. In: EULALIO,

Alexandre et alii. *Caminhos cruzados*. São Paulo, Brasiliense, 1982. 33-52.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Adolfo Caminha. In: ———. *História da literatura brasileira; prosa de ficção — de 1870 a 1920*. 3. ed. p. 168-176.

MONTELLO, Josué. A ficção naturalista. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1969. v. 3. p. 63.

PACHECO, João. *O realismo*. São Paulo, Cultrix, 1971. p. 141.

SABÓIA RIBEIRO. *Roteiro de Adolfo Caminha*. Rio de Janeiro, São José, 1957.

SODRÉ, Nélson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

SUSSEKIND, Flora. Adolfo Caminha e seus exteriores. In: ———. *Tal Brasil, qual romance?; uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984. p. 137.



Ninguém volta o mesmo de uma viagem. Nem mesmo Amaro. A salvação está no espetáculo da baía revisitada, na cidade com seus fregues, quiosques e suas casas com mulheres, onde a natureza é aplacada e, no mais das vezes, enganada. Entretanto, Amaro encontra-se perdido na cidade: a paisagem é móvel, não há a ordem clara, visível, do convés: oficiais, o negro Agostinho chicoteador e ele, o mais forte, o mais homem. Em terra, a ordem reflui, falta, e ele quer restabelecê-la com seus braços. Assim, a cidade é um convite à briga, à bravata, ao heroísmo, em que Amaro deve ser mais que os outros, estar diferenciado, libertado: ex-escravo que todos temem e homem que, sozinho, assusta-se consigo mesmo.

Adolfo Caminha é acima de tudo um mal-adaptado ao cinismo e à hipocrisia, por isso consegue ser tão fiel aos conflitos humanos. Ao longo da vida, não se cansou de ferir as normas: manifestos contra a chibata, a fuga com uma mulher casada, a recusa em aceitar ordens do ministro da Marinha, a exoneração, a vida literária conturbada, em suma, um espírito não disposto à conciliação, à transação com tudo que considera falso.

Do prefácio de Francisco C. Teixeira da Silva

RIO Prefeitura
da Cidade

Secretaria Municipal de
Cultura, Turismo e Esportes

96-17-9

ISBN